

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JULIANA VAZ DA SILVA NUNES**

**ENTRE O ALTAR DA CÂMARA E O PLENÁRIO DA IGREJA:**  
**POLÍTICOS EVANGÉLICOS NA CIDADE DE CATALÃO-GO**

**UBERLÂNDIA-MG**

**2017**

**JULIANA VAZ DA SILVA NUNES**

**ENTRE O ALTAR DA CÂMARA E O PLENÁRIO DA IGREJA:  
POLÍTICOS EVANGÉLICOS NA CIDADE DE CATALÃO-GO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFU – Universidade Federal de Uberlândia, como exigência final para obtenção do título de Mestre em Ciências sociais.

Linha de pesquisa: Política, cultura, trabalho e movimentos sociais.

Orientadora: Profª. Dra. Patrícia Vieira Trópia

**UBERLÂNDIA-MG**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

N972e  
2017      Nunes, Juliana Vaz da Silva, 1990-  
            Entre o altar da Câmara e o plenário da igreja : políticos evangélicos  
            na cidade de Catalão-GO / Juliana Vaz da Silva Nunes. - 2017.  
            115 f. : il.

Orientadora: Patrícia Vieira Trópia.  
Coorientador: Edilson José Graciolli.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.  
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2017.2>  
Inclui bibliografia.

1. Ciências sociais - Teses. 2. Religião e política - Catalão (GO) -  
Teses. 3. Políticos - Catalão (GO) - Teses. I. Trópia, Patrícia Vieira. II.  
Graciolli, Edilson José. III. Universidade Federal de Uberlândia.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. IV. Título.

---

CDU: 316

**JULIANA VAZ DA SILVA NUNES**

**ENTRE O ALTAR DA CÂMARA E O PLENÁRIO DA IGREJA:  
POLÍTICOS EVANGÉLICOS NA CIDADE DE CATALÃO-GO**

Relatório de Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Patrícia Vieira Trópia (UFU) - (Orientadora)

---

Prof. Dr. Edilson Jose Graciolli (UFU)

---

Prof. Dr. Daniel Alves (UFG/Catalão)

## **RESUMO**

Nos últimos anos, as relações entre política e religião tornaram-se proeminentes no país e no mundo, revelando múltiplas formas de interação entre as duas dimensões da realidade, que, por vezes, se confundem e se interpenetram. Nossa proposta consiste em compreender essa dinâmica na cidade de Catalão, sobretudo no que se refere à religião cristã, mais precisamente, de tendência protestante. Queremos entender como o espaço político tem se relacionado com o universo religioso no âmbito local, no cotidiano da Câmara municipal e de outras instituições da cidade. A partir da trajetória de dois vereadores (2013-2016), que se inserem em denominações evangélicas, Vandeval Florisbello e Donizete Negão, o objetivo é mapear as articulações/negociações destes homens públicos com as igrejas e líderes religiosos desse segmento. Nesse sentido, pretendemos investigar os discursos dos gestores políticos evangélicos nos diferentes espaços que ocupam, circulam e atuam; os projetos apresentados, os defendidos e os combatidos por eles. Vamos analisar ainda as atas das sessões da Câmara dos vereadores para perceber até que ponto os posicionamentos dos políticos evangélicos estão relacionados com a fé que professam e com o grupo religioso ao qual pertencem ou representam na esfera política.

**PALAVRAS-CHAVE:** política, religião, cidade.

## **ABSTRACT**

In recent years, the relationship between politics and religion became prominent in the country and the world, revealing multiple forms of interaction between the two dimensions of reality that sometimes confuse and intermingle. Our proposal is to understand this dynamic in the city of Catalan, especially as regards the Christian religion, more precisely, Protestant trend. We want to understand how the political space has been linked to the religious universe locally, in everyday life of the town hall and other city institutions. From the biographies of two councilors (2013-2016) who profess the evangelical faith, Vandeval Florisbelo and Donizete Negão, the goal is to map the joints / negotiations of these public men with churches and Protestant religious leaders. We intend to investigate the discourse of evangelical political managers in different spaces they occupy, circulate and act; the projects presented, defended and fought for them. We will also examine the minutes of the meetings of the city council to realize the extent to which the positions of the evangelical politicians are related to their profession of faith and the religious group to which they belong or represent the political sphere.

**KEYWORDS:** politics, religion, city.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> Donizete Negão (camisa azul listrada), Luciano Tampa (lado esquerdo de Donizete Negão, Pastor Elton (Terno e gravata vermelha), Jardel Sebba (Camisa azul do lado esquerdo do Pastor) .....	59
<b>FIGURA 2</b> Pastor Elton Quirino (ao centro com microfone na mão) entre o então prefeito Jardel Sebba e o Governador de Goiás Marconi Perillo.....	60
<b>FIGURA 3</b> Vandeval em campanha 1996 .....	64
<b>FIGURA 4</b> Adib Elias (Então Deputado Estadual e candidato a Prefeito) e Vandeval Florisbello (Vereador) .....	71
<b>FIGURA 5</b> Relação de deputados evangélicos por partido .....	95
<b>FIGURA 6</b> Material de campanha do candidato evangélico a vereador Irmão Antônio. .....	101
<b>FIGURA 7</b> Calendário do candidato evangélico a vereador Dr. João Quesslen....	102
<b>FIGURA 8</b> Panfleto da campanha do candidato evangélico a vereador Dr. João Quesslen .....	103

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>1 POLÍTICAS DA RELIGIÃO: CRISTIANISMO PROTESTANTE E ESTADO .....</b>	<b>18</b>
1.1 ESTADO / IGREJA EM (TRANS)FORMAÇÃO .....	18
1.2 RELIGIÃO E POLÍTICA COMO FORMAS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO ....	27
1.3 IGREJAS EVANGÉLICAS EM CAMPANHA .....	37
<b>2 FÉ NA POLÍTICA DE CATALÃO: EVANGÉLICOS NA CÂMARA/VEREADORES NA IGREJA?</b>	
.....	<b>45</b>
2.1 PRELÚDIO .....	45
2.2 VERADOR DONIZETE NEGÃO .....	46
2.3 VEREADOR VANDEVAL FLORISBELO .....	62
<b>3 EVANGÉLICOS NA BANCADA: A POLÍTICA ENTRE IRMÃOS .....</b>	<b>73</b>
3.1 CÂMARA DE VEREADORES, IGREJAS, PARTIDOS E EVANGÉLICOS .....	73
3.2 CATALÃO ESPELHO E CONTRAPONTO DO CONGRESSO NACIONAL .....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>113</b>



## INTRODUÇÃO

Tanto na academia como na opinião pública, questionamentos têm sido crescentes quanto à relação entre religião e política, pois as denominações evangélicas do cristianismo vêm crescendo em nosso país, gerando novas demandas na cena política e novos agentes políticos. Esta parcela da sociedade tem desejado cada vez mais ser representada nas esferas públicas e, conseqüentemente, nas instituições do sistema político. A bancada evangélica no Congresso Federal tem sido a maior expressão nacional dessa tendência. Nossa pesquisa consiste em compreender as relações entre política e religião na cidade de Catalão, sobretudo no que se refere à religião cristã de denominação evangélica. Para cumprir esse intento, vamos acompanhar as atividades dos “servos de Deus”, ou seja, dos políticos que são cristãos pertencentes ao segmento protestante e que estão em pleno exercício na cidade de Catalão. Esses políticos são reconhecidos não apenas como representantes do povo, mas também, em menor ou maior grau, como representante do segmento evangélico.

Acompanhamos os dois vereadores que foram eleitos no processo eleitoral de 2012 e tomaram posse em 2013. Trata-se de candidatos que professam a fé protestante e buscam apoio de algumas instituições religiosas da cidade, que os ajudaram durante o processo eleitoral. Os vereadores são Vandeval Florisbelo, do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), e Donizete Negão, eleito pelo partido PSC (Partido Social Cristão). Dos oito candidatos evangélicos, estes dois foram eleitos, buscando votos do público religioso, e também através dos trabalhos sociais em que estavam envolvidos.

O político Vandeval Florisbelo já está no seu sexto mandato como vereador, já o vereador Donizete Negão está no seu primeiro mandato. Este primeiro vereador é membro da Igreja Assembleia de Deus Madureira, uma denominação pentecostal, e o segundo vereador, com perfil neopentecostal, frequenta várias igrejas de diferentes denominações, embora não seja membro de nenhuma delas. Estes dois candidatos expressam o desejo que muitas igrejas possuem em Catalão, o de serem representadas por candidatos que comungam da mesma fé, e que possam atender as suas demandas, defender os princípios cristãos e beneficiar este segmento religioso em detrimento de outros.

Acompanhamos estes candidatos desde 2012, realizamos entrevistas com eles, antes e depois de eleitos, participamos dos comícios realizados no período da campanha, das visitas que fizeram às igrejas, entre outras atividades. Desde então estamos observando o comportamento e o posicionamento desses políticos na função de vereador durante todo mandato 2012-2016. Estes homens públicos expressam, em nível local, as articulações entre a esfera política e religiosa. Identificamos os cuidados que essas personalidades políticas tiveram com relação à imagem de figura pública, as suas maneiras de ser e de se apresentar, nos diferentes espaços, visto que estão submetidas a um constante processo de formação, transformação e deformação. Foi possível apreender as muitas formas de como a religião é levada para dentro da política e como a política está dentro das igrejas.

Ao que parece, as fronteiras entre os dois campos constituintes da sociedade, embora sejam separados do ponto de vista legal, estão absolutamente ligados no âmbito da prática, de modo que o nosso intuito foi observar como isso se deu. Na cidade de Catalão, a inserção de cristãos na política é um assunto polêmico, tanto no segmento político, como também e, principalmente, no segmento evangélico. Este último é bastante diverso e heterogêneo, diversidade esta que se faz presente na opinião das diversas denominações sobre o assunto em questão, assim como no próprio leque de denominações.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Segue uma sucinta explicação sobre o histórico de estabelecimento das igrejas no Brasil e a diferença entre as Igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais.

Entre o século XVI e XVII, já havia a presença de protestantes europeus no Brasil, que simpatizavam com as ideias de Calvino e Lutero. Todavia, no período colonial, esses colonos não tinham estabilidade necessária para consolidar projetos de evangelização. Já que os acordos para colonização eram desfeitos com frequência, resultando na expulsão desses colonos protestantes do território colonizado.

Até a República Velha, os protestantes tiveram dificuldade para se firmar no Brasil, pois o catolicismo era a religião oficial. A Igreja católica predominava em todos os territórios populacionais, exercendo inclusive o controle da vida civil (registro de nascimento, casamento, óbito, educação, etc). Apenas, no período do chamado Estado Novo, que o Brasil passou a ter um estado laico, ocasião em que a disseminação do protestantismo, por meio de projetos missionários, ocorreu de forma mais acentuada em terras brasileiras.

As igrejas protestantes históricas foram as primeiras igrejas que surgiram através do movimento da Reforma protestante, na busca por uma reforma do cristianismo inspirada na Igreja primitiva, que fosse contra as práticas da Igreja católica como: indulgências, processos de beatificação, dentre outras. As primeiras igrejas protestantes históricas no Brasil foram implantadas por missionários europeus, são elas: Igreja Batista, Igreja Presbiteriana, Igreja Luterana, Igreja Cristã Evangélica, Igreja Metodista. São igrejas mais voltadas para o estudo da Bíblia, ainda muito ligadas nas confissões históricas da Reforma.

Já nos primeiros anos da década de 20, do século XX, surge, nos Estados Unidos da América, o movimento Pentecostal. O pesquisador Ricardo Mariano afirma que o pentecostalismo foi um movimento protestante embasado pelo texto bíblico do livro de Atos dos apóstolos, cap. 2. Texto que relata o dia de

Nosso objeto principal foi compreender as relações entre a política municipal e a religião protestante na cidade de Catalão, a partir da atuação dos vereadores evangélicos eleitos nas eleições de 2012. O interesse pelo tema surgiu durante uma disciplina da graduação intitulada *Ciências Sociais e Religião*, oportunidade em que, dentre outras questões, discutimos a participação dos cristãos na política local. Tem origem também, em nossa trajetória de pesquisa, ao longo da graduação, quando produzimos uma monografia<sup>2</sup> com preocupações semelhantes, que nos trouxe uma avalanche de inquietações e questionamentos que aprofundamos com o presente desafio. Sua origem também se funda no contato com a mídia em geral que, a partir dos diversos veículos de comunicação, tem colocado o tema em evidência.

Destacamos cinco motivos que justificam essa abordagem proposta. O primeiro motivo é o aumento da população que se declara evangélica. Nos últimos dez anos, segundo dados da amostra dos últimos censos, a proporção de evangélicos na população brasileira subiu de 15,4% a 22,1%.<sup>3</sup> Na cidade de Catalão, interior do estado de Goiás,

---

pentecostes. Com base nessa referência, as igrejas buscavam os dons do Espírito Santo, especialmente o dom de línguas (glossolalia).

A primeira onda do pentecostalismo surge nos EUA, são igrejas que priorizam a manifestação do Espírito Santo nos cultos, que são mais fervorosos e agitados, pois pessoas profetizando e falando em línguas estranhas. Nesse contexto surgem as igrejas Assembleia de Deus e a Congregação Cristã.

A segunda onda do pentecostalismo ocorre entre os anos 50 e 60, do século XX, quando se enfatizou, além do dom de línguas, o poder do Espírito Santo para curar pessoas. As igrejas que adotaram essa nova tendência priorizam a libertação e a cura física e espiritual. Nesse cenário, surgem a Igreja Quadrangular, Brasil para Cristo e a Deus é Amor.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, surgem as igrejas Neopentecostais. O foco é voltado para o crescimento, ou seja, a multiplicação dos membros. As igrejas têm mentalidade do mundo dos negócios. Buscam a expansão acima de tudo e utilizam a teologia da prosperidade como cerne de suas mensagens. Por isso, atraem pessoas através de campanhas semanais que prometem prosperidade financeira aos seus fiéis. As igrejas neopentecostais são Sara Nossa Terra, Bola de Neve, Casa da Benção, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, etc.

A fragmentação do protestantismo no Brasil será entendida a partir dessas três vertentes: histórica, pentecostal e neopentecostal. Cientes de que, dentro de cada uma dessas vertentes, existem outras ramificações internas. Além disso, é preciso ressaltar que tal divisão é apenas a forma que consideramos mais coerente para lidar com a questão neste trabalho. Existem outras formas de se nomear as divisões do protestantismo. Adotaremos essa para evitar generalizações simplistas. Aproveitamos essa extensa nota também para informar que essa compreensão permeia todo o texto, embora só apareça de forma pontual, opção tomada para não tornar a narrativa ainda mais truncada e enfadonha.

Mais sobre isso ver: SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. "Fiel é a Palavra": leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana-BA: UEFS, 2011.; MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.; CUNHA, Magali Nascimento. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. In: *Revista Perseu*, n. 11, ano 7, 2016.

DA SILVA, Elizete;

<sup>2</sup> SILVA, Juliana Vaz. *Entre o púlpito e o palanque: Candidatos evangélicos da Cidade de Catalão nas eleições de 2012*. Monografia – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.

<sup>3</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo de 2012.

essa proporção saltou de 14,8% a 24,4%, no período que vai de 2000 a 2010, ainda segundo os últimos censos.

Segundo motivo é a constatação de que os evangélicos, no plano nacional, especialmente os de vertente pentecostal e neopentecostal, vêm adquirindo proeminência política, assumindo mandatos de deputados federais e senadores. Encontramos também, em nível local, tendência semelhante.

O terceiro motivo que justifica a relevância da pesquisa é a observação de que, em Catalão, a entrada dos evangélicos na política foi motivada por convites dos partidos locais, que buscavam votos em diferentes grupos para a eleição majoritária. Assim, os partidos buscaram uma variedade de candidatos a vereadores, dentre eles, os evangélicos, para que trouxessem votos para os prefeitos.

Quarto motivo é que, ao que tudo indica, os políticos evangélicos de igrejas pentecostais ou neopentecostais, especialmente esses últimos, entendem a política como meio de fortalecimento da instituição religiosa. Trata-se de um novo posicionamento, que justifica, no discurso, a necessidade de se posicionar politicamente para não serem governados, segundo tal discurso, por corruptos. Alguns chegam a descrever a política como uma oportunidade de fazer a obra de Deus no mundo, numa concepção que flerta com uma concepção teocrática. Os políticos que analisamos possuem um diálogo relativamente bom com os evangélicos, são (re)conhecidos como vereadores mais afeitos à religião e, frequentemente, são procurados por igrejas para serem representadas, ou em busca de favores.

O quinto e último motivo é que Catalão está em sintonia com o debate em nível nacional. Nessa relação entre política e religião, ela apresenta semelhanças com outros lugares. Mas o processo, nesta pequena cidade do interior de Goiás, revela também suas particularidades, sobretudo na forma peculiar de vivenciar a política. Quando as interferências da inserção e intenso interesse dos evangélicos na política chegam na cidade, elas se acomodam, observando elementos específicos do lugar, da mesma forma que estabelece novas regras para o jogo político. Na cidade em que os políticos, normalmente, são eleitos pelos familiares e conhecidos, ou pelo fato de pertencerem a famílias tradicionais, a proeminência dos evangélicos na política faz novos elementos entrarem em cena.

Enfim, os partidos e políticos buscaram a participação e o apoio de igrejas evangélicas porque entenderam que elas são cada vez mais relevantes entre a população, conformando identidades sociais distintas. No plano local, esses políticos jogaram e se equilibraram entre sua atuação pública como políticos e a sua pertença religiosa, através das alianças e negociações.

A partir da contribuição de Georges Balandier, concebemos o político não como uma noção restritiva, mas como algo que constitui toda formação social, e que, por isso mesmo, nos permite perceber os incontáveis fenômenos sociais perpassados pelo poder.

<sup>4</sup> Nesse sentido, a política, como nosso campo de análise, é ampliada e ultrapassa os modos de fazer política e os espaços convencionais da política de Estado. Ou seja, entendemos, a partir de Gramsci, que o Estado continua a ser um lugar central da política, mas não é o único.<sup>5</sup>

O autor Balandier nos chama atenção para considerarmos o nexos existente entre o poder, a política e a religião. Nexos esse que apreendemos na forma como se estabelece na sociedade catalana. Ainda, na esteira desse estudioso, entendemos que o poder, mesmo nas sociedades laicizadas, nunca está esvaziado do seu conteúdo religioso. O autor nos permite pensar as múltiplas relações possíveis entre o campo político e o campo religioso nas sociedades contemporâneas. Partimos do pressuposto de que “o sagrado é uma das dimensões do campo político; a religião pode ser um instrumento do poder, uma garantia da sua legitimidade, um dos meios utilizados no quadro das competições políticas”.<sup>6</sup>

O processo de construções identitárias e, principalmente, as relações de forças simbólicas da dinâmica política de Catalão serão pensadas a partir de Pierre Bourdieu. Os agentes se envolveram em lutas simbólicas, em busca de benefícios econômicos, mas também, em busca de ganhos simbólicos no campo religioso, político e, consequentemente, social. A realidade catalana é marcada por tensões e conflitos da tentativa de conversão de capital religioso em capital político, e vice-versa evidente na dimensão do campo simbólico.<sup>7</sup>

---

<sup>4</sup> BALANDIER, Georges. *Antropologia política*. Lisboa: Ed Presença, 1980.

<sup>5</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999-2002.

<sup>6</sup> Idem; *Ibidem*, p.99.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

Ainda com base em Pierre Bourdieu, na obra *A economia das trocas simbólicas*, a noção de *habitus* é utilizada para refletir sobre nosso objeto. O campo religioso possui um *habitus* religioso que é o princípio formador dos pensamentos, percepção e ação, modos de agir e falar. O *habitus* faz com que esse grupo seja reconhecido, suas formas de falar e pensar sejam parecidas, comunguem dos mesmos gestos. A noção de *habitus* nos auxilia na reflexão sobre como os políticos evangélicos, com o *habitus* religioso, ocupam os lugares instituídos como espaços convencionais da política em Catalão. Nesse sentido, compreendemos essa relação entre política e religião na cidade de Catalão como um campo de forças, como um jogo social no qual os agentes assumem suas posições, criam estratégias e táticas e se constroem, por meio do processo simbólico, na produção de reconhecimento, consenso e legitimação.<sup>8</sup>

De acordo com Paul Freston, no início do século XX, as igrejas pentecostais incitavam seus fiéis a guardarem certa distância do mundo da política, cenário que foi se modificando ao longo do século XX. As considerações de Paul Freston nos inspiram a investigar o cenário nos primeiros anos do século XXI, quando, ao que tudo indica, as igrejas pentecostais e neopentecostais incitam seus fiéis a usar e abusar do campo da política. Embora o autor aborde a questão de forma geral no país, nos oferece caminhos interessantes para construirmos uma interpretação sociológica sobre a questão nas suas especificidades na cidade de Catalão-GO.<sup>9</sup>

A tentativa de investigar a atuação dos políticos evangélicos em Catalão, para além dos clássicos, baseia-se em estudos recentes sobre a temática em outras regiões do Brasil, como dos autores Ricardo Mariano e Márcio Martins, entre outros. Estes autores, estudando, sobretudo a região sul do país, nos ajudam a pensar que, embora existam semelhanças nas experiências vivenciadas e estudadas no Brasil, cada região ou lugar possui também as suas peculiaridades no que diz respeito, tanto ao que vem a ser o campo religioso para os políticos como no que consiste o campo político para os religiosos.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>9</sup> FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. E. A. (Ed.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. p.67-159.

<sup>10</sup> MARTINS, Márcio. *Tributos do povo, Servos de Deus: Um estudo antropológico sobre políticos e religião na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Dissertação de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.; MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo*

Márcio Martins, que acompanhou dois candidatos evangélicos em Porto Alegre, nos mostra que, inclusive as estratégias, bem como os resultados obtidos através delas, são diferentes dependendo do lugar em que são executadas. A estratégia que funciona em metrópoles, por exemplo, pode não ser eficiente em cidades interioranas. Uma das evidências dessa afirmativa é o espaço político que a Igreja Mundial adquiriu em grandes cidades, e o fracasso que acumulou em pequenas cidades.<sup>11</sup> Nesse sentido, o olhar sociológico desferido para a realidade catalana pode contribuir para o debate.

Nossos questionamentos acerca das relações entre política e religião são pensados na noção de fronteira. Catalão está em pleno processo de transformação na definição do que vem a ser a política e do que vem a ser a religião. Essa (re)definição deve ser observada e pensada na fronteira, entendida não como lugar de separação, mas de contato entre as dimensões. Segundo Burity,

De um lado, os limites do político extrapolam o estado, o que atesta a insuficiência do neutralismo e da separação entre igreja e estado para disciplinar a relação religião/política. De outro lado, há uma visível desinstitucionalização da religião, que se traduz na proliferação de igrejas, movimentos e grupos informais que não mais se prendem aos protocolos de autorização ou sanção eclesiástica, bem como na difusão/disseminação do religioso para além das fronteiras reguladas pelas instituições religiosas.<sup>12</sup>

O estudo da realidade catalana se apresenta como uma oportunidade para perceber que a relação entre Igreja e Estado não coincide exatamente com a relação entre religião e política, já que essa é mais ampla, aceitável, não sendo “nociva” como aquela, embora aquela esteja ganhando cada vez mais espaço em detrimento dessa.

Para abordar os problemas, atestar as hipóteses e atingir os objetivos deste estudo, o método utilizado para pesquisa foi a técnica de coleta de dados e pesquisa de campo. Quanto à coleta de dados, os materiais foram coletados com os partidos, com os

---

pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005. ; MARIANO, R.; HOFF, M.; DANTAS, T. Y. D. S. *Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: A disputa pelo voto dos grupos religiosos*. Debates do NER, v. 6, n. 10, p. 65-78, 2006.

<sup>11</sup> MARTINS, Márcio. *Tributos do povo, Servos de Deus: Um estudo antropológico sobre políticos e religião na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Dissertação de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

<sup>12</sup> BURITY, Joanildo. *Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1998. p.9.

próprios políticos e no banco de dados da Câmara municipal de Catalão. Trabalhamos ainda com análise de imagens, projetos e requerimentos apresentados nas sessões da Câmara de vereadores, discursos proferidos nos diferentes espaços de atuação dos políticos religiosos, entrevistas, entre outros. Esses documentos são importantes para perceber os objetivos, o perfil, a imagem que cada agente constrói sobre si e sobre o outro nesse jogo social. Os materiais coletados foram analisados cuidadosamente e usados como meio para conhecer os políticos, e as mudanças que eles se submeteram ao longo de todo processo, desde as eleições até o exercício do mandato.

A pesquisa deve muito ao trabalho de campo, realizado ao longo dos últimos cinco anos. Através do método da observação participante, foi possível obter informações caras ao estudo proposto. Estive presente em inúmeras sessões da Câmara dos vereadores, nas reuniões de partido, nos encontros dos políticos com a população, acompanhei cultos e outras atividades religiosas que contavam com a participação dos vereadores. Estive presente nas marchas para Jesus, tentando apreender o teor político da celebração, expresso nos cartazes, faixas e discursos. Observei de perto manifestações feitas na cidade, nesse período em que, de maneira implícita ou explícita, relacionavam religiosos e representantes do estado.

A movimentação dos personagens nos veículos de comunicação da cidade como TV, mídia escrita e rádios locais também foi alvo de nossa preocupação. Outro elemento que contribuiu para as análises foram as redes sociais, usadas tanto pelos vereadores como pelos religiosos evangélicos. Através dos perfis nas redes sociais, foi possível obter indícios das ações, projetos, desejos e parcerias dos envolvidos na trama que busquei tecer. Além disso, esse espaço virtual ofereceu pistas da reverberação de cada passo dado e publicitado pelos líderes políticos e religiosos.

O trabalho será dividido basicamente em três capítulos. O primeiro será um capítulo com foco mais teórico, em que discutiremos alguns conceitos e autores que nos ajudaram a refletir sobre a temática e construir o objeto de pesquisa. Pensar, de forma mais geral, as concepções que cercam este trabalho, tais como religião, política, partido, estado entre outros. Apresentar visão panorâmica das perspectivas teóricas que direcionam nossas análises, interpretações e hipóteses. Buscamos apresentar um diálogo com outros autores que também se preocuparam com temática semelhante.



O segundo capítulo se preocupa em perscrutar a atuação dos vereadores evangélicos na Câmara municipal. Analisando seus projetos, requerimentos, posicionamentos e demais participações como figuras públicas, com o intuito de perceber, através de suas atuações, a presença e intervenção da religião no âmbito político. Investigar como os vereadores se propõem a representar um segmento religioso, suas formas de apresentação no cotidiano da Câmara de vereadores, e a maneira como os segmentos protestantes se fazem presentes, verificando até que ponto interfere nas decisões políticas de Catalão.

O terceiro capítulo será dedicado a descrever o cenário que estamos pesquisando, ou seja, será o momento de situar o leitor do contexto e personagens sob os quais nos debruçamos. Nesse sentido, a proposta é apresentar nossa leitura sobre a cidade de Catalão, a dinâmica política da/na cidade, a visibilidade dos vereadores pesquisados na relação com os partidos e “irmãos” da mesma religião, dinâmica de algumas igrejas protestantes no município e suas relações com/no espaço político. Ainda, nesse capítulo, discorreremos sobre como a cidade de Catalão se insere num debate travado também, em nível nacional, sobre as múltiplas aproximações entre religião e política, evidenciando as aproximações e distanciamentos entre o local e o nacional.

## CAPITULO I

### POLÍTICAS DA RELIGIÃO: CRISTIANISMO PROTESTANTE E ESTADO

#### 1.1 ESTADO / IGREJA EM (TRANS)FORMAÇÃO

O cristianismo, ao longo da história, desde que se tornou religião oficial no ocidente, tomou parte no poder decisório da sociedade, através das religiões, que ditavam os seus requerimentos, ou por meio dos modos de vida adotados pelos fiéis. Assim, o cristianismo foi se construindo e se consolidando no mundo, participando ativamente, ditando os rumos, de forma direta ou indireta, dos processos decisórios. O interesse da Igreja<sup>13</sup> em se entranhar na organização do Estado de determinadas sociedades, buscando privilégios, fazendo barganhas em troca de usar seu poder de coerção e de consentimento em favor da ordem vigente, se manifesta, principalmente, porque, como elucida Gramsci, o Estado, em sentido amplo, atua na formação de cidadãos, dentro da respectiva divisão de classes em que se insere e de que é expressão, direcionando e adequando as massas, diante das necessidades contínuas, da reprodução das relações sociais de produção.<sup>14</sup>

Ao longo da história, o cristianismo se mostrou presente na construção do Estado, seja na vertente do Catolicismo ou do Protestantismo, interferindo na maneira como o fiel deve conduzir sua vida, direcionando, implícita e/ou explicitamente, suas opiniões e posturas perante a sociedade. Ou seja, em termos gramscianos, a Igreja deve ser vista, relativamente ao lugar social que ocupa, como um aparelho “privado” de hegemonia (direção moral, intelectual e política), e que pode, também, interagir com as instituições do Estado em sentido estrito. A vida terrena dos cristãos é pautada, em alguma medida, pela esperança na promessa do paraíso. A Igreja, apropriando-se do poder de enunciar e dar significação dessa esperança, que move seus fiéis, em alguns momentos, prioriza o plano de salvação e a vida eterna idealizada. Em outros momentos, se volta, veementemente, para as questões da vida terrena e os

---

<sup>13</sup> Ao longo do texto, faremos uma diferenciação entre as palavras igreja e Igreja. A palavra Igreja (com I maiúsculo) será usada quando nos referirmos a Igreja de forma geral. Exemplo: A Igreja protestante no Brasil. Já a palavra igreja (com i minúsculo) será usada quando nos referirmos a alguma instituição específica. Exemplo: A igreja Assembleia de Deus.

<sup>14</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999-2002.

posicionamentos da Igreja frente às decisões políticas do país. Muitas vezes, criando uma espécie de relação de interdependência entre a vida eterna, almejada com alguma posição política e terrena, a ser defendida ou rejeitada pela Igreja, sobre os rumos do país.

Todavia, a relação entre Igreja e Estado (sentido estrito, ou seja, sociedade política) é eivada de instabilidade e oscilação, o apoio ou aversão da primeira em relação ao segundo depende das questões que estão postas. A cada nova demanda, configuração social, temáticas em pautas, interesses em disputa ou outras variantes, têm-se novas adesões ou rupturas entre as instituições religiosas e segmentos do Estado. Nesse sentido, podemos afirmar que a relação entre as duas esferas são múltiplas e depende do contexto social e histórico em que estão envolvidas.

Dessa maneira, as questões próprias do Estado interferem nas práticas litúrgicas de muitas igrejas, que, em determinados momentos, dedicam maior atenção e espaço para a vida terrena, à orientação e direcionamento das práticas, atitudes e opiniões de seus fiéis sobre determinadas pautas políticas, do que propriamente para a mensagem da vida eterna deixada como promessa para aqueles que seguem a Jesus Cristo e o reconhecem como salvador.

Para exemplificar, podemos citar o período da Ditadura Civil Militar brasileira, a partir de 1964, momento em que as igrejas protestantes no Brasil condenavam qualquer aproximação das atividades promovidas contra autoridades políticas da época, inclusive condenando e/ou excomungando os seus membros, além de denunciá-los para os órgãos repressores, sob a justificativa de que o comunismo tratava-se de uma ameaça a ser combatida.<sup>15</sup>

Da mesma forma, as Igrejas também conseguiram interferir no cotidiano do Estado, como nos Legislativos, em vários níveis ou esferas (federal, estadual, municipal). Por vezes a rotina parlamentar é invadida por símbolos, linguagens e ideias religiosas para tratar de assuntos pertinentes à política. Talvez um episódio mais recente que mereça menção seja a votação do prosseguimento do processo de *impeachment* da

---

<sup>15</sup> SILVA, Elizete da. Protestantes e o Governo Militar: convergências e divergências. In: ZACHARIADHES, GC, org. IVO, AS., et al. *Ditadura na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes*. Salvador: EDUFBA, 2009, vol. 1, p. 31-51.; CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes na primeira fase do Regime Militar brasileiro: atos e retórica da Igreja Presbiteriana Independente (1954-1969). In: Estudos de religião. São Bernardo do Campo: UMESP, v.16, n.23, p. 83-140, jul./dez. 2002.

presidenta Dilma Rousseff, em que muitos parlamentares, ao proferirem seus votos, o fizeram não por questões pertinentes à política e às acusações contra a autoridade questionada, mas em nome de Deus e/ou de igrejas.

Poderíamos arrolar outros tantos exemplos, como o da prática de se realizar orações antes de iniciar as sessões comuns em muitas Câmaras municipais do país. Para citar algo específico de Catalão, o desejo do vereador Vandeval Florisbello de colocar uma bíblia na entrada dos espaços do poder legislativo, executivo e judiciário da cidade. Esse tipo de disputa por símbolos e territórios se insere numa secular tradição de afronta ao caráter laico do Estado e, por isso, como disse, expressa, em alguma medida, uma pretensão teocrática.

O protestantismo, de forma particular no Brasil, nos últimos anos, tem demonstrado mais uma face das relações múltiplas das quais estamos tratando, pois tem se valido do poder de atuação da Igreja a ponto de interferir no poder do Estado. Vários segmentos políticos partidários, seja de governo ou oposição, tem se aproximado dos líderes religiosos, com intuito de se apropriarem desse potencial em favor dos seus projetos. Gramsci já identificava tal poder de atuação quando afirmou que “a religião teve o papel de criar um consenso moral universal a favor do Estado”<sup>16</sup>.

No mundo ocidental, o cristianismo sempre ofereceu algum tipo de respostas para as principais interrogações da sociedade, evidentemente, dentro do respectivo horizonte valorativo, ou de visão de mundo (ideologia, em sentido amplo). No Brasil, desde o processo de construção do estado nacional até a contemporaneidade, não é diferente. Toda nossa realidade, nos diversos aspectos que a constitui, está eivada de valores cristãos, que foram disseminados em cultos, estudos bíblicos etc. As Igrejas são formadoras de opiniões, com capacidade para formar ideias hegemônicas sobre diferentes questões. A propósito, é intrínseco a todo e qualquer aparelho “privado” de hegemonia um tripé quanto à função de buscar dar a direção moral, intelectual e política, qual seja, elaborar, difundir e disputar valores e visões de mundo.

As alianças da Igreja com segmentos políticos se justifica quase sempre através de textos bíblicos que apresentam personagens que, em nome de Deus, ocuparam importantes cargos na administração das nações, como Davi, José do Egito, entre

---

<sup>16</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. Livro III, 1999-2002. p. 241, 1999-2002.

outros. Munidos com passagens bíblicas, os líderes religiosos colocam-se ou colocam alguém como imbuído de uma missão, qual seja, intervir na política em nome e em favor de Deus. Eles utilizam-se de uma leitura maniqueísta do mundo, que estabelece uma luta do bem contra o mal, na qual se deve tomar partido para progresso do evangelho.

Gramsci reconhece o poder que a religião tem de conduzir as massas. Não é essencialmente o ópio do povo, como citou Marx e outros intelectuais, mas pode se tornar isso, dependendo de quem a conduz e para que é conduzida. Líderes religiosos, assim como políticos, sabendo da força que se pode deter a partir da religião, buscam, através dela, uma forma de interiorizar nos fiéis seus interesses e projetos particulares como se fosse o interesse de todos os genuinamente cristãos.

Com a promessa de um porvir, que recompensa toda abnegação e desigualdade do presente, a religião direciona comportamentos e decisões a serem tomados conjuntamente, como espécie de família com vínculos superiores aos laços de sangue, criando uma identidade, que é, sempre, uma construção socialmente determinada. Através da religião, podem ser sufocadas reivindicações e indignações, em troca de corações agradecidos diante de qualquer situação, visto que se trataria da vontade de um ser superior que lhe dará recompensa no futuro e que justifica qualquer sofrimento presente.

Muitos segmentos religiosos, na intenção de atrair seus fiéis, alteram suas convicções e posicionamentos ao sabor das circunstâncias e/ou interesses em disputa. Não é incomum a transformação daquilo que outrora era concebido como sagrado, mas que passou a ser profano repentinamente e vice-versa.

Em *Cadernos do cárcere*, Gramsci dá um exemplo dessa afirmativa, quando narrou a aproximação da Igreja Católica ao regime fascista, em troca de proteção frente ao avanço protestante na Itália. Aproximação que foi precedida por uma atuação contra o fascismo, tratada pela igreja como um mal a ser combatido, mas que, ulteriormente, passou a ser um regime que salvaria a pátria.

Os segmentos religiosos cristãos não são neutros, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, formulam suas opiniões acerca das decisões do Estado, quando não tentam direcionar essas decisões conforme suas próprias convicções. Embora

estejamos tratando das religiões cristãs de forma geral, é necessário sempre lembrar que são absolutamente fragmentadas, com segmentos muito diferentes uns dos outros. Uma igreja neopentecostal, por exemplo, comunica muito pouco com uma igreja histórica.

Feita essa ponderação, podemos afirmar que a aproximação ou afastamento de muitas igrejas em relação ao Estado não são pautados na coerência com uma linha de pensamento, pois as posições oscilam e se modelam de acordo com as circunstâncias, interesses e concepções. Sabemos da importância de um Estado laico numa sociedade democrática, mas a influência do cristianismo, ou melhor, a interferência direta do cristianismo tem relativizado a compreensão que se tem no Brasil como um Estado laicizado.

O que estamos tentando pontuar é que tanto o estado como a igreja se (trans)formaram, a partir de uma inter-relação, não se mantiveram isoladas entre si ao longo da história da humanidade, mas se interpenetraram de múltiplas formas e intensidades. De maneira que a separação absoluta não se daria apenas por um decreto, que garante o devido afastamento apenas do ponto de vista legal, muito mais um desafio do que uma solução acabada para a questão.

Com isso não se está afirmando que as relações e conflitos atuais entre as duas esferas constituintes da realidade são os mesmos de outrora. Apesar do legado histórico-cultural, é preciso reconhecer que cada momento tem suas especificidades, causas e sentidos próprios que precisam ser levados em consideração. Gramsci, quando escreve sobre a sociedade Italiana, nos ajuda a pensar a realidade brasileira, sobretudo a atuação da bancada evangélica. De acordo com o autor, esse modelo,

‘Estado igreja’ simboliza o conflito entre qualquer sistema de ideias cristalizadas, que representam uma fase ultrapassada da História, e as necessidades práticas atuais. Luta entre conservação e revolução, etc, entre o que foi pensado e o novo pensamento, entre o velho que não quer morrer e o novo que quer viver.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Livro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 282.

Boa parte das candidaturas evangélicas é resultado da luta das igrejas em busca de poder de decisão no Estado, no sentido de barrar ideias e cosmovisões diferentes das suas. Quem sabe o exemplo atual mais emblemático nesse sentido sejam as discussões em torno da questão de gênero. Sob o argumento de barrar reivindicações dos movimentos da causa LGBT e suas conquistas junto ao Estado, muitas lideranças evangélicas e políticos têm se promovido.

Nisso observamos o que Rita Laura Segato denominou de faccionalização, em outras palavras, a tentativa de impor a soberania de um grupo sobre todos os outros.<sup>18</sup> Os segmentos religiosos vão expandindo seu território de ação, demarcando os espaços alcançados com seus símbolos, costumes, linguagem, etc.

Muitos políticos cristãos, sob os argumentos de estarem em defesa da família, vão avançando sobre as instituições do Estado, em oposição àquilo que julgam ferir moralmente seus princípios, não se importando com outros aspectos que parecem não ter coerência. Refiro-me à obstinação para lutar contra as questões homoafetivas, e o silêncio diante de tantas outras questões como exploração do trabalho infantil, trabalho escravo, saúde pública, desmatamento, etc. Assim como a proximidade da bancada evangélica com as denominadas bancadas do boi e da bala.

Segundo a autora, a faccionalização torna-se mais evidente quando os “eleitos de Deus”, no exercício dos seus mandatos, falam e se portam nos espaços públicos como se estivessem nas suas denominações, ou quando, após eleitos, tratam os problemas da cidade, estado ou país como um problema de caráter espiritual oriundo da guerra entre Deus e o Diabo e seus respectivos representantes. Como se, para acabar com a corrupção e ganhar o território da política para Deus, fosse preciso qualquer coisa como exorcismo nas câmaras. Oferecem remédio espiritual e religioso para um fenômeno (práticas de corrupção, tratados como “doença”) que é político e social.

Algumas demandas da Igreja são confundidas com as da sociedade civil, sobretudo aquelas que dizem respeito à preservação da moral da sociedade fundada em princípios cristãos. Muito do que nos é (im)posto como certo ou errado, ou traços

---

<sup>18</sup> SEGATO, Rita Laura. A Facçãoalização da República e da Paisagem religiosa como índice de uma nova territorialidade. In: *SCIELO. Horiz. antropol.* vol.13 no.27 Porto Alegre Jan./June 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 05 dez. 2015.

culturais, são impregnados de ensinamentos religiosos que converteram princípios cristãos em tradição supostamente universal, perpetuando um padrão para e sobre a sociedade. A Igreja, portanto, estabelece seus julgamentos e advoga sob o pretexto de estar agindo em nome da moral, logo, pelo bem de todos.

Através desse discurso interfere em muitas decisões políticas que julgam ameaçar a forma conservadora de enxergar a realidade. Normalmente, não se trata de um conservadorismo apenas do ponto de vista da fé, mas, principalmente, um conservadorismo político no que diz respeito, por exemplo, à ampliação dos direitos.

Partimos da premissa de que “na história - político não é o indivíduo ‘biológico’, mas o grupo social”.<sup>19</sup> Entendemos que a noção de partido político não está limitada apenas a uma agremiação política institucionalizada, como são os partidos convencionais que lançam seus candidatos. Aqui essa noção é mais abrangente, de maneira que até uma igreja ou associação pode ser identificada como um partido, pois também produzem formas e direção para seus filiados e, visando à generalização do particular, isto é, dar a direção moral, intelectual e política.

Não por acaso, muitas igrejas, à semelhança dos partidos convencionais, começaram timidamente a ampliar seus debates e espaço de atuação a ponto de conseguir, posteriormente, exercer influência na sociedade, no âmbito político. Obviamente que nem toda igreja funciona como partido ou pode ser qualificada como tal, mas tem potencial para ser. De acordo com Gramsci, os partidos

nascer e se constituem como organizações para dirigir a situação em momentos historicamente vitais para suas classes, mas nem sempre sabem desenvolver-se de acordo com o desenvolvimento do conjunto das relações de força (e portanto, a posição relativa de suas classes) no país em questão ou no campo internacional.<sup>20</sup>

Nem sempre um partido consegue representar plenamente um segmento. Pode acontecer de um grupo se identificar mais com uma igreja do que propriamente com um

---

<sup>19</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002. p. 435

<sup>20</sup> GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Livro II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999-2002. p. 61



partido político convencional. Este último, no desejo de alcançar o maior número de adeptos possível, visa atender a demandas plurais, tenta conciliar posicionamentos diferentes, e até mesmo divergentes, no seu interior.

Os partidos buscam abarcar os votos das igrejas, de maneira que os fiéis confiam seus votos a determinado partido, não pela identificação com este, mas pela identificação com sua igreja. Por isso as alianças, ou melhor, as coligações entre partidos e igrejas são tão comuns. Os votos, em muitos casos, são desferidos em nome da fé e não por ideologia política.

As igrejas determinam aos fiéis os partidos ou políticos que melhor representam o grupo ou segmento. Esse processo ocorre na cidade de Catalão, que tem uma política polarizada em dois partidos principais, PMDB e PSDB, ambos querendo representar também os interesses dos diferentes segmentos religiosos. Polarização presente inclusive na formação da câmara de vereadores, formato que, nos últimos anos, não tem agradado parte dos cristãos protestantes, que lutam para consolidar a ideia de ter um representante que milite pelo partido religioso e não pelo partido político convencional.

Em outras palavras, um político que represente mais a Igreja do que o partido ao qual pertence, que legisle conforme as determinações do seu segmento religioso e não conforme às orientações partidárias. Esse grupo critica os vereadores evangélicos que estão atuando, são acusados de espécie de agentes secretos em seus mandatos, por se omitirem em questões que beneficiariam as igrejas evangélicas na cidade, numa forte indicação de sacralização da política representativa e, por suposto, da agenda política.

As divisões dentro do protestantismo, como a convencional separação dos segmentos entre igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais, dificulta a existência de uma unidade de posicionamentos e apoios políticos. Conforme considerou Hugues Portelli, “não existe unidade ideológica real, seja ela religiosa ou política”<sup>21</sup>. As diferentes denominações religiosas de cunho protestante podem ter diferentes formas de pensar a mesma conjuntura ou temática, se movem e interpretam a realidade de maneiras distintas.

Não se trata apenas da livre interpretação da Bíblia, mas também das múltiplas formas de se posicionar diante das demandas de cada contexto. A unidade religiosa

---

<sup>21</sup> PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Editora Paulinas, 1984. p. 38.

parece ser uma ilusão até mesmo no interior de uma única denominação, que pode assumir diferentes posturas, dependendo da região em que se observa.

Uma igreja como a Assembleia de Deus, numa metrópole, não tem o mesmo perfil que uma Assembleia de Deus numa pequena cidade do interior de Goiás. Dessa maneira, podemos afirmar que a suposta unidade das igrejas evangélicas é uma artificialidade, em grande medida, fruto do desejo que passa, dentre outros motivos, pela necessidade de representatividade no espaço público, sobretudo no Estado.

Em termos de apoio político das igrejas evangélicas, que é o que mais interessa neste estudo, tenta-se construir unidade no segmento, a despeito das múltiplas diferenças. Nesse sentido, não se trata apenas de eleger determinado candidato, mas de elaborar um plano de propostas (agenda política) que consiga contemplar a maior abrangência possível, com intuito de camuflar e/ou anular a diversidade em nome de uma pauta comum, também fruto de uma construção.

Transformar a identificação de evangélicos, como única, superior e mais forte do que outras como: presbiterianos, assembleianos, batistas, quadrangular, etc., tal ideia ou ideal não é simplesmente transcender a pluralidade denominacional, mas fazer a identidade de evangélico se sobrepor a outras formas de identificação, tais como homem, mulher, negro, trabalhador, entre outras.

Reconhecer-se como evangélico é mais complexo do que se supõe, envolve uma maneira de se organizar na sociedade, pressupõe formas de se vestir, consumir, divertir, relacionar e, até mesmo, de votar, traços do que se pode identificar como tendência à teocracia. Entretanto é relevante considerar que a pertença denominacional, em muitos momentos, é mais eficiente que a categoria unificadora de evangélico.<sup>22</sup>

Os candidatos evangélicos que buscam apoio neste segmento religioso jogam, no sentido de que tiram proveito da fragmentação das igrejas. Os fiéis de uma mesma igreja podem ter visões diferentes sobre um político que lhes é apresentado. Mesmo os candidatos oficiais de determinada denominação, que são apresentados pelos líderes nos cultos como representantes do segmento, percebem que o apoio integral é muito mais parte de um discurso para convencimento do que o apoio unânime efetivamente, apesar

---

<sup>22</sup> Mais sobre isso ver: CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007. p. 137-170.

de ser essa a intenção. A esse respeito, a máxima do ditado popular de que “nem Jesus conseguiu agradar a todos” pode fazer algum sentido.

O estudo pormenorizado das ramificações e divisões do segmento protestante é um desafio, até mesmo numa cidade como Catalão. Não é esse o objetivo do presente trabalho, o que não significa que nos furtaremos de pontuais reflexões nesse sentido, mas apenas que o faremos na medida em que se tornar relevante para melhor entendimento do nosso objeto de pesquisa. A própria divisão interna, na igreja, por cargos, promove fragmentações, há muita dificuldade de agir como um todo homogêneo, ainda que numa mesma igreja.

## **1.2 RELIGIÃO E POLÍTICA COMO FORMAS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO**

No Brasil os chamados políticos evangélicos surgiram pela necessidade de garantir um país laico, com liberdade de culto a outras religiões, ou denominações, que não a católica. Naquele contexto, não havia necessidade de legislar para uma denominação específica, pois o que estava em debate era a diversidade religiosa como um todo, sobretudo entre catolicismo, espiritismo e protestantismo, e não a diversidade do cristianismo protestante, e muito menos a da ampliação da noção de laicidade do Estado, no sentido de que ateus e agnósticos não poderiam ser discriminados por não terem e nem se pautarem por concepções religiosas.

O medo de a religião católica continuar como religião oficial do país era a principal justificativa para essas candidaturas. Isso não significa que, naquele período, não houvesse divisões de posicionamentos e apoio no meio evangélico, mas apenas que se tratava de um aspecto insignificante em relação ao interesse comum de garantir o exercício legal de suas práticas religiosas.<sup>23</sup>

Após a defesa e conquista dessa forma de laicização do Estado (muito mais uma defesa de que não houvesse um monopólio, o da igreja católica, de acesso e influência ao Estado), pautado especialmente no maior direito a culto (portanto, numa ampliação da liberdade religiosa), já que muitos missionários protestantes foram presos e

---

<sup>23</sup> SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon A.; ALMEIDA, Vasni. *"Fiel é a Palavra": leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana-BA: UEFS, 2011.

extraditados em razão do trabalho que executavam, esses candidatos diminuíram sua atuação na cena política. O autor Leonildo Silveira ressalta em sua obra a existência de dois tipos de políticos protestantes: “políticos evangélicos” e “políticos de Cristo”.<sup>24</sup>

Os chamados *políticos evangélicos* seriam as primeiras candidaturas dos anos 1930, oriundas das igrejas protestantes históricas. Grande parte dessas candidaturas sofria rejeição por parte das suas igrejas, pois havia um entendimento de que tal exposição poderia ser excessiva e negativa. Além do receio de que os pastores deixariam suas obrigações eclesiais para segundo plano para priorizar a política.

Com base em Leonildo Silveira, naquele contexto histórico, o protestantismo vindo para o Brasil trouxe uma “teologia cansada de guerra”. Qualquer coisa que pudesse mudar o foco da igreja foi visto com receio, principalmente, porque se acreditava que a transformação social seria feita após sucessivas conversões individuais. Segundo o autor, “a ação e as lutas políticas se tornariam desde então, para muitos evangélicos brasileiros, um espaço “sujo” e “indigno” dos “verdadeiros crentes”, os quais não deveriam oferecer “pérolas aos porcos”<sup>25</sup>

Investigando a realidade de cidades interioranas como Catalão, nota-se que a argumentação, outrora utilizada para criticar a participação de evangélicos na política, ainda permanece em alguns setores do segmento, principalmente, nas vertentes históricas, e funciona como um dos empecilhos para maior unidade.

A maioria dos candidatos que se apresentam com nomenclaturas de funções religiosas, como por exemplo, bispo, irmão, pastor, obreiro, diácono, etc. sofrem certa rejeição por parte dos membros, sobretudo, das igrejas protestantes históricas. Outra argumentação comum é o reconhecimento de que homens santos, ou seja, separados, não podem se contaminar com ambientes considerados corruptos e malignos, assim como o ambiente político.

---

<sup>24</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. De políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. IN: *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife-PE, Fundação Joaquim Nabuco ED. Massangana, 2006. p.29-87.

Essa distinção proposta pelo autor de “políticos evangélicos” e “políticos de Cristo” foi importante para acentuar a diferença e mudança na história da participação de evangélicos na política. Ao longo do texto usaremos repetidamente a expressão políticos evangélicos, que terá sentido diferente do que conceituou Leonildo Silveira Campos, caso não esteja entre aspas.

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*. p.35

De acordo com Leonildo Campos, essa interpretação das candidaturas de religiosos evangélicos, próprio da primeira metade do século XX, perde terreno nos anos 90. Com a ascensão do movimento pentecostal e neopentecostal, houve inovações nas igrejas, reformulando funções, espaços e visões, dentre as quais a perspectiva de que era responsabilidade do fiel transformar o ambiente em sua volta. Sendo assim, deveria atuar no sentido de purificar a política, santificar os espaços considerados impuros.

A atuação na dimensão política passou a significar uma forma de entrar numa guerra espiritual, expulsar os demônios e tornar-se santo. Essa leitura propiciou novos comportamentos e práticas. As candidaturas por meio das igrejas pentecostais tiveram uma reformulação, passaram a se configurar como “uma escolha divina”, em outras palavras, agora, tornou-se um propósito divino, uma missão para acabar com a corrupção, desigualdade e injustiças.<sup>26</sup>

Nesse contexto, surgiram os epítetos “políticos de Cristo”, que seriam membros da igreja escolhidos pela sua liderança para representar a igreja ao longo de seu mandato. A igreja Universal do Reino de Deus (comumente designada pela sigla IURD) foi a primeira a conseguir com êxito candidaturas de pessoas desconhecidas pelos membros, pelo menos até serem apresentados como candidatos oficiais dessa denominação.

O diferencial desses candidatos oficiais foram o apoio da liderança e a construção de consenso e importância de suas candidaturas como parte das atividades litúrgicas da igreja. Assim, conseguem, com relativa eficiência, eleger aquele fiel que a denominação acredita que será submisso e obediente aos posicionamentos e vontades da igreja. Os “políticos de Cristo” não necessariamente seguem a ideologia do partido ao qual estão vinculados porque são sujeitos às suas igrejas e não a determinações partidárias. Normalmente, afirmam atuar em nome de todos os evangélicos, embora estejam mais preocupados em representar a igreja à qual estão vinculados.

Nas grandes cidades, é possível perceber o êxito dessas candidaturas, principalmente, se observarmos as de âmbito federal. A atual bancada evangélica talvez seja a maior expressão do poder ideológico e político de algumas igrejas, tais como Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular,

---

<sup>26</sup> Idem, *Ibidem*. p. 17

que, normalmente, determinam para seus fiéis o candidato apoiado pela igreja que devem votar.

O interesse dessas denominações em transformar seus candidatos em eleitos se explica pela intensificação do apoio ao representante escolhido e à associação da imagem desse líder com a da instituição religiosa. Conseguindo, pela força da palavra e uso da autoridade, formar certo consenso sobre a importância de votar naquele que é apresentado como o escolhido de Deus. De tal maneira, que o ato de votar, conforme orientação dos líderes religiosos, transforma-se, então, numa prova de fé, a qual poucos ousam contrariar.

O espaço da política passa a ser visto como um campo de batalha de contra-ataque ao inimigo, a saber, o diabo. Expulsar demônios significa ganhar território rumo à promoção de um governo justo e em conformidade com a vontade de Deus. O trabalho de conscientização/manipulação dos membros da igreja torna-se primordial para ter bons resultados nas eleições. Os meios de comunicação como rádio, TV, Imprensa escrita, pertencentes às igrejas, são amplamente explorados para dar visibilidade aos candidatos oficiais.

Na realidade local de Catalão, a estratégia de escolher candidatos oficiais não tem o mesmo sucesso que teve na esfera federal. Nas eleições de 2012, por exemplo, igrejas como Quadrangular e Igreja Mundial, tentaram eleger seus “políticos de Cristo”, mas não obtiveram o apoio interno esperado das respectivas igrejas. Provavelmente porque até aquele momento não se tinha estabelecido, na mentalidade dos fiéis, a importância de um representante evangélico na Câmara de vereadores, assim como pretenderam as lideranças, que, possivelmente, foram pouco eficazes na construção dessa necessidade junto aos membros.

Os “políticos de cristo” são produtos de suas igrejas, que se organizam com a lógica do empreendedorismo. Conforme pontua Ricardo Mariano, em *“Neo Pentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”*, elas têm como objetivo o crescimento da membresia. Assim investem em aquisição de programas de rádio, TV, eventos, caminhadas e outras programações que dão visibilidade para suas igrejas e atraem interessados. Normalmente oferecem aquilo que interessa à maioria das pessoas, como prosperidade financeira e saúde. O objetivo principal é a expansão de suas igrejas,

as candidaturas que apoiam significam maior poder político, privilégios para instituição e a possibilidade de ampliar o alcance.<sup>27</sup>

O que caracteriza boa parte dos candidatos que se apresentam como pessoas com fé é justamente colocar sua profissão de fé como garantia de boa conduta e credibilidade, mesmo no tão desacreditado universo político maculado pela corrupção. A ideia é demonstrar que o simples fato de ser religioso o torna imune à corruptibilidade, a fé funciona como espécie de selo de garantia de incorruptibilidade.

O crescimento de representantes evangélicos na política, dentre outros fatores, se deve ao envolvimento da igreja protestante com as demandas da sociedade, se imiscuindo, pelo nome de Deus, em causas humanitárias (por meio de escolas, associações, ONGs, etc.) e trabalho com pessoas menos favorecidas em regiões pobres. Em contrapartida promovem suas ideologias e transformam fiéis em militantes de suas próprias causas, inclusive em cabos eleitorais.

As igrejas solucionam, ou ajudam a solucionar, as necessidades dos locais em que estão implantadas. Sobretudo, nos lugares de vulnerabilidade social, onde o Estado, por meio do que é, em geral, denominado de políticas públicas, se faz mais ausente. O auxílio e suporte oferecido por essas igrejas atraem pessoas que, quase sempre, estabelecem uma relação de gratidão com elas. Em muitos casos, gratidão e fidelidade por toda a vida, tornando crescente o número de fiéis, especialmente, nos espaços mais marginalizados da sociedade. A disseminação ideológica das igrejas tem se mostrado mais eficiente sobre pessoas menos esclarecidas e favorecidas, porque, em momentos cruciais de sua existência, foram ajudados, por isso retribuem com a adesão às ideologias além de continuarem sobre a suposta proteção dessas instituições religiosas.<sup>28</sup>

Nessa linha de raciocínio, podemos perceber certa semelhança com a política coronelística, em que os coronéis, com seu poder político e econômico, conseguiam manter seu poder através de favores e punições.<sup>29</sup> A igreja trabalha com regime parecido de favores e punições psicológicas, e não físicas como era mais comum no coronelismo.

---

<sup>27</sup> MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo-SP: Ed. Loyola, 2005.

<sup>28</sup> Idem, *Ibidem*, p. 19.

<sup>29</sup> Sobre coronelismo ver: LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.; JANOTTI, Maria de Lourdes. *O coronelismo, uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Muitos líderes religiosos amedrontam os membros que lideram, com a possibilidade de serem atingidos pelo poder do inimigo, a saber, o diabo. Por isso apregoam a necessidade dos dízimos, ofertas, e de se estar protegido pela tutela da igreja contra as mazelas do inimigo. A proteção passa pela submissão às orientações dos pastores, que promovem uma espécie de voto de cabresto, um alistamento de fiéis para serem usados conforme o interesse de determinado líder ou instituição.<sup>30</sup>

Esse perfil apresentado se encaixa em muitas pequenas igrejas neopentecostais, todavia, são mais eficientes em igrejas que funcionam como empresa. Instituições como Quadrangular, Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus, por exemplo, traduzem os sucessos como bênçãos de Deus e os insucessos como ciladas do diabo que resiste contra a expansão do reino de Cristo. Esse modo de interpretar a realidade e perceber a vida é assimilado pelos fiéis, que passam a considerar todas as dimensões da existência a partir da dicotomia *benção Divina X maldição maligna*. Assim, fazem qualquer coisa para que prevaleça sobre si a primeira em detrimento da segunda.

Os coronéis da religião têm uma tendência a enfatizar, nos cultos, o poder de ação de Satanás como forma de coerção por amedrontamento. Através de longas e sucessivas Campanhas, Correntes de orações, quebras de maldições e outras atividades, fazem a manutenção do medo do mágico e sobrenatural, assim mantêm os fiéis presos às suas rédeas. Através de rituais de exorcismo e de curas espirituais, mantêm a admiração e adesão dos religiosos, ao passo que constroem uma relação de dependência baseada na necessidade de estar sempre buscando proteção para suas vidas. Normalmente a gratidão por tal proteção é demonstrada em doação de tempo livre para o serviço da igreja, doação de bens materiais e voto como “ação de fé”.

Com tal estratégia, orientam os votos, classificando os fiéis/eleitores como usados pelo Diabo ou usados por Deus. Além disso, santificam ou demonizam candidatos políticos e eleitos de acordo com suas conveniências e interesses. Trabalhando para que os membros excluam os adversários e abracem os aliados, igrejas como as supracitadas seguem, a passos largos, na cena política, ampliando suas redes de influência. É muito comum os aliados de outrora se tornarem adversários ou vice-versa, pelo simples favorecimento que promovem ou não para determinada denominação.

---

<sup>30</sup> MARIANO, Ricardo. *Op. Cit.* p. 21



A justificativa de apoio a candidatos e/ou partidos é pautada não em argumentos racionais, mas, principalmente, com argumentos de apelo emocional e com base no mundo espiritual, conforme interpretado pelos coronéis da fé. Nisso parece ocorrer uma oscilação ou transitoriedade entre aquilo ou alguém que é qualificado como sagrado ou como profano, na medida da flexibilidade dos posicionamentos.

Como se os “profetas” fossem dotados de poderes sobrenaturais, com revelação supostamente vinda dos céus, para reconhecer e consagrar o que é oriundo de Deus ou do mal. Interessante observar que a mesma pessoa ou partido pode, em determinado momento, ser reconhecido como instrumento divino e noutro deixar de ser.

Essa condição de transitoriedade entre o que é sagrado e o que é profano, atribuído a políticos e partidos, pode ser evidenciada nas próprias filiações partidárias dos ditos *políticos de Cristo*. Distribuídos em várias legendas com diferentes ideologias, seja de esquerda ou direita. Como elucida a pesquisadora Julia Miranda, ao ressaltar as frequentes migrações de políticos entre as várias vertentes partidárias, evidenciando que o vínculo maior é com as igrejas e não com as ideologias políticas. Segundo a autora, “a frequente mudança de partido se faz por muitas vezes os candidatos serem expulsos por irem contra as decisões do partido e acatarem a decisão de suas igrejas.”<sup>31</sup>

Os políticos vinculados às instituições religiosas, normalmente, não tomam decisões de âmbito político sem o consentimento dos pastores, sob a pena de perder apoio e deixar de ser o candidato oficial da igreja que o projetou. Além de ter sua figura associada a atos malignos de rebeldia, perdendo, assim, sua legitimidade como representante político da membresia.

De acordo com Ricardo Mariano, “pastores e fiéis enxergam a ação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano”<sup>32</sup>. Em outras palavras, a vida espiritual para estas lideranças evangélicas se expressa na vida terrena. Como por exemplo, a interpretação de que a aquisição de bens materiais pode ser uma evidência de ser abençoado e temente a Deus. Assim, os atos dos políticos são interpretados pela perspectiva do mundo espiritual expressos em comportamentos.

---

<sup>31</sup> MIRANDA, Júlia. Nós, vocês e eles: os desafios de uma convivência (in)desejada. IN: *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife-PE, Fundação Joaquim Nabuco ED. Massangana, 2006. p. 163

<sup>32</sup> MARIANO, Ricardo. Op. Cit.

Vale considerar que a Teologia da Prosperidade trouxe para os evangélicos neopentecostais a possibilidade de acumular riquezas como uma forma de ser abençoado. O que antes não era incentivado, já que os valores mais apreciados eram humildade, simplicidade e desapego aos bens materiais. A teologia da prosperidade tornou-se um argumento facilitador das relações entre religião e política na contemporaneidade. Uma teologia apropriada para uma sociedade capitalista.

Nos últimos anos, nada tem lotado mais as grandes igrejas do que a promessa de que a condição de vida pode ser transformada apenas pelo poder da fé e da palavra. O sucesso financeiro, a cura de enfermidades ou reconstrução de laços familiares são atingidos pelo intermédio das igrejas. Já o fracasso financeiro, desavenças no lar ou enfermidades não vencidas são interpretados como falta de fé da própria pessoa, que é levada a acreditar ser necessário dar um passo adiante rumo à fé, o que significa fortalecer seu elo com Deus a partir da igreja.

Salvo exceções, o político de cristo é uma expansão dessa lógica de crescimento e poderio dessas grandes denominações. Espécie de produto totalmente trabalhado com a lógica do capitalismo, em que se estuda o mercado para saber qual o produto mais aceitável. Em seguida cria-se a necessidade desse produto e a melhor estratégia de *marketing* para vendê-lo.

Sobre a questão da filiação partidária e políticos de cristo, faremos um exercício de reflexão a partir do exemplo do vereador da cidade de Catalão-Go, que legislou na gestão de 2013-2016. Trata-se do vereador Donizete Negão, que se elegeu pelo PSC, partido com pouca força política na cidade e até mesmo no país. Seja como candidato ou já como eleito, este fala muito pouco do seu partido, pois não é a forma como prefere se apresentar.

Ele representa algumas igrejas evangélicas, as quais visita, recorrentemente, para obtenção de apoio. Todavia seu potencial de votos não se restringe à comunidade evangélica, transcende o espaço religioso para outros segmentos da sociedade. Embora não se apresente via partido, a filiação partidária do político não é aleatória, significa uma escolha bem pensada e articulada por se tratar de um partido pouco expressivo, pouco visível, porém, favorecido pelas regras de coeficiente. A aliança soa como uma troca, o partido é conveniente para o político que não necessita de muitos votos para se

eleger, a contrapartida é a possibilidade de maior visibilidade, crescimento das filiações, chances de uma cadeira.

Ainda que vereadores como Donizete não se submetam às causas do partido, como tantos outros políticos evangélicos, o vínculo é viável para ambos enquanto pode promover ganhos, porém, quando essa possibilidade se esgota, a exclusão e/ou a mudança de legenda ocorre conforme a lógica do sistema partidário e eleitoral no Brasil.<sup>33</sup>

O vínculo perde o sentido de ser, pois não está consolidado em ideologias, mas sim em conveniências e interesses de ambas as partes. Os evangélicos não se articulam em torno de um partido único, pois são políticos de igrejas, normalmente, apenas reproduzem, em diferentes segmentos partidários, as vontades dos líderes das igrejas que acredita representar. Talvez essa seja uma questão que dificulta a unificação do seguimento religioso.

Em torno dos políticos evangélicos, se constrói uma visão ilusória de bem e mal, em que estes aparecem como protetores da sociedade contra as investidas do Diabo e seus seguidores. Independente do partido, aparecem como protetores da moral cristã e dos bons costumes. Embora, nos últimos anos, tenha acontecido também a demonização não apenas de sujeitos, mas também de partido. Como se tem feito com os partidos mais vinculados à esquerda, como o próprio PT, sobretudo, sob a justificativa de compactuar com a ideologia de gênero.

Nos veículos de comunicação, nos cultos e no próprio espaço político, os políticos são propagandeados como produtos, que, abertamente, advogam pelo uso da máquina pública para interesses específicos, para privilegiar o segmento ou, até mesmo, os membros da igreja à qual pertencem. Na cidade de Catalão, por exemplo, nas eleições de 2012, foi visível a tentativa do segmento evangélico para conseguir eleger um “político de cristo” com base nesse argumento.

Dois candidatos conseguiram se eleger, nem tanto pela base aliada entre evangélicos, mas também pelo reconhecimento como figura pública, vida profissional e projetos sociais. O que sugere que, em Catalão, ainda há pouca aceitação desse

---

<sup>33</sup> Sobre o sistema eleitoral no Brasil ver: NICOLAU, Jairo. *Representantes de quem?: Os (des)caminhos do seu voto da urna à câmara dos deputados*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2017.

argumento, não sendo suficiente para criar identificação e unidade no meio. Ainda não conseguiu inculcar na membresia a necessidade de se ter um político oficial em suas igrejas e/ou para os evangélicos. Mas esse trabalho de conscientização é crescente, embora ainda não tenha repercutido em êxito nas urnas.

Parte dos evangélicos do interior de Goiás tem tentado seguir o modelo de candidaturas das igrejas Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus e Quadrangular, que possuem bancadas evangélicas na política em nível estadual e federal. As lideranças dessas igrejas organizaram departamentos dentro de suas respectivas denominações para indicar e assessorar os seus políticos. Estes que, por sua vez, são indicados pela liderança e, em seguida, convidados (intimados) a sair como “representantes de Deus”. Assim, se inventam e lançam candidaturas de “políticos de cristo”.

Em Catalão encontramos um candidato da Quadrangular, pastor da instituição, que declarou que seu nome foi escolhido em uma reunião destinada a lançarem as candidaturas de âmbito regional e estadual, com o objetivo de proteger sua denominação e abençoar a cidade. Ao aceitar o convite, esses futuros candidatos tratam suas investidas na política como uma missão dada por Deus, como porta de “bênçãos” para a cidade. A tendência das igrejas supracitadas, embora tenha tido relativo sucesso do ponto de vista nacional, ainda não é eficiente em Catalão.<sup>34</sup>

O pastor candidato de uma das três Igrejas do Evangelho Quadrangular não conseguiu converter o apoio da membresia em votos, embora as igrejas apresentassem quantidade numérica suficiente para eleger um candidato, tudo indica que, pelo fato de ainda existir certa repulsa e medo da corrupção, que o poder e o cargo público podem imputar à imagem da igreja. Além do que, os fiéis não compraram a ideia vendida nos púlpitos e decidiram votar por outros motivos, que fragmentou a suposta força e unidade da referida denominação.

No entanto, ainda que essas candidaturas não tenham alcançado êxito em cidades interioranas, percebe-se que pequenas igrejas, com pretensão de expandirem e ganhar visibilidade local, usam a política como uma das formas de promoção e também lançam seus próprios candidatos.

---

<sup>34</sup> Entrevista cedida pelo Pastor Marcelino logo após resultados das eleições 2012, na qual ele não foi eleito. Entrevista realizada em seu gabinete pastoral em 16.05.2013.

Há também as igrejas maiores que preferem apoiar determinado candidato, ao invés de lançar seus próprios representantes oficiais. Usam a quantidade de membros para atrair a atenção dos políticos, para, em troca de apoio, ter as suas demandas atendidas. Nesses casos o político não necessariamente precisa pertencer ou ter vínculo com os evangélicos. Sua religião pouco importa, o que se observa e é avaliado pela liderança religiosa são as chances que tem de vencer as eleições. Por isso apoiam também não apenas candidatos, mas os partidos mais fortes, ou seja, com maiores chances de assumir o poder. As lideranças fazem uma análise da conjuntura política e, em seguida, decidem seu apoio com base em seus próprios interesses e no que serão beneficiados pós-eleições.

### **1.3 IGREJAS EVANGÉLICAS EM CAMPANHA -**

A política, no Brasil, ainda tem fortes traços do coronelismo, oligarquia e clientelismo. A apropriação da coisa pública para fins privados, para privilégio de pequenos grupos, é comum. As igrejas se aproveitam dessa realidade e jogam com ela, sujeitando-se às mesmas regras, para adentrar no grupo dos privilegiados.

Certamente as considerações de Sérgio Buarque de Holanda, quando tratou na década de 1930, sobre o “homem cordial”, são adequadas para abordar as relações entre Igreja e Estado, que tentamos evidenciar. Pois a ideia é tornar a dimensão pública como extensão do privado, do familiar, negociando, não com a racionalidade, mas com os sentimentos. Levando tudo para o coração de maneira que se torna difícil distinguir o que é público e o que é privado, pois o primeiro foi invadido pelo segundo. As igrejas, reforçando a cordialidade supostamente inerente ao jogo político brasileiro, desejam tornarem-se próximas daqueles que assumirão o poder administrativo, para não enfrentar os prejuízos daqueles vistos como adversários.<sup>35</sup>

As famílias mais poderosas, ricas e tradicionais das cidades se revezam no poder, fazem do espaço público lugar para manutenção dos seus próprios interesses. Normalmente lançam políticos com sobrenome de peso, tradicionais na região, e,

---

<sup>35</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1995.

através dos partidos, criam uma espécie de dicotomia. São as candidaturas mais aceitas e que mais ganham apoio por parte das igrejas evangélicas. Expressam a ideia de homens poderosos que se engajaram na política para lutar pelos pobres e injustiçados por amor à cidade, figuras heroificadas, durante todo processo eleitoral, pelos publicitários mais caros que o dinheiro pode comprar.

Os políticos, de forma geral, se criam e recriam sobre essa lógica clientelística. O apoio dos cabos eleitorais, normalmente, ocorre com base no que vão ganhar, nas promessas que receberam individualmente ou restrito a um grupo específico. Quando vencem as eleições, se apossam dos bens públicos e os aliados mais próximos recebem, então, cargos, privilégios, flexibilidade das leis, poder, troca através de programas sociais. É com essa leitura que as igrejas se inserem na cena política na cidade de Catalão.

Uma das estratégias das instituições religiosas é reafirmar a distância dos fiéis em relação ao governo, incentivam a passividade política e colocam-se como mediadora entre a população e seus governantes. Para a maioria, é uma sensação confortável ser governado pelos outros, pois a dificuldade em conhecer e compreender seus direitos, a linguagem burocrática e administrativa faz muitos indivíduos se verem, cada vez mais, afastados dos debates e decisões políticas, perpetuando, assim, a dominação.

Alguns indivíduos transferem sua força, ação e participação para suas lideranças religiosas e, por vezes, sentem-se seguros. A gestão do público torna-se cada vez mais afastada do cotidiano dos cidadãos. Tornou-se comum a mediação das igrejas, até mesmo, no uso do serviço público, políticos que usam sua influência para privilegiar conhecidos como forma de troca de favores. Até o uso daquilo que deveria ser direito tornar-se objeto de barganha, sob a conviência e articulação das instituições religiosas.

Nessa perspectiva do desinvestimento na política, por parte da sociedade, fruto tanto da descrença em relação à política e políticos com escândalos de corrupção e precariedade do serviço público, como pela ocupação cotidiana pela manutenção da sobrevivência que inviabiliza a maior interação com essa dimensão, exceto na época do jogo eleitoral. A igreja tem desejado assumir para si essa função de fazer a leitura da realidade para seus fiéis. Sobre esse suposto desamor, Pierre Ansart questiona,

Podemos nos perguntar se a ocultação da afetividade política não seria um aspecto das ideologias contemporâneas dominantes: a ideologia do capitalismo que tende a desvalorizar tudo aquilo que não dependa da produção nem do consumo de bens materiais; a ideologia cientificista que tende a desvalorizar ou a negar a importância das relações não redutíveis ao saber racional.<sup>36</sup>

Voltados para os interesses do capital, preocupados com as questões que envolvem trabalhar e consumir, o afastamento da política tem sido crescente entre os fiéis, aparentemente, na mesma proporção da aproximação das instituições religiosas ao âmbito político. Somos condicionados desde cedo no processo de alfabetização e formação do indivíduo, o *currículum* básico da educação é composto de disciplinas que correspondem ao anseio do sistema econômico capitalista. Por isso há dificuldade em refletir, de forma profunda, sobre a sociedade e seus dilemas.

A atividade política não apenas fica de lado como é distante das necessidades cotidianas encaradas por nós, além de haver uma espécie de analfabetismo político que faz com que muitos não entendam a importância do voto e de cada cargo, bem como suas interferências na administração. Nesse cenário a ambição pessoal tem sido a válvula motora da maioria dos eleitores, políticos, fiéis e pastores. A questão é que as lideranças religiosas e/ou políticas têm negociado e reivindicado pra si a administração dessas ambições como se fossem coincidentes. Tentam reavivar o ânimo e a crença ao menos nas eleições.

Porque a política tem entrado cada vez mais em descréditos, o político precisa recorrentemente trabalhar sua imagem de pessoa séria. Alto investimento em *marketing* tem sido a tônica dos processos eleitorais, a maneira mais fácil de atribuir a corrupção aos adversários e apresentar-se como diferente. Para os políticos evangélicos, a igreja aparece como uma garantia de honestidade, seus projetos políticos são bem recebidos por defenderem ideais considerados conservadores com boa receptividade na sociedade. Assim os “políticos de Cristo” têm todo um aparato religioso que contribui na busca de apoio e crédito à suas candidaturas entre os eleitores em potencial. Homens que se direcionaram para a vida pública como um propósito de Deus para o povo.

---

<sup>36</sup> ANSART Pierre. Mal-estar ou fim dos amores políticos?. IN: *Revista História & Perspectivas*, n.25 e 26 – jul./dez.2001/jan./jun.2002, Uberlândia-MG,UFU.

Todavia não se pode ignorar que, desde o crescente aumento de candidaturas evangélicas, inclusive com a formação de uma bancada evangélica na esfera federal, os políticos que seguem essa linha, apresentados como incorruptíveis e diferentes dos seus pares, atraíram atenção. Conforme menciona Leonildo Silveira Campos, sobretudo, a partir de 2006, houve muitos escândalos envolvendo deputados pertencentes às igrejas, tais como Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus.

Tal fato colabora para o descrédito e certo temor no meio evangélico de que os políticos de Cristo sejam pegos em corrupção, manchando o nome da igreja e até da religião de forma geral. O autor Leonildo Campos ainda pontua que, nesse momento, como consequência desse processo, houve um recuo dessas candidaturas nas eleições subsequentes, até mesmo uma diminuição de candidatos eleitos.<sup>37</sup>

Com esse cenário, recuar e repensar seus planos de campanha e suas candidaturas é necessário para atualizar as demandas e anseios dos eleitores em potencial, que, de dois em dois anos, se voltam para a vida política para decidir seu voto, por vezes, confiando a candidatos dos quais desconhecem a trajetória política, mas que são avalizados pelo pedido de algum influente.

Nas igrejas a apresentação desses candidatos é fortalecida por desejos divinos, que usam seus profetas e sacerdotes para comunicar seus desígnios para os demais membros. Mas a escolha do voto, para ser mantida, ainda tem relação com o local ao qual o candidato reside, vez que, cada cidade, conforme nos diz Pierre Ansart, possui um “patriotismo local” que faz com que os candidatos tenham que ter algumas características das velhas alianças políticas que sobrevivem como hegemônicas.<sup>38</sup>

As igrejas que lançam seus candidatos têm que lidar com a realidade local para saber dialogar com sua membresia e conseguir apoio ao seu projeto. A busca pela unidade e conformidade se dá na esfera da prática, através dos erros e acertos vai se moldando até chegar na melhor alternativa e forma de expor e promover a candidatura do membro escolhido para representar sua igreja como candidato oficial.

---

<sup>37</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. De políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. IN: *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife-PE: Fundação Joaquim Nabuco; ED.Massangana, 2006.

<sup>38</sup> ANSART, Pierre. *Op. Cit.*



Na cidade de Catalão, há uma polarização entre dois partidos políticos que se alteram no poder. Salvo exceções os candidatos e demais partidos se dividem em coligações lideradas pelo PMDB e PSDB. Os candidatos que se mostram publicamente como conservadores conseguem a atenção de muitos que assimilam a política como o lugar do risível. No município a compra de votos escancarada ou promessas de futuros benefícios pessoais ainda são determinantes para o desfecho.

O ataque pessoal, o desmerecimento do adversário, exposição da vida privada com calúnias e escândalos são a tônica da política local. A ideia é tornar o adversário uma piada para a sociedade. De acordo com Pierre Ansart, um político consegue desmerecer o outro tornando a sua imagem política cômica. Para o autor, “uma arma para desmerecer é o humor. Através do humor, o dono do poder que se pretende cercado pelo respeito geral torna-se um boneco ridículo”.<sup>39</sup>

Em cidades como Catalão, é possível encontrar, durante as eleições, várias charges que criam ambiente apropriado para tratar sobre a situação da cidade por meio do risível. O desrespeito tornado cômico é um passo à frente para aqueles que possuem a ousadia de fazer esse jogo. Os políticos acabam por conseguir proximidade com eleitores desacreditados com a possibilidade de mudança da política na sociedade. E, novamente, o mesmo jeito de fazer política aparece no discurso como o novo e esperança de renovação.

Como não se nutre expectativas de transformações via política, a troca de favores vigora intermediada por vereadores, que atendem o povo em suas dificuldades, pela ausência do poder público, facilitando o acesso aos serviços para barganhar votos. O círculo vicioso de má administração e a necessidade de sempre se ter um atravessador para se conseguir algum tipo de serviço oferecido pelo Estado se mantém porque tem eficácia para adesão de novas alianças para aqueles que estão na situação e almejam permanecer com o domínio da máquina pública, a fim de, através dela, continuar negociando em causa própria.

É na brecha do mau funcionamento dos serviços públicos, na ineficiência do Estado, que muitos políticos se projetam, construindo sua imagem para além dos partidos, em sindicatos, associações, escolas e igrejas. Por isso, neste trabalho, a

---

<sup>39</sup> ANSART, Pierre. *Op. Cit.*

compreensão de partido transcende a ideia convencional, podendo ser outras esferas da comunidade organizada como uma igreja, por exemplo, pois é também a partir dela que os candidatos evangélicos, normalmente, constroem suas plataformas.

Na Câmara municipal de Catalão, dos dezessete vereadores da gestão 2013-2016, dois são evangélicos e buscam votos no segmento. As igrejas também buscam alianças com os partidos que estão no poder e isso se evidencia, principalmente, nos eventos evangélicos que sempre solicitam apoio junto à administração municipal, recebem patrocínios, equipamentos, cartazes, etc. Quando algum evento ocorre sem o apoio da prefeitura, o palanque/altar torna-se espaço para criticar a gestão e reafirmar a ideia da necessidade de representantes evangélicos no poder.

Os eventos, seja Marcha para Jesus ou aniversário de alguma igreja local, tornam-se momentos de contato entre a Igreja, os fieis e os políticos. Nem sempre estes contatos são agradáveis e amistosos, tudo depende das alianças que estão em questão, algumas vezes, tornam-se confrontos de interesses. Há ainda parte do segmento evangélico que mantém suas igrejas a certa distância dos embates políticos. Preferem não declarar apoio direto a nenhum partido ou candidato, são críticos daqueles que entram nesse jogo. Por tal postura, não recebem do poder público o mesmo suporte que outras instituições religiosas desfrutam como resultado de alianças.

Em cidades interioranas como Catalão, o *frenesi* das disputas políticas perpassa toda campanha eleitoral e se estende pela gestão do partido vencedor, refletindo sobre as igrejas em diferentes formas de contato com o poder administrativo, dependendo das parcerias de outrora e das novas que, posteriormente, são negociadas. Questionamentos sobre como anda a administração na cidade acabam por fomentar debates do que seria a política ideal, como melhorar, como fazer a diferença e, assim, cria ambientes que cumprem a função de um partido político. Através dos debates, surgem alternativas propostas no seio das igrejas, espécie de partidos não oficiais.

A Igreja protestante tem a capacidade de promover unidade entre indivíduos de realidades totalmente distintas. Possibilita uma ideia de igualdade, por ser uma forma de identificação que se sobressai a outras e disfarça as diferenças. Pressupõe uma mesma forma de ler o mundo. O estudioso Renato Ortiz ratifica a importância da religião como

questionadora, que permite construir a noção de eu/nós, em oposição ao(s) outro(s) que estão no mundo da perdição.<sup>40</sup>

A religião possui uma força de integrar povos, não por uma lógica de alienação, mas por se constituir em religiões universais (não todas, mas, especificamente, o cristianismo), que, por meio de guerras santas, expansão de impérios e expedições missionárias, ao longo da história, conseguiu se disseminar ao ponto de interferir no Estado de muitas nações. Essa aliança entre religião e estado está tão estabelecida em algumas realidades que as duas esferas parecem lados de uma mesma moeda. Conforme Renato Ortiz, “a religião é, portanto, um lugar de memória e de identidade.” Por vezes, esse lugar é muito útil para legitimar o Estado ou para contribuir para o controle sobre a população. A noção de valores morais pode ser uma forma de confirmar essa máxima.<sup>41</sup>

O Estado burocrático funciona como uma força ideológica e jurídica que regula e administra a sociedade com todos esses conflitos gerados pela desigualdade social latente e culturas distintas. Privilegiando o capitalismo como sistema econômico, político e medida para tudo e todos. Assim a religião está inserida no Estado, se organiza, há tempos, para ter suas prioridades atendidas, e, nessa luta silenciosa pelo apoderamento das instituições públicas, conflitando com interesses de outros grupos, ela se faz presente a partir de seus posicionamentos sobre como viver uma vida correta, conforme aquilo que concebem e disseminam através de seus candidatos oficiais, ou apoio e/ou resistência aos governos. A igreja se faz presente na vida política, seja criando debates ou apresentando necessidades que se tornam pautas de reivindicações.

No próximo capítulo, através de documentos da Câmara municipal de Catalão, material de campanha e história da cidade, tentaremos entender algumas relações e diálogos entre política e religião, nesse espaço urbano do interior de Goiás, com ênfase nos vereadores evangélicos e nas maneiras como representam o segmento. Vale lembrar que cada lugar possui suas características específicas, peculiares ao universo local, seus valores próprios de justiça e moral, daquilo que consideram como íntegro ou errôneo.

Enfim, uma realidade nem totalmente diferente de outros espaços, nem totalmente semelhante, mas que também se relaciona, direta ou indiretamente com as

---

<sup>40</sup> ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

<sup>41</sup> Idem, *Ibidem*. p.29.

dinâmicas políticas e religiosas que se desenrolam no país e no mundo. As especificidades locais serão observadas considerando outras experiências.

## CAPÍTULO II

### FÉ NA POLÍTICA DE CATALÃO: EVANGÉLICOS NA CÂMARA/VEREADORES NA IGREJA?

#### 2.1 PRELÚDIO

Como já mencionado anteriormente, é difícil mapear todas as formas e relações possíveis entre política e religião, pois as variantes são incontáveis, tanto no tempo como no espaço, na diacronia como na sincronia. Mas como apresentamos, existem algumas tendências com maior expressão, que se repetem e são mais comuns. Nesse sentido, passaremos a observar o caso específico da cidade de Catalão, onde a forma mais usual é a que tenta acabar com a necessária separação entre Igreja e Estado.

Versaremos sobre como dois vereadores catalanos, cada um a seu modo, construíram a imagem de políticos evangélicos, as alianças que estabeleceram antes e durante seus mandatos. A maneira como o vereador Donizete Negão e o vereador Vandeval Florisbelo se apresentam para seus eleitores e suas plataformas de trabalho.

Para tanto usaremos como documento seus projetos, requerimentos, ofícios, imprensa, informações biográficas e também os seus perfis nas redes sociais. Através desses documentos, mapearemos a ausência e/ou presença dos nossos personagens nos acontecimentos da cidade, além dos seus posicionamentos, aproximações e rupturas com grupos políticos em disputa.

A participação política da/por meio da igreja tem como característica o crescimento de seu poder decisório. Conforme Gramsci salientou, a religião messiânica, como a protestante, objetiva expandir-se ao máximo que puder. Nessa perspectiva, o Estado funciona, para eles, como mais uma possibilidade de crescimento, para perpetuar sua moral e costumes como valor hegemônico. Como observamos ao longo da história, a religião, em muitos momentos, quis se confundir com o Estado. A inserção desses candidatos evangélicos, tanto na cidade de Catalão como no cenário nacional, é uma amostra ou consequência dessa tentativa expansionista própria do cristianismo protestante.

Na cidade de Catalão, as igrejas protestantes maiores e mais consolidadas possuem lugar de destaque na sociedade. Uma evidência dessa afirmação é a presença delas nos noticiários, quando da aposentadoria de um pastor ou de até protestos organizados para reivindicações em nome das igrejas transformam-se em notícia na imprensa.<sup>42</sup>

Interessante destacar que a visibilidade das igrejas evangélicas se dá numa cidade majoritariamente católica, conhecida pelos festejos religiosos, como a festa de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira da cidade das congadas. Num rápido olhar, a forte presença da Igreja Católica Apostólica Romana e do catolicismo popular poderia ser um empecilho ou obstáculo para todo aquele candidato que professa outra fé.

Mas, ao observar mais de perto o que ocorre, é justamente o contrário, pois é a forte presença do catolicismo, amparada pela administração municipal, que estimula políticos a se lançarem como representantes do segmento evangélico, pois partem do princípio de que esses são menos atendidos pela Câmara municipal que aqueles. Caso contrário tal alinhamento não faria sentido ou se justificaria de outro modo.

Ser político e/ou evangélico atinge(m) diferentes dimensões da vida de um sujeito. Através de Donizete e Vandeval, analisaremos como essas dimensões se juntam, se misturam ao longo de um mandato. Apresentando como conciliam o cotidiano da Câmara de vereadores e a vida religiosa, e como se equilibram entre o serviço público e as demandas de líderes religiosos.

Argumentar sobre como esses vereadores declaram as possíveis origens de seus votos, como são recebidos pelos evangélicos e quais alianças e rupturas foram feitas, as mudanças e negociações ao longo do período em que exerceram seus mandatos. O que os torna diferentes de seus pares, quando se identificam como políticos evangélicos.

## **2.2 VEREADOR DONIZETE NEGÃO**

---

<sup>42</sup> O telejornal transmitido pela TV Pirapitinga de Catalão, anunciou essa notícia como pauta da programação. Isso ressalta a importância simbólica dos eventos da Igreja Assembleia de Deus na cidade. Como também já cobriu desde programações de shows evangélicos, retiros espirituais e até manifestações de igrejas.

O primeiro vereador a ser analisado é Donizete Negão<sup>43</sup>, sua primeira candidatura como vereador foi pelo PSC, coligado com o PMDB. Casado, pai de três filhos, morador do Bairro Pontal Norte<sup>44</sup>. Um Bairro periférico da cidade, próximo às mineradoras, com poucos investimentos imobiliários, conhecido na região pela violência e muitas ocorrências ligadas ao tráfico de drogas. Durante as campanhas eleitorais, é um bairro muito visitado pelos candidatos, que sempre prometem melhorias, inclusive a construção de uma passarela de travessia do bairro, pois é separada do restante da cidade pela rodovia BR050.

O bairro de origem do vereador Donizete recebe muitas doações e assistência social por parte de particulares, igrejas e associações, sobretudo em datas festivas como Natal, dias das crianças, Páscoa etc., inclusive por parte de muitos candidatos que tentam criar uma base eleitoral entre os moradores. No jogo ilegal de compra de votos, o Pontal Norte é um dos roteiros preferidos.

Como morador do Bairro Pontal Norte, nas eleições de 2012, Donizete Negão saiu, pela primeira vez, como candidato a vereador, pelo Partido Social Cristão. Foi eleito com 1.328 votos. Número expressivo, para realidade de Catalão, ainda mais por ser a primeira candidatura. As eleições no município são acirradas e com muito investimento dos partidos mais expressivos como o PSDB e PMDB, que se digladiam pela maioria de cadeiras na Câmara de vereadores.

O PSC é um partido com pouca expressão, quase desconhecido na cidade. Chama atenção o fato de ter conseguido eleger um candidato com essa quantidade significativa de votos. Ainda mais porque não fez uma campanha de grande visibilidade, nem sempre estava presente nos comícios de sua coligação. Apesar de ser a primeira candidatura, Donizete Negão não era um desconhecido que entrou por acaso na política. Pela sua influência no Pontal Norte, já havia trabalhado como cabo eleitoral na candidatura de outros vereadores como Deusmar Barbosa e Leonardo Martins.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Nome registrado na campanha eleitoral.

<sup>44</sup> Setor periférico de Catalão, o Bairro Pontal Norte, conforme informação do Requerimento 001/2013 do próprio Vereador Donizete, é constituído por cerca de 3.000 moradores. Usa o número de moradores para reivindicar melhoras para localidade que apesar do crescimento numérico enfrenta problemas de infraestrutura.

<sup>45</sup> Entrevista com Donizete Negão, cedida em 07 de junho de 2013.

A campanha política de Donizete foi muito tímida. Assim como no exercício do seu mandato, não fez muitos discursos, quase não se pronuncia nas sessões da câmara.

Observamos que sua ausência nos comícios se dava por outros compromissos, como reuniões e visitas organizadas por seus aliados para ganhar votos. Interessante que, mesmo professando sua fé, ele assumiu não estar membro permanente de uma igreja, mas frequentar diversas. Nessas visitas, tanto em casas como em igrejas, Donizete, ainda como candidato, conhecia as necessidades e problemas e se colocava como a solução, estabelecendo parcerias por onde passava. Nas instituições religiosas, estabeleceu acordos com diferentes lideranças pastorais para ser mais conhecido no meio evangélico e tornar-se opção de voto para essa parcela da sociedade.

Após ser eleito, durante seu primeiro ano de mandato em 2013, seus requerimentos, de modo geral, são direcionados para atender as necessidades do Bairro Pontal Norte, pedindo posicionamento para os problemas referentes ao bairro, que foram debatidos na época da campanha eleitoral, como: falta de água no bairro nos finais de semana, falta de iluminação pública, pedido de rede de esgoto, manutenção de creches e praças no bairro.<sup>46</sup>

Contemplando as reivindicações dos moradores, o vereador Donizete tentou demonstrar ser um representante de seu bairro, tentando resolver as dificuldades diárias através dos serviços públicos. Porém, esse trabalho pelo bairro, como ele mesmo já declarou, vem de outros tempos. Promovia um trabalho com as crianças do setor para prevenção contra as drogas, através de palestras e eventos com profissionais da área da saúde, seguido de entrega de lanches. Inclusive intitula que o objetivo principal de sua campanha e mandato é o “trabalho do social”. “Ajudar o social” para ele significa ir atrás do “carente”, representar este indivíduo, buscando melhorias seja em serviços de saúde, moradia ou educação.<sup>47</sup>

Há um esforço para ser percebido como a ponte entre os serviços públicos e os moradores. É notório que essa atenção inicial dispensada ao Pontal Norte pode ser entendida como pressão dos moradores com suas inúmeras reivindicações, principalmente, porque o vereador continuou residindo no bairro, tornando os pedidos

---

<sup>46</sup> O vereador Donizete possui muitos requerimentos no ano de 2013 direcionados os problemas do Bairro Pontal, assim podemos dar de exemplo o requerimento número 001(pedido para solucionar a distribuição de água no bairro), 005 (revitalização da praça do bairro), 013 (troca de lâmpadas em ruas do bairro). Enfim há muitos requerimentos solicitado melhoras no bairro.

<sup>47</sup> Entrevista cedida pelo vereador Donizete em 07/06/2013.



em requerimentos, seja por iniciativa própria ou devido à procura e cobrança dos demais moradores.

No decorrer da campanha, a simplicidade foi a imagem explorada e associada a sua figura, como oriundo de bairro carente, que dedicaria especial atenção para essas áreas de maior vulnerabilidade. Utilizou roupas simples, que não o distinguiu dos moradores, tentativa de criar identificação por meio da vestimenta. Perambulou pela cidade com motocicleta, demonstrando que entrou na política para atender ao próximo e não para benefício próprio. Em suas falas públicas, sempre salienta a importância de sua família como suporte para a vida, passando a ideia de ter laço familiar harmonioso e feliz.

O esforço em demonstrar ser um bom esposo e bom pai pode ser apenas a estratégia da maioria dos políticos, ou simplesmente a menção despretensiosa de um fato. De qualquer forma, não se pode ignorar que suas falas foram quase sempre direcionadas a religiosos evangélicos, grupo para o qual, em tempo de discussão sobre ideologia de gênero, a menção sobre a família ganha contornos ainda mais significantes. Para os evangélicos, talvez mais do que para outras parcelas da sociedade, a vida pessoal e privada de uma figura pública é vista com cautela, tão ou mais importante do que o próprio exercício da função.

A vida pessoal é escancarada, inclusive para desmoralizar e desmerecer, por isso o ideal da família perfeita é mantido e explorado pelos políticos, sobretudo por aqueles, como Donizete Negão, que garimpou votos no meio religioso. Como ele mesmo afirmou, a maioria de seus votos “se não 50% eu tive com os evangélicos”. A sua imagem como marido e pai certamente foi determinante para seus eleitores.

A manutenção da imagem do político para seus eleitores, mesmo após eleito, é constante, sobretudo para vereadores que estão permanentemente em campanha ao longo de seus mandatos para garantir reeleição. Donizete Negão continuou como a imagem de homem simples, ressaltando sua origem igualmente simples. O semelhante vota no semelhante, manter um acesso e uma imagem de proximidade engradece a figura política. Nesse sentido, o próprio nome seguido do apelido é uma forma de aproximação.

O próprio Donizete Negão reconhece como as visitas a bairros carentes da cidade e às igrejas são importantes para fidelizar seus eleitores. Ele relata que, depois que resolveu sair como candidato, se afastou de sua igreja (Igreja do Evangelho Quadrangular) e passou a visitar outras igrejas com vínculo de fé e não de membresia. Segundo Donizete Negão, “antes de candidatura, a igreja que onde eu converti e fui batizado foi na igreja Quadrangular do Pastor Elton, mas, depois que eu fui para o meio político, aí eu não tenho uma igreja fixa, eu frequento várias (...) Então cada final de semana eu frequento, faço visita em uma igreja”<sup>48</sup>.

Poderíamos supor que seu afastamento da igreja fosse simplesmente uma estratégia de campanha, mas há algo além, principalmente, se observarmos que a Igreja do Evangelho Quadrangular tinha seu próprio candidato oficial, que não se elegeu. Essa situação de dois candidatos disputando os votos da mesma igreja, possivelmente, geraria certo constrangimento e a indesejável, para ambos, divisão dos votos.

Por certo que suas visitas e reuniões com os evangélicos e moradores de alguns bairros surtiram efeitos. Pelos requerimentos, outro setor que Donizete tentou aproximação foi o de fazendeiros<sup>49</sup>, o que nos faz pensar sobre a melhor forma de entender essa aproximação. Uma das hipóteses seria a tentativa de ajudar os conhecidos de seus pais, que tiravam o sustento da casa trabalhando como funcionários de uma fazenda.

O próprio Donizete morou próximo da comunidade Pedra Branca, um povoado cercado por fazendas, a famosa vendinha, rota de passagem de fazendeiros e homens do campo, que, além de funcionar como comércio, era também ponto de encontro e sociabilidade. Todavia, o mais provável é o fato de que o presidente de seu partido PSC tem forte vínculo com a zona rural, por ser também presidente da COACAL<sup>50</sup>, cooperativa que agrega muitos produtores rurais da cidade.

A origem funciona como um cartão de visita e uma garantia de que os candidatos se comprometeram com determinados setores da sociedade. Conhecer a

---

<sup>48</sup> Entrevista cedida pelo vereador Donizete em 07/06/2013.

<sup>49</sup> Requerimentos que solicitam construção de mata- burro, reforma de estradas e pontes, pedido para melhoramento do transporte de suas produções agropecuárias. Nesses pedidos são ressaltados os nomes dos fazendeiros como representantes de suas regiões. Ex.: Requerimento 39/2013, Fazenda Furquilha Proprietário Antinário Candido.

<sup>50</sup> Cooperativa Agropecuária de Catalão Ltda.

origem é qualquer coisa como trazer o estranho para o campo do conhecido, do familiar, trazer para o coração. Em cidades como Catalão, apresentar seus vínculos e raízes traz credibilidade, pois muitos ainda votam por conhecer o sobrenome ou por dever algum tipo de favor para aquela família. E ainda existe o sistema de apadrinhamento, quando uma família nobre da cidade ou político torna um anônimo conhecido.

Donizete, por exemplo, ao descrever sua história de vida, evidenciou a presença e importância de Adib Elias, político tradicional da cidade, com vários mandatos de prefeito e deputado, candidato a prefeito na época, médico, presidente da maçonaria, líder do PMDB, e dono de muitas propriedades na cidade. Ao ser questionado sobre o que levou a se candidatar, Donizete respondeu, categoricamente, que era pelo interesse em trabalhar para as pessoas carentes conjuntamente com o Dr. Adib. Assim enaltecia e engrandecia a imagem desse candidato como sendo um homem movido pelo amor à cidade.

A candidatura de Donizete Negão não foi diretamente pelo PMDB, mas havia uma coligação entre este e seu partido PSC. Como é comum, essas coligações se baseiam em troca de interesses, para que o candidato a prefeito consiga votos, e os vereadores consigam visibilidade, cargos, ajuda financeiras, produção de material de propaganda política, dentre outros. Mas, como benefício próprio para o vereador, que tornamos personagem desse estudo, se sobressai a possibilidade de ampliar força, poder de voto e potencializar sua visibilidade.

O vereador Donizete já tinha um vínculo com o PMDB, quando apoiava a candidatura de Deusmar Barbosa, um dos vereadores mais bem votados pelo PMDB, com prestígio no partido, por ser presença garantida na Câmara em sucessivos mandatos, principalmente pelo forte apoio dos fazendeiros da cidade. Já existia uma aliança entre o PMDB e o então candidato Donizete Negão, muito mais próximo do PMDB do que do PSC, embora sair pelo PSC fosse mais conveniente como estratégia para conquistar maior número de cadeiras na Câmara para a coligação.

A vida política possibilitou para Donizete adentrar em círculos outrora fechados para ele, ter acesso a pessoas influentes e poder de decisão na sociedade. De cabo eleitoral e churrasqueiro das festas do círculo político, tornou-se vereador e ganhou

outro *status* no meio, ponto importante da base do partido do PMDB na Câmara municipal.

Retomando a relação entre religião e política a partir de Donizete, já no primeiro mandato, foram perceptíveis, nos requerimentos, os desdobramentos da sua perambulação pelas igrejas. Pedidos direcionados às necessidades específicas de pastores e suas igrejas espalhadas pela cidade. Diferentemente de outros líderes e candidatos políticos evangélicos que baseavam suas candidaturas na necessidade de promover uma unidade entre os evangélicos, o vereador Donizete fortalece uma aproximação com as igrejas, através de suas demandas pontuais, construindo vínculo com os pastores, se colocando como porta voz desses religiosos na Câmara.

Vejamos um desses requerimentos, que trata da proposição da mudança de sentido de uma rua, com a justificativa de melhorar o tráfego para os moradores e membros de uma igreja.

A referida solicitação tem como objetivo solucionar o problema do Trânsito e de locais para estacionamento na Rua 1. Na referida rua existe uma Igreja que nos horários de culto reúne uma quantidade expressiva de fiéis, que utilizam os veículos para irem ao culto, estacionando seus veículos nos dois sentidos da via. Tal atitude traz um transtorno para os moradores da localidade e até mesmo para os frequentadores da igreja, pois o local para o tráfego de veículos fica muito estreito e ainda não possui local adequado para estacionamento de veículos.<sup>51</sup>

Na justificativa apresentada, percebe-se que a necessidade da igreja é estendida como uma necessidade e benefícios também para os moradores em geral. Mas trata-se de uma demanda específica solicitada pelos líderes da igreja, que viram no Donizete uma maneira de ter suas vontades atendidas. Além da mudança na rua, solicitou a criação de um estacionamento para a igreja. Ao analisar a postura desse vereador na Câmara, percebemos que, apesar da sua aproximação com a comunidade evangélica, ele não abraça todas as bandeiras do segmento.

Boa parte das lideranças com as quais estreitou laços é forte oposição às congadas em Catalão, e militam pelo fim da festa de Nossa Senhora do Rosário. Por ocasião da votação na Câmara de um projeto que propunha ajuda financeira para todos

---

<sup>51</sup> Requerimento nº 07/2013.

os ternos de congo da cidade, o projeto foi aprovado com unanimidade, sem interferência alguma ou uso do direito de fala por parte dos vereadores evangélicos. O que demonstra que a atuação de Donizete na Câmara de vereadores é bem distinta dos políticos conhecidos na mídia, que fazem parte da bancada evangélica. Pois poderia aproveitar ocasiões como essa para reforçar seu vínculo com os evangélicos, numa questão cara para a maioria. Todavia sua representação se dá por outras vias e não pelo combate a outras religiões.

Na cidade de Catalão, os candidatos mais combativos, que se afirmavam como representantes de todos os evangélicos, não obtiveram êxito nas urnas. Podemos questionar se isso se deve ao fato de as igrejas maiores já possuírem articulação com outros políticos da cidade? Ou se a melhor explicação é a falta de unidade entre os diferentes ministérios evangélicos a ponto de uma ação conjunta na esfera política?

Sobre a questão da unidade, é possível afirmar que as igrejas mais consolidadas na cidade, com grande número de membros, não reclamam da falta de unidade dos evangélicos, já as pequenas igrejas, em tamanho físico e número de membros, conclamam parcerias com os companheiros de fé e denunciam a fragmentação da religião. Noutro momento essa questão será tratada de forma mais acurada.

No ano de 2014, a vida política estava efervescente, além de ser ano das eleições para os cargos estaduais e federais<sup>52</sup>, estava acontecendo a eleição do novo presidente da Câmara de vereadores de Catalão. A Câmara se dividia em dois, de um lado apoiava-se o PSDB, até então, partido rival ao do Donizete; e do outro, os aliados do PMDB. A Câmara dos vereadores, nessa ocasião, era dirigida por um dos vereadores do PMDB, que queria se manter como presidente.

As disputas para o cargo acirraram os debates e alterou a rotina do legislativo, pois o PSDB almejava ter a câmara sobre seu controle para garantir uma administração sem obstáculos, já que haviam conquistado a prefeitura. Já o PMDB desejava o cargo para ter mais força como oposição. Dos dezessete vereadores, nove eram do próprio partido de oposição ou coligados a ele, votos que, teoricamente, garantiriam a presidência da Câmara para o PMDB.

---

<sup>52</sup> O nome de Adib Elias estava em alta por estar concorrendo para deputado estadual e o então Prefeito Jardel Sebba estava apoiando o seu filho Gustavo Sebba. A cidade de Catalão estava em um verdadeiro duelo por votos, mais um embate entre PMDB x PSDB.

Mas, nas disputas pelo poder, novas alianças se formam diante das pressões e ofertar em troca de apoio. Após varias negociações de ambos os lados, o PSDB acaba conquistando a maioria dos votos, inclusive como o apoio do vereador Donizete Negão, que, repentinamente, saiu da oposição para a situação, declarando apoio ao PSDB.

Coincidentemente a atuação do vereador se torna, nesse ano, ainda mais tímida, inclusive, na queda significativa de requerimentos apresentados, apenas três ao longo de todo período. Comparecia nas sessões, mas permanecia calado. Nesse processo de transição de apoio político, o seu silêncio era o desejo de passar despercebido. A discrição foi pensada, provavelmente, como uma maneira de atenuar a hostilidade incentivada por muitos em relação aos que fizeram novas alianças.

A mudança de lado repentina de Donizete Negão causou estranhamento e surpresa, pois, durante anos, exaltava o PMDB e a figura de seu principal representante Adib Elias. Além do que foi um ato que retirou a presidência da Câmara das mãos de Deusmar Barbosa, o vereador que apoiava, antes de se tornar eleito, e que já estava na função por quatro mandatos seguidos. Mas, naquele momento, o PSDB tinha maior poder de negociação, pois estava com a prefeitura e o governo do estado sob sua direção. Já o PMDB estava enfraquecido pelas derrotas eleitorais e pelos processos de escândalos envolvendo seus principais representantes locais.

Muitos vereadores foram procurados pelo PMDB e pelo PSDB, certamente, com propostas tentadoras, mas, ao final, o PSDB conseguiu mais uma vitória, conquistando a maioria dos votos da Câmara de vereadores, além da presidência da Casa. Com 14 votos favoráveis, o vereador Juarez Rodovalho venceu a disputa.<sup>53</sup>

A partir de então, a caminhada política de Donizete Negão seguiu em apoio ao Prefeito Jardel Sebba, eleito pelo PSDB. Como vereador da oposição, muitas portas estariam fechadas. Já como aliado, essas se abriram para usar amplamente os serviços da prefeitura em favor de fortalecer sua imagem como político para, teoricamente, manter e ampliar seu potencial de votos para as próximas eleições.

Durante o ano de 2014, era frequente, nas sessões da Câmara, os candidatos da oposição (PMDB) reclamarem de que seus requerimentos e pedidos aos serviços da

---

<sup>53</sup> Informações retiradas do *site*, disponível em: <http://www.badiinho.com.br/index.php/legislativo-juarez-rodovalho-dem-e-eleito-o-novo-presidente-da-camara-municipal-de-catalao/> Acesso em: 16 set. 2016.

prefeitura eram ignorados, tratados com pouco zelo e com muita morosidade. O que prejudicava suas figuras junto aos eleitores, já que não conseguiam atendê-los. Donizete Negão já não precisava lidar com essa situação e suposta perseguição.

Outra explicação plausível para a mudança de posicionamento pode ser a aproximação com a igreja Assembleia de Deus, ou parte dela, que apoiou o PSDB. Uma das maiores e mais fortes igrejas em Catalão, com templos espalhados por todos os bairros, a Assembleia de Deus, até as eleições de 2012, mantinha bom relacionamento com o PMDB. Ao ponto de Adib Elias ser anunciado nas igrejas como a melhor opção para cidade, inclusive o vereador Vandeval, do mesmo partido, pertence ao ministério Assembleia de Deus Madureira. Porém, nas eleições de 2012, a liderança da referida denominação, em Catalão, após leitura da conjuntura política, decidiu apoiar a candidatura de Jardel Sebba, do PSDB, para prefeito. Com o resultado das eleições, o vínculo com a Assembleia foi fortalecido.<sup>54</sup>

As visitas feitas pelo vereador Donizete a essas igrejas assembleianas, durante este ano de 2014<sup>55</sup>, foram intensificadas, conforme percebemos pelos ofícios de solicitação de serviços para essa denominação. Para exemplificar, solicitou-se interdição de rua e tendas para realização de festividade da igreja Assembleia de Deus Bairro Pontal Norte; solicitação de um caminhão para buscar 25 metros de areia na cidade de Ipameri-Go para igreja Assembleia de Deus Ministério Vila Nova Bairro Jardim Europa; solicitação de transporte para levar pastores em um retiro em Acreúna da igreja Assembleia de Deus Missão do Bairro Santa Helena II. Muitas solicitações da igreja Assembleia de Deus, em diferentes localidades e ministérios, mas que demonstram uma relação entre essas igrejas e o candidato Donizete Negão.<sup>56</sup>

Mesmo não sendo político oficial de uma igreja, não tendo uma igreja fixa, percebemos o seu papel em representar os interesses de alguns pastores evangélicos durante o mandato, com vínculos aparentemente para além da perspectiva religiosa.

---

<sup>54</sup> Vale observar que a Assembleia de Deus tem como principal liderança na cidade Pastores pertencentes à mesma família, são eles: Pastor Eurípedes, Pastor Cornélio e Pastor Cornélio Neto. Nessas eleições, de forma atípica, os dois primeiros declararam discreto apoio ao PMDB, mas o pastor Cornélio Neto declarou apoio público ao PSDB, inclusive com reuniões comandadas por ele.

<sup>55</sup> Neste ano o Vereador Donizete não teve muitos requerimentos, apenas consta três requerimentos. Permaneceu em silêncio durante as sessões e apenas fazia seus pedidos por meio de alguns ofícios.

<sup>56</sup> Pedidos solicitados nos ofícios de nº 10, 11, 13 e 24 de 2014 e o ofício 07/2015.

O fato é que ser vereador da “situação”<sup>57</sup> traz os benefícios de se estar sempre em evidência nas inaugurações e festividades da cidade. Os demais vereadores que não apoiam o governo da “situação” se articulam com outros instrumentos como rádios, presenças em eventos de associações, participam de festividades na cidade para estar em evidência com os eleitores etc. Os vereadores da “oposição” procuram outras parcerias durante os anos de gestão, até chegar novamente o próximo pleito, mas ganham mais prestígio no interior do partido pela fidelidade, apesar das dificuldades e embates travados no cotidiano da Câmara de mútuas acusações.

Outro episódio marcante, na trajetória de Donizete Negão como vereador, diz respeito a sua reaproximação com a Igreja do Evangelho Quadrangular, em 2015, sua igreja de origem onde foi batizado, mas que havia se afastado em razão da sua candidatura. Através de requerimento o vereador apresenta a seguinte solicitação “(...) que seja refeita a rede de esgoto próximo a Igreja Quadrangular, situada na Rua Vereador Geraldo Gentil Aires nº 211, Jardim Paulista”, sob a justificativa de que, com a chuva, o templo religioso sofria com as inundações.<sup>58</sup> Depois de alguns meses, as obras foram feitas e os problemas solucionados pela prefeitura. Seria tudo apenas mais um requerimento em favor da sua igreja, não fossem as questões envolvidas em torno desse acontecimento.

A Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular em Catalão é liderada pelo Pastor Elton Quirino, que, desde então, sempre declarou apoio para o PMDB e fazia forte oposição ao PSDB. Usava as dificuldades das suas igrejas como forma de desmerecer e desprestigiar a gestão do então prefeito Jardel Sebba. A proporção da rivalidade que estamos mencionando pode ser observada no episódio que passaremos a descrever.

Em 17/05/2015, no horário do culto de domingo, as igrejas lideradas pelo pastor Elton Quirino fizeram uma manifestação. Saíram da igreja central rumo ao Ministério Público, com carro de som, cartazes e gritos de ordem, contra uma multa que foi aplicada contra a igreja pela Secretaria do Meio Ambiente, devido ao som acima dos decibéis permitidos para o horário.

---

<sup>57</sup> Forma como os próprios vereadores da Câmara de Catalão se autoidentificam. Os da “Situação” são os que apoiam o prefeito eleito. Os identificados como “Oposição” são os que não apoiam o prefeito atual por pertencerem ao partido da oposição e usam suas candidaturas para expor críticas e acusações.

<sup>58</sup> Requerimento n.15/2015.



A Igreja alegava, na manifestação, que a multa de 50 mil reais era fruto de perseguição política, tendo em vista que, nas últimas eleições, a igreja apoiou o PMDB e lançou um candidato oficial da igreja pelo mesmo partido, candidato Pastor Marcelino, pastor da segunda Igreja Quadrangular. A manifestação foi acompanhada pelo vereador Deusmar Barbosa, a única autoridade da Câmara de vereadores que estava presente no local, com palavras gentis, declarou seu apoio ao Pastor Elton diante da perseguição política.

No pronunciamento do pastor da Quadrangular aos seus fiéis, durante o ato, afirmou que estava vendo anjos descendo naquele lugar. Disse que seria uma questão de honra ter a Secretaria na próxima gestão para mostrar quem realmente estava no controle da cidade. No mesmo momento em que, aos gritos, ridicularizava a figura do então prefeito da cidade Jardel Sebba, assim como do então Secretário do meio ambiente Marcelo Mendonça.

Todos os manifestantes davam “glórias” pelas palavras ali proferidas, pois acreditavam se tratar de palavras proféticas. Essa manifestação foi acompanhada por toda a imprensa da cidade, causando muita repercussão e uma clara rivalidade política, acentuada como questão religiosa. Na ocasião as lideranças já anunciavam seu apoio ao PMDB e a futura e certa derrocada do PSDB.

As alianças das igrejas com os partidos interferem na maneira como as leis são aplicadas e como os serviços públicos são oferecidos. Apesar de toda reverberação da manifestação, pouco tempo depois, o assunto caiu no esquecimento, tudo indica que, por uma tentativa de diálogo entre o PSDB com o Pastor Elton, após significativa demonstração de força naquele ato. O Requerimento de Donizete Negão para solucionar o problema de esgoto data de 07/04/2015, aproximadamente, um mês antes da manifestação. Não é difícil presumir que o referido vereador tenha mediado esse contato para apaziguar os ânimos.

Dentre os requerimentos de 2015, destacamos um, em especial, direcionado ao Deputado Estadual Gustavo Sebba e ao seu pai, Prefeito Jardel Sebba, para criação de uma agenda para assuntos evangélicos. Na justificativa afirma-se que “Considerando que a cidade de Catalão, conta com mais de 100 ministérios evangélicos, vê-se a

necessidade da criação de uma agenda especial para ouvir as demandas do segmento evangélico.”<sup>59</sup>

Nota-se uma maior preocupação em se identificar com os evangélicos e intensificar o contato, perceptível pelas suas participações em vários eventos organizados pelas igrejas e anunciados por ele nas redes sociais. Parece buscar o reconhecimento de seu mandato junto às diferentes denominações. Provavelmente o referido requerimento foi um pedido das igrejas por onde passou, como se o vereador estivesse cumprindo a função naquele momento de mediador entre os administradores da cidade com os líderes pastorais.

Donizete Negão viabilizou o estreitamento do diálogo do PSDB com as igrejas evangélicas, desejo antigo, pois, no período eleitoral de 2012, o partido criou um comitê evangélico através do qual buscou conquistar o segmento para abraçar seu projeto. O vereador, nesse período, conseguiu ter relativo êxito nessa mediação das igrejas com o poder público. Muitos pastores recorreram a sua figura para serem amparados em suas necessidades e desejos junto à Prefeitura. No perfil do vereador, nas redes sociais, encontram-se fotos de reformas e/ou construções de novos templos evangélicos, eventos, doações públicas de materiais de construção, suporte para festas como tendas, palco, som, cedidos pela prefeitura por meio de requerimentos encaminhados por ele.

Em 2016, nos últimos meses de seu mandato, já comprometido com o projeto de reeleição, Donizete Negão foi, ao que tudo indica, a ponte para uma aliança improvável para muitos. Foi recebido na igreja do Evangelho Quadrangular, juntamente com o prefeito Jardel Sebba, para anunciar que o terreno ao lado da primeira igreja da denominação foi usado para construção de uma tubulação para resolver o problema com as inundações da igreja no período chuvoso, conforme solicitado em requerimento pelo vereador em 2015. Além disso, se comprometeram a ceder o terreno para ser utilizado como estacionamento para igreja enquanto estiverem na Prefeitura.

---

<sup>59</sup> Requerimento 19/2015



**FIGURA 1:** Donizete Negão (camisa azul listrada), Luciano Tampa (lado esquerdo de Donizete Negão, Pastor Elton (Terno e gravata vermelha), Jardel Sebba (Camisa azul do lado esquerdo do Pastor).

O pastor Elton Quirino, na presença de todos os membros, selou o encontro com uma foto ao lado dos políticos e declarou apoio ao PSDB. Por ocasião da importante inauguração do Hospital de Unidade de Pronto Atendimento (UPA), o Pastor Elton foi convidado a subir no palanque para orar pela cidade. Era o mesmo líder religioso que, pouco tempo antes, estava num trio elétrico a frente de uma manifestação, desferindo as mais duras críticas ao prefeito e sua gestão, enaltecendo o PMDB. Pouco tempo depois, após negociações, anunciou para toda cidade seu apoio aberto ao partido PSDB, o mesmo que outrora havia sido acusado de torná-lo vítima de perseguição.



**FIGURA 2:** Pastor Elton Quirino (ao centro com microfone na mão) entre o então prefeito Jardel Sebba e o Governador de Goiás Marconi Perillo.

Entendemos que essa aproximação se deu através da figura do vereador Donizete Negão, pelos seus requerimentos, por ter sido membro da igreja e por ter feito caminho semelhante de mudança de posição. Nisso podemos perceber como as alianças e rupturas são inventadas, construindo novos discursos e imagens para sustentar a nova postura assumida pela igreja. Em ano de eleição, em que o prefeito, assim como Donizete, tentava reeleição, essa conquista foi muito importante. Embora ambos não tenham conseguido a tão desejada reeleição.

Donizete Negão rompeu também com o partido PSC, para se filiar ao PSB, partido que tem como presidente, o então Secretário de esporte Luciano Tampa, que, depois, sairia como candidato a vice-prefeito pelo PSDB. O novo partido de Donizete Negão já surgiu na cidade com prestígio, visibilidade e com recursos para investir na promoção da figura de seus candidatos. Coligado ao PSDB, foi peça importante na nova estratégia de obter maioria na Câmara.

A vida pública do vereador de quem acompanhamos a trajetória foi curiosa, apesar das suas mudanças de posicionamento político, conseguiu se esquivar dos escândalos. Passou pelo primeiro mandato quase sempre em silêncio, principalmente, quanto aos assuntos mais polêmicos. Foi pouco midiático, já que não usou os veículos

como outros vereadores usaram para atacar e/ou se defender. Tentou construir uma imagem de político acessível a todos, votado para as coisas do povo e do social. Enfim, foi o vereador que professou a fé evangélica, se aproximou das igrejas, sobretudo, em ocasiões estratégicas, mas que não se projetou como vereador unicamente da causa religiosa.

Entre os poucos requerimentos que fez no último ano da sua gestão, destaca-se um em que solicitou a doação de um terreno para a construção da sede da COMEC<sup>60</sup>. Essa foi uma alternativa para ganhar a adesão do Conselho, pois, até aquele momento, não reconhecia os vereadores evangélicos em atuação, Donizete e Vandeval, como políticos evangélicos e não se sentia representado por eles.<sup>61</sup>

A COMEC nutriu certo desprezo pela candidatura dos dois, pois fugiam do perfil que almejavam, queriam um político militante da causa evangélica, que usasse a Câmara para lutar em favor do seguimento e contra todas as ideias contrárias, inclusive de outras religiões. O conselho entendia os vereadores como acovardados que chegaram ao poder, mas voltaram as costas para os cristãos.

Porém essa atitude alterou a relação de Donizete com a COMEC. Além de solicitar esse pedido através de requerimento, ele socializou sua ação nas redes sociais, inclusive agradecendo os serviços prestados pela COMEC na cidade. Vale observar que o vereador não divulga, em sua página, todos os requerimentos que propõe. O que indica o esforço para se aproximar daquele Conselho, apesar de ser formado por igrejas sem muita expressão, quando tomadas isoladamente, mas que, no conjunto, poderia causar impacto.

O vereador Donizete Negão tentou conquistar o segmento evangélico e abraçar alguns de seus anseios. Mesmo que não tenha se exposto como o representante político da religião, acabou cumprindo relativamente essa função, pois atendeu ao seguimento mais do que qualquer outro vereador. Estreitou laços em momentos decisivos e estratégicos, tanto com igrejas consolidadas, com forte capital político, como também com pequenas e inexpressivas igrejas. Entretanto sua atuação de trocar serviço público

---

<sup>60</sup> Conselho de Ministros Evangélicos de Catalão, este conselho é constituído por 26 igrejas filiadas, formado, majoritariamente, por igrejas pequenas, ministérios como Assembleia de Deus, Quadrangular, e outras não estão vinculadas a COMEC. As igrejas filiadas são, em sua maioria, muito modestas em número de membros e estrutura, algumas sequer possuem registro.

<sup>61</sup> Requerimento n. 06/2016.

por votos não foi eficiente e suficiente para reeleição, apesar de bem votado, parece ter perdido sua base de sustentação.

### 2.3 VEREADOR VANDEVAL FLORISBELO

O vereador Vandeval Florisbello de Aquino começou sua vida política em 1982, quando se candidatou a vereador e conseguiu se eleger. Conheceu o Partido Movimento Democrático Brasileiro na cidade de Catalão, a convite de Haley Margon, um dos fundadores do então PMDB na cidade, de família tradicional, que atuou na política como prefeito e ainda é conhecido na cidade pelo seu governo. Principalmente por ter contribuído na implantação de importantes instituições educacionais nas décadas de 80 e 90, como o Campus da UFG (Universidade Federal de Goiás, que, em 1986, abriu com dois cursos: Geografia e Letras)<sup>62</sup>, e a Escola SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)<sup>63</sup>.

Período recorrentemente lembrado pelo Vereador, não apenas pelo marco inicial da sua trajetória política, mas, por coincidir com um momento importante para região do ponto de vista da educação. Segundo Vandeval, não era mais necessário que os jovens se mudassem para a capital do estado para ter formação técnica ou superior.<sup>64</sup> A lembrança é significativa, pois o vereador tem forte vínculo com a educação, concomitante com sua inserção na política. Vandeval Florisbello, antes da administração de Haley Margon, foi estudar em Goiânia para dar prosseguimento nos seus estudos e fez “licenciatura curta e cursos técnicos para ministrar aulas”.<sup>65</sup>

Quando estava trabalhando numa importante escola particular conhecida como Colégio Anchieta<sup>66</sup>, recebeu o convite para concorrer ao cargo de vereador. Assim

<sup>62</sup> Conforme registro Institucional da história da UFG. Disponível em: <https://cec.catalao.ufg.br/n/53485-ufg-cac> Acesso em: 15 set. 2016.

<sup>63</sup> A Escola Senai foi implantada em 1986, com uma parceria entre a Prefeitura de Catalão e as mineradoras Goiásfértil (hoje Ultrafértil), Mineração Catalão e Copebrás. Conforme informação institucional da Escola SENAI Catalão. Disponível em: <http://www.senaigo.com.br/senai/site/EscolaVisualizar.do?vo.codigo=66&y=> Acesso em 10 set. 2016.

<sup>64</sup> Entrevista com o Vereador Vandeval Florisbello, cedida em 19-06-2013.

<sup>65</sup> Segundo o próprio Vandeval, naquela época, era o curso que habilitava o profissional para lecionar.

<sup>66</sup> Antigo Colégio situado no centro da cidade, onde os filhos da elite estudavam. Declarou falência no final do século XX, e foi fechado. Hoje só resta o prédio abandonado na Av. 20 de agosto, principal rua comercial.

começou sua vida política como vereador no ano de 1982 e permaneceu legislando por seis anos. Concorreu novamente nas eleições subsequentes, sempre com o número 15101, que ainda usa, e manteve seu cargo por dois mandatos consecutivos. Ficou certo tempo afastado da política por não ter conseguido se reeleger. Momento em que iniciou o curso de Matemática na UFG, polo Catalão.

Nesse mesmo período, começou a frequentar os cultos evangélicos na Igreja Assembleia de Deus Madureira, onde se batizou e, até os dias de hoje, mantém-se como membro efetivo. Não possui nenhum cargo em sua igreja porque é divorciado, condição que não lhe permite assumir cargos de liderança na denominação.

Vandeval Florisbelo considera que sua vida se transformou a partir do momento que se firmou naquela igreja nos anos 90. A Assembleia de Deus, apesar de não oferecer cargos para divorciados, não vê nenhum problema em ter membros com cargos políticos, mas não aceitam que seus pastores tenham cargos políticos durante o pastorado. Quando algum sai como candidato, é preciso abandonar a função eclesiástica até o término do mandato.

A trajetória política de Vandeval Florisbelo está ligada à educação, ao partido e à igreja, elementos importantes e com proximidade temporal na vida do vereador. Tece sobre essas dimensões como se fossem parte constituinte de quem é e do que se tornou. Seus projetos de vida são descritos por ele como firmados nos ideais estabelecidos pela religião de cuidar do próximo, ser honesto, e promover o bem estar, exercidos através da política.

Após alguns anos afastados da cena política, conseguiu voltar para a Câmara de vereadores em 2004. Desde então tem sido eleito sucessivamente para o cargo de vereador, somando, ao todo, nove candidaturas e sete mandatos. É o vereador com mais tempo de exercício na casa. Apesar de ter alcançado uma vida política exitosa, não teve ambição de conquistar cargos mais altos, sempre se candidatou a vereador, porque acredita que seu “perfil é de Legislar”, como se fosse uma vocação dada por Deus, pela qual busca servir o povo.





**FIGURA 3:** Vandeval em campanha - 1996.

**FONTE:** [http://nossocatalao.blogspot.com.br/2010\\_04\\_01\\_archive.html](http://nossocatalao.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html). Acesso em 07 set. 2016.

Uma das formas preferidas de Vandeval se apresentar é como político acessível às demandas da população. Uma de suas marcas principais é a de perambular por toda a cidade de bicicleta. Todas as suas visitas, seja de campanha ou como eleito, são feitas de bicicleta, o meio de transporte que mais utiliza. Atencioso e solidário a qualquer pessoa que o aborda. Com postura humilde e amistosa, demonstra atenção aos mais diferentes pedidos que lhe cheguem às mãos. Vandeval entende sua função de vereador pelo viés religioso, pois, segundo acredita, ou diz acreditar, é uma atribuição de cunho assistencialista que deve visar ao amor ao próximo.

Entende que sua função na Câmara é de extrema importância para praticar os ensinamentos bíblicos. Inclusive cita personagens bíblicos como Davi, Salomão, José, para afirmar que há possibilidade de homens de Deus atuarem na política de maneira incorruptível. Vandeval respeita as determinações de sua igreja e compartilha da opinião quanto à participação de pastores na política. Para ele a função do pastor deve ser cuidar



de seus membros e das demandas da igreja. A presença desses pastores na política, conforme acredita, seria um abandono do chamado para pastorear.<sup>67</sup>

O Vereador Vandeval Florisbello é um político com habilidade para se equilibrar diante das oposições, maleável o suficiente para agradar aos mais diferentes grupos sociais. Do ponto de vista religioso, por exemplo, ele não limita seus votos à população evangélica, consegue ser aceito em outras religiões e atribui isso justamente ao fato de não ser um religioso radical. Apoiou projetos de ajuda financeira para a Fundação Espírita, que mantém uma orquestra na cidade, às congadas e demais projetos culturais de outras religiões. Parece dar atenção à atividade cultural e não à religião que a fomenta.

Apesar da associação da sua imagem à igreja Assembleia de Deus, reforçada no seu perfil das redes sociais, com registros da sua presença nas festividades da denominação, é interessante observar que não há documentos que registram solicitações do vereador em favor das igrejas, embora ele seja procurado, não apenas pela Assembleia de Deus como por outros ministérios para doar cesta básica, conseguir ônibus para viagens religiosas, materiais de construção, tendas, entre outros.

Seus projetos e pedidos se ligam muito mais à questão da educação e da saúde do que propriamente à religião. É como se o vereador partisse do princípio de que trabalhar para Deus fosse atender à população em geral e não necessariamente os interesses das igrejas. Partindo das análises dos requerimentos do referido vereador, não há indícios de favorecimento direto aos evangélicos.

Alguns dos seus principais projetos já executados são: implantação do SAMU, Universidade Aberta, criação de uma unidade do IF Goiano, proposição de abertura de novos cursos na UFG, SENAI e criação de escolas profissionalizantes. Vandeval foi membro do Conselho Universitário da UFG, com o objetivo de estabelecer maior contato entre a educação básica, os anseios de seus alunos da rede pública, com a comunidade acadêmica.

Seu vínculo com a educação é mais evidente do que com a religião. Divide-se entre a rotina da Câmara dos vereadores e a rotina das escolas da rede pública onde trabalha. Desde seu primeiro mandato, conciliou a atividade de professor com a de

---

<sup>67</sup> Entrevista com Vereador Vandeval Florisbello, cedida em 19-06-2013.

vereador. Nas escolas estaduais de educação básica, Vandeval interage muito bem com os colegas de trabalho, alunos e, até mesmo, com os familiares. Não por acaso, boa parte dos seus requerimentos são voltados para ações ligadas à educação, cultura e lazer. São propostas inovadoras que, ao que tudo indica, são construídas nas conversas com os colegas de profissão.

O vereador recebe muitas sugestões, reivindicações, críticas e cobranças da comunidade escolar. Seus requerimentos, em grande medida, são frutos dessa relação. Para citar alguns exemplos dos requerimentos apresentados por ele: pedidos de criação de parques ambientais na cidade, postos de coleta de materiais descartáveis, parcerias com órgãos para financiar reflorestamentos da mata ciliar das nascentes da cidade, projetos de implantação de uma escola de línguas estrangeiras etc.<sup>68</sup>

No espaço escolar, principalmente, é conhecido como “Jovem”, apelido recebido por ter iniciado na carreira política e educacional com pouca idade. E também por ser a maneira como se dirige para todos os seus alunos, com os quais constrói, recorrentemente, a cada ano, relação de proximidade. Nos intervalos das aulas, está sempre rodeado de alunos e professores, que aproveitam essas ocasiões para expor suas demandas e opiniões. Por isso, a maioria de seus requerimentos está direcionada para anseios da educação, seja construção de creches, escolas, implantação de cursos, centros de inclusão digitais nos bairros, entre outros.

Há, inclusive, solicitações ao Secretário de Educação da cidade de Catalão, assim como ao Deputado Estadual de Goiás Daniel Vilela (PMDB), para inclusão das disciplinas: Conteúdos vocacionais, Organização Social e Política Brasileira e Educação Moral e Cívica.<sup>69</sup> Normalmente Vandeval Florisbelo repete, insistentemente, seus requerimentos até que eles sejam atendidos.

Assim o chamado “Jovem” vai seguindo em sua trajetória política, estreitando laços com a população, no corpo a corpo, construindo uma suposta relação de amizade, principalmente, com pessoas ligadas à educação. A proximidade é um fator importante na política de Catalão, pois muitos eleitores priorizam essa relação pelas possibilidades de favorecimento que ela implica. Vandeval cumpre bem esse papel, que garante base de apoio entre alunos, ex-alunos e demais profissionais da educação.

---

<sup>68</sup> Exemplos de requerimentos, temos como nº 08, 14, 28, 42/2013.

<sup>69</sup> Requerimento nº 70/2013 e 04/2014.

Alguém poderia questionar, mas qual a relação desse vereador com a religião? Nesse aspecto, Vandeval tem um perfil diferente e mais discreto do que Donizete Negão. Não há, nos seus requerimentos, solicitações específicas relacionadas a alguma igreja evangélica. Analisando pelos requerimentos, temos a imagem de um político atento às demandas da atualidade, e pouco afeito às trocas de favores para benefício próprio.

Parece divergir do perfil da maioria dos vereadores com os quais trabalha. Mas isso não significa que ele não tenha vínculos com as igrejas evangélicas. Ainda que não pela via dos requerimentos, Vandeval Florisbelo usa sua influência para facilitar o acesso a serviços públicos para comunidade evangélica, sobretudo, para os assembleianos, além da doação de cestas básicas, remédios e demais auxílios.

Quando foi questionado se sua força política tem origem na população evangélica, o vereador fez a seguinte afirmação,

Minha força política é a juventude, os alunos, porque já tem trinta anos lecionando e os evangélicos, porque os evangélicos tem uma demanda e enxergam em mim uma pessoa, que eu possa servir lá na igreja. E possa defender os interesses dos evangélicos e a doutrina dos evangélicos também lá na câmara municipal, como vieram projetos lá para baixar os decibéis das igrejas, porque crente pentecostal realmente faz muito barulho. Quiseram baixar os decibéis da Igreja para inserir ali isolamento acústico, aí eu consegui derrubar este projeto como evangélico. É! e defendo lá também a doutrina evangélica.<sup>70</sup>

Ao que tudo indica, inclusive pela ausência dessa relação nos documentos que analisamos, sua aproximação é mais com os membros do que propriamente com as lideranças. Não tem pretensão de atender aos pastores como representantes das igrejas, mas aos fiéis e isso é feito a despeito da mediação dos líderes religiosos. Interessante observar que, mesmo não elaborando projetos e requerimentos diretamente ligados aos evangélicos, ele se percebe como representante deles. Todavia, não apresenta de forma clara e direta no que consistem esses interesses do segmento, nem a doutrina que acredita defender e como é defendida por ele.

---

<sup>70</sup> Entrevista com vereador Vandeval Florisbelo. Cedida em 19/06/2013.

O caso apresentado pelo vereador, do suposto projeto para baixar os decibéis permitidos para as igrejas e tornar obrigatório o isolamento acústico dos templos, ocorreu em mandato anterior do qual não tivemos acesso à documentação. Mas, durante toda a pesquisa, nenhuma liderança religiosa fez menção ao caso. Possivelmente a relação de Vandeval Florisbello com os evangélicos ocorre de maneira informal, através de “assistência” oferecida a eles, pois, como ele diz: “Eu sou um vereador assistencialista. O povo, as pessoas que confiam em mim, vêm atrás de mim para conseguir emprego, material de construção, cestas básicas, cirurgias, aviar uma receita, (...) gasolina para viajar, salão de festas, então, eu me sinto útil nesse cenário de servir as pessoas”. Em seguida conclui: “Na igreja também, eu saio do culto e as pessoas me envolvem”.<sup>71</sup>

O vereador Vandeval Florisbello tenta construir uma imagem de pessoa simples, apesar de seu um homem de posses, que teve acesso a uma formação que poucos, no seu tempo, tiveram. Nasceu, cresceu e ainda vive no Bairro Santo Antônio, setor próximo ao centro da cidade, mas que, noutros tempos, era periférico. Hoje, a despeito de ser bem localizado, ainda tem moradores de baixa renda. Por coincidência o mesmo bairro onde o vereador Donizete morou em sua juventude, quando saiu da zona rural para cidade, sendo onde sua mãe ainda mora.

Vandeval alimenta certo sentimentalismo ao se referir ao bairro, pois se coloca como o orgulho dos moradores do lugar, que têm o privilégio de ter um filho do setor para representá-los na Câmara. Em época de campanha, o vereador recorre a sua origem para obter apoio. Certamente é uma figura muito conhecida na localidade, com boa aceitação entre os moradores. Nesse vínculo com os moradores do Bairro Santo Antônio, Vandeval e Donizete uniram forças, pois ambos apresentaram requerimento para a construção de um centro esportivo no setor.<sup>72</sup> Aproximação essa que não verificamos no que diz respeito aos assuntos religiosos, já que também professam a mesma fé.

De forma geral, os documentos relacionados à atuação do vereador Vandeval são diversos, atendem aos mais diferentes segmentos da sociedade catalana, e não guardam relação alguma com sua pertença religiosa. Apenas para exemplificar, há dois

---

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Requerimento 43/2013

ofícios solicitando uma caçamba para ser colocado em frente a uma choperia, estabelecimento bastante frequentado na cidade.<sup>73</sup> O vereador segue a política de não entrar em conflitos e tentar agradar a todos. Não prioriza, unicamente, seu segmento religioso e não se limita a ele no exercício das suas atribuições como figura pública.

Mesmo na sua relação com o partido, Vandeval se mostra diplomático e não compra todas as brigas. Permaneceu fiel ao PMDB em toda sua carreira política, não aceitou as ofertas para apoiar o partido de oposição. Todavia não tem postura combativa e enérgica como seus colegas de bancada, que chegam a fazer ofensas pessoais publicamente. Consegue se equilibrar bem em meio às rivalidades, tensões e conflitos da Câmara, mantendo-se fiel às diretrizes do partido e, ainda assim, com bom trânsito entre os adversários políticos.

Mesmo nas votações mais polêmicas, ele fazia uso da fala com calma e sobriedade para apaziguar os ânimos, se esquivando de posicionamentos que o comprometeria. Essa habilidade diplomática pode ser evidenciada por uma moção em que parabeniza o vice-prefeito Rodrigo pelo trabalho desempenhado na Secretaria de Infraestrutura, apresentada num momento em que os ânimos estavam aflorados.<sup>74</sup> Seria tal atitude uma forma de manter bom relacionamento com os secretários que pudessem lhe oferecer benefícios para atender seus eleitores? Tendo em vista que, frequentemente, os vereadores da oposição, aliados do PMDB, reclamavam que todas as suas solicitações eram negadas ou negligenciadas pelos setores responsáveis, trata-se de uma possibilidade plausível.

No que diz respeito aos assuntos sobre religião, que, recorrentemente, aparecem na Câmara em forma de projeto e requerimento, o vereador assume a mesma postura, votando pela aprovação de projetos que favoreceriam os espíritas e religiões de matriz africana. Por ocasião da votação para aprovar recursos para execução de um projeto de Capoeira, não apenas deu seu voto favorável, como fez uso da palavra para parabenizar as pessoas envolvidas na proposta, pois estavam incentivando a cultura, esporte e lazer para a comunidade.

Os processos eleitorais têm mostrado que a estratégia de Vandeval Florisbello é exitosa. Mais uma vez, conseguiu se eleger como um dos vereadores mais votados e

---

<sup>73</sup> Ofícios 02/2013; 12/2013.

<sup>74</sup> Moção se encontra sem número com a data da sessão de nº 12 do ano de 2013, datada de 09/04/2013.

permanecerá na Câmara no mandato de 2017-2020. Apesar de professar a fé evangélica e ser membro da Igreja Assembleia de Deus Madureira, não é um político oficial da igreja, não atua de maneira a favorecer diretamente o seguimento religioso, tem trânsito entre os cristãos, mas não é percebido como um representante dos evangélicos na câmara, conforme alguns religiosos defendem.

Ainda que os documentos referentes à atuação na Câmara não expressem sua pertença religiosa, não se pode negar que ela interfere no exercício de sua função, nem que sua vida pública tem impactos na dinâmica religiosa. Em período de campanha, Vandeval sempre reivindica sua pertença e aceitação no meio evangélico, uma das suas fontes de votos.

O vereador Vandeval Florisbelo é um dos responsáveis por estabelecer o diálogo do seu partido com a comunidade evangélica, especialmente, com a Assembleia de Deus. Essa denominação, embora não tenha seus políticos oficiais na cidade de Catalão, faz um forte trabalho para orientar o voto dos fiéis. E isso é feito abertamente nos cultos, não necessariamente por questões ideológicas, mas por negociações de uma liderança religiosa que faz leitura de contexto, para traçar suas estratégias políticas. Os políticos de sua preferência são apresentados e elogiados nos cultos.



**FIGURA 4:** Adib Elias (Então Deputado Estadual e candidato a Prefeito) e Vandeval Florisbello (Vereador).

**FONTE:** <https://www.facebook.com/vandeval.florisbello/photos/a.826821707344600.1073741827.686317761394996/1134076619952439/?type=3&theater> acessado em 15. set. 2016.

Como na ocasião em que o vereador Vandeval e o Deputado Estadual Adib Elias participaram do evento para homenagear e comunicar a aposentadoria do Pastor Eurípedes, após 53 anos de serviço na Assembleia de Deus. Noutros eventos importantes, em que se reuniram todas as igrejas da região, os políticos também marcaram presença, como na comemoração de Aniversário da Igreja. Em pleno ano eleitoral, essa atitude soa como compromisso de apoio declarado da denominação para o

PMDB, sobretudo, no momento em que, nas ruas e, na imprensa local, o assunto preferido eram as disputas políticas.

Após ter conhecido parte da trajetória política dos dois personagens, que elegemos como foco desta pesquisa, já sinalizando algumas contradições que os permeiam na relação com os evangélicos, retomaremos, no capítulo a seguir, alguns apontamentos que devem ser explorados mais detalhadamente.



## CAPÍTULO III

### EVANGÉLICOS NA BANCADA: A POLÍTICA ENTRE IRMÃOS

#### 3.1 CÂMARA DE VEREADORES, IGREJAS, PARTIDOS E EVANGÉLICOS

Quem são os vereadores eleitos? Quais as relações dos vereadores com seus partidos políticos e com a Igreja? Como são visto pelos evangélicos e pela sociedade catalana? O que a os vereadores têm em comum com os políticos religiosos da esfera nacional? Em quais aspectos a política catalana se aproxima e se distancia da política nacional, quando o assunto se trata de evangélicos no governo? São algumas das indagações que abordaremos neste capítulo.

O principiante vereador Donizete Negão, como já foi demonstrado no capítulo anterior, começou sua vida política no PSC, na cidade de Catalão, e já, na sua primeira candidatura, conseguiu se eleger. Do mesmo modo, seu aliado de partido, o vereador Leonardo Bueno também conseguiu essa façanha. Algumas coincidências entrelaçam a vida de ambos. Citamos este para identificar algumas semelhanças com a trajetória política daquele.

No começo da legislatura dos vereadores, Donizete Negão e Leonardo Bueno eram favoráveis ao partido do PMDB. Por interesses diversos e particulares, que não nos interessa detalhar, apoiaram e fizeram campanha para eleger o candidato a prefeito Adib Elias, todos pertencentes à mesma coligação. Após as eleições de 2012, os dois tornaram-se os únicos representantes do PSC na Câmara municipal.

Durante a legislatura, ambos fizeram o mesmo movimento de troca de partido, saíram do PSC para se filiar ao PSB. Essa transição é mais do que uma simples troca de siglas, principalmente, se observarmos que a mudança significou o abandono da base coligada ao PMDB, que não conseguiu eleger seu candidato Adib Elias para Prefeito. Dito de outro modo, a transição é um reajuste de aliança, pois, a partir de então, fortaleceram a base do partido PSDB do então prefeito eleito Jardel Sebba.

Todavia a semelhança que mais nos chama atenção entre os vereadores supracitados, é o vínculo que os dois têm com segmentos religiosos. Donizete Negão, com sua aproximação com os cristãos protestantes, e Leonardo Bueno, com os cristãos católicos. Este último se liga, mais precisamente, não com os católicos, de forma geral e ampla, mas aqueles vinculados às tradicionais congadas de Catalão. Já que o mesmo é presidente da irmandade da Nossa Senhora do Rosário.

Essas informações nos permitem alguns questionamentos: Trata-se apenas de uma coincidência ou faz parte de uma estratégia do partido ou dos próprios políticos? Ou seria estratégia dos segmentos religiosos, tornando essas figuras proeminentes na intenção de obter representantes na cena política? Seria parte de uma ação conjunta entre religiosos e políticos, cada qual com seus interesses, aproveitando uma demanda antiga do jogo político, mas agora potencializada? A partir da trajetória desses políticos, seria possível pensar que as tensões religiosas se estenderam para arena política? Qual seria a fórmula mais apropriada como expressão da realidade apresentada (Catolicismo X Protestantismo) ou (Catolicismo + Protestantismo)? Trata-se de oposição, disputa ou parceria entre os segmentos? As perguntas são inúmeras, assim como as possibilidades de respostas. Sem a pretensão de oferecer respostas precisas e satisfatórias, sugerimos prosseguir com a reflexão.

A cautela de Donizete provoca inúmeros questionamentos, sua falta de posicionamento claro nas sessões da Câmara, diante das demandas e polêmicas da cidade, propicia margem para múltiplas possibilidades de interpretação. Apontaremos algumas, como: falta de habilidade para o cargo; oportunismo político para prováveis alianças, receio em se comprometer; desinteresse; estratégia política. Diante do que já foi abordado até aqui, tudo indica que Donizete teve muita dificuldade para ser reconhecido como um representante dos evangélicos catalanos, sobretudo pela ramificação dos protestantes decorrentes das diferentes origens e divergências entre lideranças religiosas. O que dificulta a aceitação do vereador pelo público evangélico.

É presumível que um dos motivos que melhor explica seu silêncio e tímida participação nas sessões seja a leitura de que se envolver diretamente nos debates pode ser prejudicial e aumentar a rejeição junto aos potenciais eleitores evangélicos. Tendo em vista que o segmento religioso não é homogêneo no que diz respeito a muitos assuntos referentes à cidade.

Ao contrário, seu colega de partido, Leonardo Bueno, conseguiu boa adesão entre os católicos ligados às congadas. Sua aceitação se deu, inicialmente, no interior da comunidade, pois, antes de se tornar vereador, foi presidente da Irmandade Nossa Senhora do Rosário<sup>75</sup>, responsável pela principal e maior festa religiosa de Catalão. Posição que lhe conferiu visibilidade e capital político, porque sua participação na organização da Festa lhe coloca em evidência o ano todo.

Os membros dos ternos de congo e demais religiosos ligados à irmandade constituem a principal fonte de eleitores para o vereador Leonardo Bueno, que é reconhecido pela maioria como representante do referido grupo religioso, para falar por ele e em nome de ele pleitear benefícios. Certamente essa relação não é totalmente harmônica e é permeada por tensões e negociações. No entanto ocorre de forma bem mais homogênea e efetiva do que a de Donizete com os evangélicos.

Enquanto Donizete se abstém e se silencia nas sessões da Câmara e nos veículos de comunicação, Leonardo Bueno explora, ao máximo, esses recursos, quase sempre como o defensor dos interesses da irmandade e das congadas, fala abertamente como parte do grupo. Acreditamos que a melhor forma de interpretar a diferença de postura entre os vereadores mencionados é pelas peculiaridades dos grupos que cada um acredita representar. Para o primeiro a dificuldade em se manifestar abertamente e tomar partido é imensamente mais complexa do que para o segundo.

A fragmentação dos protestantes em Catalão ocorre não apenas por divergências religiosas, mas inclusive políticas. De maneira que o simples posicionamento frente a qualquer demanda política ligada a um determinado partido, pode significar aversão por parte dos evangélicos mais ligados a outro partido que faz oposição àquele.

Como encarar esse suposto silêncio de Donizete? Seria a preocupação em ser intitulado como membro de uma igreja? Ou receio de ser reprovado, no meio evangélico, pelos seus posicionamentos? Seria para não ser identificado como representante de um grupo e não ser reconhecido por outros nas eleições? Essa constatação pode ser também uma amostra de que Donizete, a despeito de sua pretensão, não tem capacidade para se tornar representante desse segmento, já que,

---

<sup>75</sup> O cargo para presidência da Irmandade Nossa Senhora do Rosário é por votação, os aptos a votarem são todos os membros dos ternos de congos da cidade, ao todo, 22 ternos. Lembrando que, antes de concorrer a vereador e legislar, já era Presidente da Irmandade.

muitas igrejas evangélicas, sabedoras do potencial de atuação na sociedade, preferem buscar seus interesses através de sua própria liderança religiosa e não através de um representante político?

A presença de vereadores como Donizete Negão e Leonardo Bueno na Câmara de vereadores de Catalão expressa a necessidade de maior investigação sobre as possíveis relações entre política e religião, mas, principalmente, entre Estado e Igreja, na dimensão local. Esses personagens evidenciam como os partidos políticos têm voltado a atenção para os diferentes grupos religiosos como estratégia para ampliar seus poderes e espaço no Estado.

Em contrapartida os religiosos têm tomado, de forma gradual, mais consciência de seu poder e de que podem ampliar sua participação nas negociações políticas e nas rédeas do Estado. Evidenciam, ainda, que as relações entre as esferas são múltiplas e não seguem uma lógica progressiva e linear, mas são permeadas por tensões, avanços e recuos, que não coincidem diretamente com a dinâmica nacional. Enfim, outras aproximações e distanciamentos seriam possíveis entre os dois políticos e os seguimentos que intentam alcançar. No entanto gastar mais tinta nessa questão seria perder de vista o foco principal da pesquisa.

Ao longo do seu mandato, Donizete Negão tentou aproximação com os evangélicos a partir de, basicamente, três formas de entradas. A primeira tentativa ocorreu logo após o término das eleições que o elegeu. Momento privilegiado, já que as igrejas que não lançaram seus candidatos próprios, ou apoiaram algum candidato que não foi eleito, estariam mais abertas para aceitar a parceria com um efetivo membro da Câmara de vereadores.

Sendo assim, Donizete visitou distintas igrejas evangélicas, se colocando como um possível interlocutor de suas causas e necessidades. A partir de suas páginas, nas redes sociais, isso é perceptível através, não apenas do registro de suas visitas através de fotografias, mas também pelo requerimento, que tornou público, representando os interesses e necessidade da COMEC.<sup>76</sup>

A maior parte das visitas ocorreu em pequenas igrejas de bairros periféricos. Instituições religiosas de pouca influência, em que o político tem mais fácil trânsito e

---

<sup>76</sup> Requerimento 006/2016.

possibilidade de estreitar laços. Já que, normalmente, as grandes igrejas, com maior influência, ou têm seus próprios contatos com prefeitos, secretários e/ou deputados, ou têm restrição à associação de seu nome com políticos. A aproximação com a COMEC funcionou, nesse primeiro momento, como uma forma de ganhar visibilidades nas demais igrejas com o perfil acima mencionado. Principalmente se lembrarmos de que apenas as pequenas igrejas possuem vínculo e pertencimento com a COMEC. Conforme pode ser observado na relação das igrejas cadastradas no Conselho.<sup>77</sup>

Outra entrada para aproximação de Donizete com os evangélicos se deu quando, no meio de seu mandato, o vereador passou a frequentar eventos da igreja Assembleia de Deus. Além disso, realizou atividades religiosas em sua própria casa, como encontros de oração, por exemplo. Embora a Assembleia seja uma grande denominação, ela possui muitas pequenas igrejas nos bairros da cidade, inclusive no setor do vereador que se tornou a principal porta de entrada para o contato dele com os assembleianos.

Certamente Donizete Negão conseguiu algum tipo de resultado dessa tentativa de aproximação, no mínimo, aumentou sua visibilidade como vereador evangélico, mas estava longe se tornar, propriamente, o representante dos evangélicos na Câmara. Como se sabe, e já foi dito, o vereador Vandeval é quem teve melhor relação com a referida denominação e mais espaço de atuação e diálogo, inclusive na igreja sede.

A terceira entrada, não necessariamente a última, ocorreu nos últimos meses de seu mandato, quando já havia se tornado aliado do PSDB. Conjuntamente com o prefeito da ocasião Jardel Sebba, se aproximou da Igreja do Evangelho Quadrangular. O vereador Donizete Negão, ao lado do prefeito, foi recebido e apresentado no culto da

---

<sup>77</sup> Segue abaixo a lista das Igrejas que estavam vinculadas à COMEC em 2015. Essa lista sofre alteração recorrentemente, devido à abertura e fechamento de igrejas ou por novos desligamentos e adesões. Uma observação necessária é que nem todas as igrejas relacionadas abaixo participam ativamente das atividades do Conselho.

Igreja Aposento Alto, Pastor Miguel; igreja Elshaday, Pastor Luiz; igreja fé para vencer, Pastor William; igreja Reino do Amor, Pastor Antônio; igreja Congregacional, Pastor William; igreja Reviver para Cristo, Pastor Marcelo; igreja Cristo Vivo, Pastor João; igreja de Deus no Brasil, Pastor Manassés; igreja Fonte da vida, Pastor Valter; igreja Batista Emanuel, Pastor Júlio; Assembleia de Deus Vila Nova, Pastor Dogmar; igreja Metodista Renovada, Bispo Vilson; igreja Ministério Gerar Vida, Pastor Wagner; igreja Filhos de Deus, Pastora Glória; igreja Trazendo a Arca, Pastor Clovis e Pastora Regina; igreja Jesus é o Bom Pastor, Pastor Jorge; igreja da Graça, Pastor Antônio; igreja Jesus de Nazaré, Pastor Alberto e Pastora Maria da Luz; igreja Missão Vida Nova, Pastor Antônio; igreja Filadélfia, Pastor Eltinho e Pastora Divina; igreja Casa da Benção, Pastora Noelma; igreja Sal da Terra, Pastor Ricardo; Igreja Vinde, Pastor Osvaldo; igreja vinde, Pastor Rezende; igreja da Paz, Pastor Donizete; igreja Assembleia de Deus missão, Pastor Francinildo; igreja Presbiteriana Renovada, Pastor Marcelo; Igreja Purificar, Pastor João Felipe; igreja Filhos da Promessa, Pastor Geremias; igreja de Cristo, Bispo Silvio; igreja de Cristo Templo da fé, Pastor João Batista; igreja Videira, Pastor Emival; igreja Pentecostal Cristo é o Rei, Pastor Ângelo.

igreja, oficializando e tornando público para os membros da igreja e demais interessando a nova aliança.

Naquele momento a cidade já vivenciava o *frenesi* das próximas disputas eleitorais. Os pré-candidatos já estavam expondo suas pretensões e os vereadores suas intenções de reeleição. Momento ideal para fazer parcerias e firmar alianças. Ser apresentado como parceiro de uma das maiores denominações religiosas da cidade, certamente, representou uma grande conquista para Donizete, pois, naquela altura do jogo político, ter o apoio público do principal pastor, teoricamente, significava a aprovação de sua futura candidatura junto aos membros da Igreja Quadrangular.

É relevante destacar, mais uma vez, que a igreja do Evangelho Quadrangular em Catalão, manifestava apoio aberto ao partido PMDB e oposição declarada ao PSDB. A despeito da vitória do segundo partido sobre o primeiro, nas eleições de 2012, a igreja acentuou seu posicionamento, fazendo coro com o partido derrotado na oposição ao PSDB. Até que, no último ano da gestão de 2013/2016, a igreja rompe com o PMDB e declara aliança pública ao partido PSDB.

A referida igreja, nas eleições de 2016, como forte indício da mudança de aliança partidária, não apresentou candidatos a vereador que fossem da própria congregação religiosa, como era de costume. Ao contrário declarou apoio ao candidato a vereador Donizete Negão, inclusive o recebendo na igreja. Vale lembrar que Donizete Negão foi o mediador responsável pela aproximação entre o PSDB e a igreja, que se tornou possível por demandas que a instituição religiosa apresentou na negociação, como construção de bueiros e terreno para estacionamento nas proximidades do templo, sede da denominação.

As tentativas de aproximação junto ao segmento evangélico, a partir dessas entradas, conferiu certa visibilidade para o vereador, que tentava se reeleger. Mas não se pode afirmar que o caminho traçado em direção aos cristãos evangélicos de Catalão teve êxito, visto que seu pretense objetivo de se tornar, mais uma vez, vereador, não foi alcançado. Apesar de ter conseguido apoio de algumas lideranças, inclusive de uma das denominações com maior número de membros na cidade, não foi possível converter o apoio em número de votos. Ao que parece, o vereador não foi reconhecido pelo público que almejou representar. Ou as lideranças religiosas não conseguiram direcionar os féis.

Donizete Negão, ao longo de sua trajetória como vereador, se guiou com certa independência, tanto em relação aos partidos como em relação às igrejas. Seguiu sua própria leitura de conjuntura política e, a partir dela e do que lhe pareceu mais conveniente, assumiu seus posicionamentos e alianças.

Analisando sua trajetória, surgem algumas inquietações: Quais as principais motivações deste político? O que realmente estava em jogo quando Donizete se afastou da Igreja do Evangelho Quadrangular, no momento de sua primeira candidatura, e se reaproximou na sua tentativa de reeleição? Por qual motivo procurou insistentemente firmar sua base de apoio político na religião? Já que sua figura, em muitos momentos, parece ser hostilizada?

Pode-se afirmar, de maneira plausível, que Donizete, ao observar a visibilidade de políticos ligados ao meio evangélico, na perspectiva nacional, identificou que, na cidade de Catalão, haveria espaço para um representante do segmento na Câmara. E fez dessa provável demanda na cena política, nada mais que uma estratégia de campanha para alcançar seu objetivo de obter assento entre os vereadores. Ser o político das causas evangélicas pareceu constituir um importante fator que o diferenciava de seus concorrentes.

Por isso sempre teve o cuidado de se aproximar do segmento, mas com o cuidado de não ser identificado unicamente com uma determinada denominação que lhe fechasse a possibilidade de contato com as outras. Provavelmente o seu projeto não tenha obtido o êxito esperado, porque as relações entre política e religião, na dimensão local, não coincidem, exatamente, com as relações na dimensão nacional.

A polarização política, que ocorre na cidade de Catalão, envolvendo os dois partidos mais expressivos da cidade PMDB e PSDB, que, favorecidos pelas regras do jogo político, se alternam no poder, impulsiona os candidatos a vereador a escolherem um dos lados para exercer seu mandato.

A cada início de gestão, ocorre uma espécie de recrutamento dos partidos junto aos vereadores, para que decidam se atuarão em conjunto com a oposição ou com a situação. Dessa negociação, nem sempre legítima, ocorre a configuração da Câmara e dela também, em grande medida, depende a sobrevivência dos políticos como parte do corpo legislativo do município.

Acompanhando a movimentação de Donizete Negão na Câmara de vereadores, é perceptível que jogou com essa realidade. Inicialmente, sob a tutela do PMDB, consegue se eleger, mas, aos poucos, foi recrutado pelo PSDB, naquele momento, transitando de oposição para situação, muito mais pelas conveniências e conforto de ser aliado do prefeito, do que por ideologia política.

Não se sabe ao certo o motivo pelo qual Donizete perdeu mais de quinhentos votos da primeira para a segunda candidatura. Mas podemos conjecturar pelo menos três motivos. O primeiro seria justamente pela desaprovação de seu mandato por parte dos eleitores, que podem ter considerado que o vereador não teve uma boa atuação. A sua falta de envolvimento diante de assuntos polêmicos na Câmara, bem como sua invisibilidade nos meios de comunicação, possivelmente, colaboraram para essa concepção.

O segundo motivo seria pelas trocas de aliança que fez durante a legislatura. Pois, migrar de partido pode ter implicado em consequente perda de votos, principalmente, porque se aliar ao PSDB significou ter se identificado com ele, logo, com sua suposta má gestão administrativa da cidade, segundo a leitura dos eleitores catalanos.

A queda nos votos foi drástica para toda a coligação encabeçada pelo PSDB. Inclusive para Jardel Sebba, que não se reelegeu e foi derrotado com expressiva diferença de votos. O PSDB, que, no período de 2013/2016, chegou a contar com uma maioria de 10 vereadores, nas eleições de 2016, elegeu apenas cinco candidatos. Nesse sentido, podemos considerar que a leitura do contexto político feita por Donizete foi no mínimo equivocada. Certamente equivocada também foi a liderança do partido PSB, coligado ao PSDB, por considerar que, ao trazer para o partido um político de muitos votos, tornaria possível ampliar seu espaço no poder, acreditando que o capital eleitoral do Donizete se perpetuaria.

O terceiro motivo seria a inabilidade do político em conquistar e/ou manter uma base política forte. Como consegue, por exemplo, o vereador Vandeval Florisbello. Uma das tentativas de Donizete para conquistar uma base eleitoral sólida ocorreu junto ao segmento evangélico, mas como visto não teve a eficácia necessária, pois, na segunda candidatura, conseguiu apenas 768 votos, dos 1.328 votos que obteve na primeira. Essa diferença de 560 votos é muito significativa numa cidade como a de Catalão.



Apenas a título de exemplo, tomando ainda como base a comparação da trajetória de Donizete com a de Leonardo Bueno, é lícito dizer que o segundo, mesmo tendo feito gestão semelhante ao primeiro e, seguindo a mesma lógica de mudança de partido e posição, conseguiu se reeleger, porque manteve forte e ativa sua base eleitoral junto aos religiosos da Irmandade Nossa Senhora do Rosário. O que garantiu, mais uma vez, sua vitória com, praticamente, a mesma quantidade de votos da eleição anterior. Não basta, simplesmente, o político se colocar como representante de determinado grupo da sociedade e, nessa perspectiva, construir sua imagem. É preciso ser reconhecido pelo grupo para receber o apoio desejado. O que se torna mais complicado, tendo em vista os evangélicos, segmento bastante heterogêneo.

No caso específico do vereador que privilegiamos como um dos personagens desta investigação, atribuir maior importância a um ou outro motivo é delicado e insuficiente para compreender a questão. Consideramos mais coerente entender que a não reeleição de Donizete seja resultado, não apenas de um fator ou outro numa relação hierárquica, mas sim da confluência de todos os motivos acima mencionados.

O outro personagem desta investigação, o vereador Vandeval teve trajetória distinta ao longo do seu mandato de 2013/2016. Ele já é um dos políticos consagrados da cidade, que, dificilmente, perde assento na Câmara de vereadores. É um dos principais nomes do PMDB em Catalão, e o partido o dispensa muita atenção e suporte para sua manutenção no poder. Por isso sempre foi candidato do mesmo partido, seja qual fosse sua situação no cenário municipal.

É importante salientar que a fidelidade de Vandeval Florisbello ao partido não se dá por uma questão ideológica, mas, principalmente, pelo suporte e capital político e simbólico que lhe é oferecido. Tendo em vista que o PMDB é um partido forte e tradicional em Catalão, especialmente, pela sua proximidade com os empresários. Independente de estar como situação ou oposição, para os candidatos que compõem o pelotão de elite do partido, do qual Vandeval faz parte, a permanência é quase sempre o caminho mais seguro para a reeleição.

Nesse sentido, no costumeiro jogo pós-eleições de troca de alianças, das barganhas e propostas oferecidas pelos partidos, tentando obter a maioria na Câmara, normalmente, vereadores como Vandeval são menos flexíveis a mudança de apoio, mais rígidos ainda e exigentes quanto à mudança de partido. O fato de ter participado de nove

candidaturas e estar cumprindo o seu sétimo mandato como o segundo vereador mais bem votado da cidade, demonstra, no mínimo, que Vandeval tem habilidade e familiaridade com o jogo político.

Este vereador é uma figura interessante para se pensar que o campo político nem sempre se configura numa simples dicotomia com duplos opostos. Durante a gestão 2013/2014, este vereador, mesmo estando atuante durante a gestão do partido de oposição, assumiu uma posição de cautela e não de enfrentamento explícito, como alguns de seus colegas de partido. Passou a ideia de que se movimenta por suas próprias convicções e pelo interesse da cidade e não por interesses partidários. Como estrategista, ele consegue estabelecer diálogo com as diferentes forças que compõem a Câmara, sem contrariar o partido, já que sempre vota a favor do PMDB.

Sobre sua relação com os evangélicos, durante o período observado, podemos afirmar que se trata de algo que deve ser analisado com cuidado, pois, a primeira vista, parece que o político não guarda relação alguma de sua gestão com o referido público, principalmente, porque o carro chefe de seus projetos e requerimentos diz respeito à educação e à saúde. Porém, caso se observe um pouco mais de perto e com mais atenção, essa relação se torna mais evidente.

Diferente do vereador Donizete Negão, Vandeval Florisbello não tem contato algum com as pequenas igrejas vinculadas à COMEC, nenhuma tentativa de aproximação direta com a instituição religiosa. Até porque este Conselho já estava favorável ao PSDB, grande parte da sua liderança se ligou direta ou indiretamente com o partido.

Inclusive Vandeval se posiciona contrário a alguns projetos do referido Conselho, que foram pensados em conjunto ao PSDB, como o de criar uma secretaria para assuntos evangélicos. Ele afirmou: “eu sou totalmente contra ter secretaria de assuntos evangélicos numa prefeitura, eu não concordo com isso porque a nossa finalidade lá não é essa, a nossa finalidade é salvação de nossas almas”.<sup>78</sup> Soa contraditória a afirmação de Vandeval, pois a presença de evangélicos na prefeitura, por meio de uma secretaria, é entendida como desvio de finalidade, mas usar as instituições públicas com o intuito de salvar almas é legítimo e apropriado.

---

<sup>78</sup> Entrevista com o Vereador Vandeval Florisbello. Cedida em 19/06/2013.

As atividades organizadas pela COMEC para os evangélicos, como a Marcha para Jesus, não receberam qualquer tipo de apoio por parte do vereador Vandeval. Esse distanciamento em relação a essa parte dos evangélicos pode ser explicado, tanto pelo seu partido, que, desde 2012, nutriu certa rivalidade com a COMEC, por apoiar seus adversários, como pelo seu vínculo com a Assembleia de Deus, denominação que não participa do Conselho e nem da sua agenda.

É significativo observar a razão pela qual um político evangélico não participa de um evento como a Marcha para Jesus, direcionado aos seus “iguais”. Na cidade de Catalão, a celebração dessa Marcha evidencia uma contradição, pois um dos seus principais propósitos é demonstrar a força, unidade e articulação dos evangélicos na cidade. Todavia o que se torna mais perceptível nesse ajuntamento é justamente a fragmentação e a heterogeneidade do segmento. Nos últimos anos, o evento organizado pela COMEC contou com reduzida participação da população evangélica e expressou certa tensão política.

O vereador Vandeval Florisbello, que sempre marca presença em programações de outros grupos como passeios ciclísticos, manifestações de professores e demais profissionais da educação, ou mesmo em eventos da sua própria igreja. Ignorou completamente a Marcha para Jesus, assim como fez as maiores igrejas evangélicas de Catalão, para citar um exemplo, a própria Assembleia de Deus.

Possivelmente a associação da sua imagem com o referido evento, seja para ele mais prejudicial do que favorável como político. Caso fosse de outra forma, ele se aproximaria e se aproveitaria do reduzido ajuntamento sem o menor problema, tamanha sua habilidade de comunicação com os contrários. Habilidade inerente também ao partido onde construiu sua trajetória política.

Nesse quesito há grande semelhança entre o vereador e a história do partido PMDB. Ambos são capazes de estabelecer as mais inusitadas aproximações e alianças, com grupos totalmente contrários, para garantir a manutenção de sua permanência na cena política.<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> Sobre a história dos partidos no Brasil ver: CHACON, Vamireh. História dos partidos brasileiros: discursos e práxis de seus programas. Brasília: Ed. UNB, 1995.

Vandeval é uma figura emblemática que tipifica políticos de tantas outras Câmaras de vereadores pelo país, que se mantêm no poder acumulando mandatos, sobretudo através da arcaica estratégia clientelista. Porém, a atenção dispensada para parte do público evangélico, bem como sua aura de político religioso são elementos mais recentes que passaram a compor sua trajetória. Apesar da pertença religiosa não ser uma marca tão evidente, tudo indica que, após sua conversão, novas opções, posturas e visões outrora impensadas para um homem público, agora são consideradas.

Bem verdade que não se trata de um político religioso combativo e militante da causa evangélica como os mais conhecidos da bancada evangélica do cenário nacional. Porém, ainda assim, é inegável que se trata de um vereador que propicia a aproximação entre a religião e a política, principalmente, entre a igreja e o Estado, notório pelos favores prestados através da prefeitura, pelo legislador, para determinadas igrejas. Embora essa aproximação seja mais evidente durante os períodos de campanha do que propriamente nos períodos de mandato.

Ao longo do mandato, o vínculo do vereador Vandeval se dá, especialmente, com a denominação Assembleia de Deus. Vínculo difícil de ser identificado formalmente, pois se restringe mais no âmbito das negociações da igreja com o partido ao qual o mesmo pertence. Feitas essas considerações, passaremos a refletir sobre o que o cenário político dos vereadores tem em comum com o cenário político maior, que abrange todo o país. Em outras palavras, a relação do micro com o macro.

### **3.2 CATALÃO ESPELHO E CONTRAPONTO DO CONGRESSO NACIONAL**

Uma preocupação que sempre nos ocupou desde o início da pesquisa é compreender até que ponto a Frente Parlamentar Evangélica, ou como é mais conhecida Bancada evangélica, influencia a dinâmica política de Catalão, mais precisamente os vereadores evangélicos dessa cidade. Outro ponto que nos preocupa é saber quais as semelhanças e diferenças, aproximações e distanciamentos entre a realidade catalana e a

realidade nacional, maiormente, no que se refere às relações entre política e religião. A partir de agora, nos deteremos nesse assunto.

Antes de qualquer análise comparativa, faz-se necessário descrever, ainda que, de maneira geral, no que consiste a chamada Frente Parlamentar Evangélica e como essa se formou. Como já foi visto neste trabalho, não é novidade a existência de políticos com pertença protestante no Estado. O que se configura como mais atual, sobre o que estamos nos referindo, é a participação de políticos religiosos de maneira organizada. Com ação conjunta, com estratégias de militância em prol das supostas causas evangélicas, fazendo do Estado qualquer coisa como extensão de suas igrejas.

Possivelmente o melhor exemplo para demonstrar o que estamos falando seja a igreja Universal do Reino de Deus, que se inseriu na política com essa perspectiva e nela tem atuado com excelência, já que é uma das denominações mais fortes na chamada Bancada Evangélica.

De acordo com o estudioso Leonildo Silveira Campos, essa presença massiva de políticos com pertença evangélica foi identificada em 2002, principalmente, devido aos muitos candidatos eleitos advindos de igrejas pentecostais e neopentecostais. Posteriormente, a presença desse perfil de políticos da causa evangélica foi marcada por certo descrédito, em grande parte, devido ao envolvimento de alguns nos escândalos de corrupção<sup>80</sup>, que ocasionou uma diminuição brusca desse perfil político no Estado, reduzido pela metade em 2006.

Contudo, a partir de 2010, os evangélicos retornam, consideravelmente, e com toda força, para tomar parte na Câmara Federal. Fase esta que o autor denomina como “a ponta de um *Iceberg*”. É justamente nessa ponta que nos ateremos quando as igrejas almejam estender seu poder de atuação, inclusive, na política. Mas, reconhecemos a importância dos momentos precedentes para consolidação dessa realidade.<sup>81</sup>

Durante esse período de descrédito, é significativa a redução de votos. Apenas para exemplificar, a igreja Universal do Reino de Deus conseguiu eleger 17 deputados em 2002. Já em 2006, o número reduziu para apenas 6 eleitos. Diante dessa realidade,

---

<sup>80</sup> Escândalos de corrupção tais como: “Mensalão”, “sanguessuga”, entre outros. Na lista do caso sanguessuga, por exemplo, 28 dos 60 membros da Frente Parlamentar Evangélica foram citados.

<sup>81</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. **O projeto político de “Governo do justo”**: os recuos e avanços dos evangélicos nas eleições de 2006 e 2010 para a Câmara Federal. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/17642/10469> Acesso em: 23 fev.2017.

as principais igrejas se reorganizaram para os próximos pleitos, de maneira a minimizar, ao máximo, a imagem negativa e os temores de se colocar representantes vinculados a segmentos religiosos no poder político. Os discursos passavam, necessariamente, pela reafirmação da importância de se ter uma bancada evangélica forte na Câmara Federal, inclusive como fator determinante para minar a corrupção.

Certamente a estratégia teve algum efeito, pois, segundo a autora Magali Nascimento Cunha, através das listas divulgadas pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, e pela própria Frente Parlamentar Evangélica no jornal o Globo, a bancada evangélica é constituída, a partir de 2014, por 74 parlamentares. Apesar do aumento na representação parlamentar, o aumento foi inferior às expectativas das instituições religiosas, que tinham ambições bem maiores.<sup>82</sup> Todavia, quando analisamos a página oficial da Câmara dos deputados, bem como o documento oficial do registro junto à Câmara, a Frente Parlamentar Evangélica é composta por 199 deputados e 4 senadores.<sup>83</sup>

Feito esse rápido panorama do momento que privilegiamos para perceber a participação evangélica de 2002 até o presente momento, resta dizer qual foi exatamente o contexto em que surgiu a Frente Parlamentar Evangélica.<sup>84</sup>

Como resultado do fortalecimento da bancada evangélica, surgiu a Frente Parlamentar Evangélica no ano de 2003. É preciso deixar claro que a criação dessa Frente não marca o surgimento da Bancada Evangélica, que existe, no Brasil, desde a década de 1980. Marca sim, sua atuação de forma mais intensa e organizada. Movimento importante por conseguir unificar, de alguma maneira, políticos evangélicos que chegaram ao poder através de diferentes origens e interesses, sejam de ordem partidária ou denominacional.

Com a estratégia que amplia o poder da bancada, aumenta sua visibilidade, amplia as possibilidades de negociação e capital político, a Frente Parlamentar Evangélica, possivelmente, expressa a percepção de que a voz e voto articulados em

---

<sup>82</sup> Disponível em: [www.diap.org.br/index.php/noticias/24534-bancada-evangelica-levantamento-preliminar-do-diap-identifica-43deputados](http://www.diap.org.br/index.php/noticias/24534-bancada-evangelica-levantamento-preliminar-do-diap-identifica-43deputados) Acesso em: 23 maio.2017.

<sup>83</sup> Requerimento 3424/2015.

Disponível em: <http://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658> Acesso: 21 maio. 2017.

<sup>84</sup> CUNHA, Magali do Nascimento. Evangélicos e eleições de 2014: primeiro balanço pós-5 de outubro. Instituto Humanitas Unisinos, 15 out/2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536286-evangelicos-e-as-eleicoes-2014-primeiro-balanco-pos-5-de-outubro> Acesso em: 16 mar. 2017.

bloco, entre os supostamente “comuns”, apresentam mais efeitos do que se realizados individualmente. A pesquisadora Magali do Nascimento Cunha afirma que

(...) a partir do congresso constituinte de 1986, quando foi formada a primeira bancada evangélica. A partir dali, pode-se dizer que a postura de isolamento desse segmento com relação a participação política – até então interpretada como algo “do mundo”, identificado a paixões terrenas – passou a conviver com outros ideais, referentes à participação e visibilidade na vida pública que podem ser resumidos na formulação “irmão vota em irmão”. Depois de altos e baixos numéricos, decorrentes de casos de corrupção e fisiologismo, a bancada evangélica se consolidou como força o que resultou na criação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) em 2003.<sup>85</sup>

A Frente Parlamentar Evangélica consiste numa associação suprapartidária, constituída no Congresso Nacional, portanto integrada por deputados e senadores. Foi criada em 18/10/2003, por iniciativa do então deputado Adelor Vieira (PMDB/SC). Atualmente está sob a coordenação do Deputado Federal de Goiás João Campos de Araújo (PRB/GO). Segundo documento de registro dessa associação na Câmara, a Frente Parlamentar Evangélica reúne políticos “preocupados em fiscalizar os programas e as políticas governamentais, voltadas à proteção da família, da vida humana e dos excluídos e acompanhar a execução das mesmas, bem como participar do aperfeiçoamento da legislação brasileira no interesse da sociedade e ainda do debate dos grandes temas nacionais.”<sup>86</sup>

No estatuto que rege a Frente Parlamentar Evangélica, está expresso o interesse que explica a união de parlamentares em torno dessa Frente parlamentar, independentemente de partido, qual seja, o de influir “(...) no processo legislativo, a partir das comissões temáticas existentes nas casas do Congresso Nacional, segundo seus objetivos, combinados com os propósitos de Deus, e conforme sua palavra”.<sup>87</sup>

Com essa proposição, muitos políticos da bancada evangélica intensificaram os debates em torno de temáticas polêmicas e ganharam visibilidade como defensores de um projeto conservador contra os valores progressistas. De forma geral, os

<sup>85</sup> CUNHA, Magali Nascimento. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. In. **Revista Perseu**, n. 11, ano 7, 2016, p. 149.

<sup>86</sup> Requerimento 34/24/2015. Registro da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional.

<sup>87</sup> ESTATUTO DA FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. Art. 2º. Brasília, 2015.

parlamentares evangélicos, nos últimos anos, têm procurado ocupar as principais comissões da Câmara Federal que se dedicam, dentre outras, a questões como: educação, meio ambiente e desenvolvimento sustentável, Segurança Pública e combate ao crime organizado, Constituição, justiça e cidadania, direitos humanos e Agricultura, Pecuária, abastecimento e desenvolvimento rural.

Certamente os principais exemplos dessa máxima foram o Deputado Marcos Feliciano (PSC), pastor da igreja Assembleia de Deus, que presidiu a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, George Hilton (PRB) e Marcelo Crivela (PRB), ambos bispos da igreja Universal do Reino de Deus, que foram respectivamente Ministro do Esporte e Ministro da Pesca e Agricultura; Deputado Professor Victorio Galli (PSC), da igreja Assembleia de Deus, membro da comissão da Educação; Jair Bolsonaro e Eduardo Bolsonaro (PSC), que compõem a Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado; entre outros.

A criação da Frente Parlamentar Evangélica, a ascensão dos evangélicos na cena política e sua visibilidade midiática, contribuíram para aumentar o interesse dos evangélicos em Catalão, para participarem do poder político municipal. Dito de outro modo, a maior participação dos evangélicos, a partir de 2002, na Câmara Federal, favorece diretamente para maior aproximação dos religiosos no jogo político catalano. Obviamente que esse somado a outros fatores que provocaram mudanças, não apenas a nível local e nacional, mas também mundial como os já citados, crescimento dos adeptos da religião e a disseminação da cultura gospel.

É bastante plausível que, ao ver políticos evangélicos consagrados nos/pelos veículos de comunicação, se desperte desejos nos religiosos da cidade. Nesse sentido, a campanha eleitoral de Anthony Garotinho para presidência em 2002 foi um marco emblemático para a discussão. Alguns anos depois, o trabalho desempenhado pelas grandes denominações como igreja Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus, para legitimar a participação de evangélicos na dinâmica política, certamente, resvalou de forma impactante em Catalão, encorajando muitos a seguirem caminho semelhante ao propagado, para colaborar na proeminência do segmento no Estado. Sendo assim, fica evidente que, nesse aspecto específico, a cidade do interior de Goiás, com a qual nos preocupamos, segue a tendência nacional.



Os discursos podem confirmar essa assertiva, apenas para demonstrar certa similaridade, segue abaixo o discurso da esposa de um pastor que tinha pretensões de se candidatar ao cargo de prefeito de Catalão, em que ela defende a importância de se ter a participação de evangélicos na política local.

Nós nunca tivemos um projeto político na realidade né, nunca pensamos, mas a partir do momento que Deus fez o chamado para o meu esposo a gente passa a obedecer. Porque quando a gente faz a vontade da gente, a gente sempre acaba errando, mas quando faz à vontade de Deus, as coisas vão se encaminhando e a gente tem visto a mão de Deus em tudo aquilo que nós temos feito. O Senhor está abrindo portas, está fazendo coisas, trazendo pessoas e, a cada dia, ele confirma que é propósito de Deus ter, este ano, um Pastor aqui na política de Catalão. Até porque o povo tem sofrido demais e o povo está querendo mudança, e a mudança tem de começar em cada um de nós, em primeiro lugar, quando nós começamos a mudar a mentalidade da gente, a gente consegue mudar a mentalidade das pessoas por uma nova política. E eu conheço muito bem o meu marido, eu sei dos projetos dele e os sonhos dele para essa cidade. Nós estamos aqui há dez anos, nós somos de São Paulo e nós aprendemos a amar a cidade aqui e também a gente tem visto as falhas e dificuldades que tem aqui né, em todas as áreas, coisas que poderiam fazer né, ser feitas. E eu estou do lado do meu esposo, apoiando ele em tudo aquilo que Deus quiser da gente. Não só espiritualmente, a gente já disse pra Deus: Eis-nos aqui e agora politicamente também. Tem muitas pessoas que acham que crente não tem que se meter em política, mas a própria palavra diz que “feliz a nação cujo Deus é o Senhor”. Se feliz é a nação cujo Deus é o senhor, o senhor não vai descer aqui pra governar, mas ele vai usar servos dele para que façam esse governo né, e “quando o justo governa, o povo se alegra”. E eu acho que está na hora de o povo sofrido aqui em Catalão ter uma mudança; e eu como esposa dele também tenho essa pretensão de estar na parte social da cidade, cuidado dos menos favorecidos. Esse sempre foi meu propósito, em todos os lugares que eu trabalhei, sempre olhei para a classe mais pobre, sempre lutei por eles. É uma coisa que está dentro de mim, eu gosto disso e é o que a gente pretende para a cidade de Catalão. Então eu queria que vocês não só orassem, mas agissem. Toda oração não é só orar, tem de agir. Ora, Deus confirma. Deus tem confirmado com tanta gente, principalmente, conosco, a nos ajudar nessa batalha.<sup>88</sup>

Da maneira como é apresentada, a participação dos evangélicos na política não se trata de um projeto individual ou partidário, mas de um chamado divino e sobrenatural. Uma convocação celestial irresistível, qualquer coisa como um projeto de

---

<sup>88</sup> Pronunciamento público da Pastora Vera, 2012.

Deus e não de homens. A simples presença de um pastor no governo municipal é tratada como um fator que, por si só, tem a capacidade de transformar a política e os políticos.

A pastora segue argumentando que Deus só pode governar através dos seus. Dito de outro modo, para que Ele tenha capacidade de interferir no governo e torná-lo justo e incorruptível, é preciso que seus escolhidos façam parte do cenário. Para legitimar essa convicção, a Bíblia é citada como prova incontestável da vontade Divina para rechaçar quaisquer críticas ou dúvidas daqueles que “acham que crente não tem que se meter em política”.

A proposta dessa argumentação é também ganhar a adesão desses contrários para as pretensões políticas do pastor, de se tornar um representante do seguimento no jogo eleitoral. Todo discurso segue uma lógica aparentemente simples, a de instruir como se deve agir aqueles que são favoráveis ao suposto projeto de Deus. De maneira que qualquer ação em outro sentido se caracteriza como se colocar contrário à vontade divina, ou seja, a se posicionar do outro lado da batalha. Nesse sentido, aqueles que são sensíveis às diretrizes do alto, são incitados a agir com apoio e voto.

O casal de pastores em Catalão construiu raciocínio parecido com o elaborado por outras figuras muito conhecidas no meio evangélico em nível nacional. O que sugere uma similaridade dos discursos, ou, no mínimo, concordância sobre a questão ou desejo de aproximação. Quando Marcos Feliciano estava em campanha, tentando reeleição para deputado federal nas eleições de 2014, disse:

Eu preciso do seu voto (...) eu preciso do seu apoio (...) Em nome de Jesus (...) uso o nome de Jesus porque é meu mestre, porque ele que me salvou, porque ele que me deu essa vocação divina, então se você puder me ajudar (...). Se Deus abençoar e eu tiver uma expressão de votos muito grande, isso muda todo o contexto de nossas lutas porque ao chegar em Brasília com votação esplendida eu tenho peso para chegar em qualquer comissão e para chegar nas pessoas que fizeram os projetos e dizer: olha eu não estou sozinho, eu represento X número de pessoas.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Vídeo de Marcos Feliciano pedindo voto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L6pMi7UrqJ8> Acesso: 23 jan.2017.

Cito ainda um fragmento da fala do Pastor Silas Malafaia, que, apesar de não ser candidato e não ter cargo político, usa sua influência no meio evangélico para discutir questões políticas e declarar apoio a determinadas figuras e partidos no sentido de direcionar a ação dos fiéis. Nas eleições de 2010, fez a seguinte declaração no seu programa de televisão.

Eu quero dizer para o povo de Deus, eu quero ser bem realista, eu quero estar com minha consciência limpa e você é livre para votar em quem você quiser. Agora, eu quero dar um alerta aos evangélicos desse país, depois não venham pra cá com campanhas de oração para orar pelo país não. Sabe por quê? Porque nós queremos orar na hora que tem que agir e queremos agir na hora que temos que orar. Agora meu irmão é a hora de você votar. (...) Ei! Não está na hora de clamar não, está na hora de agir (...) Agora chegou a nossa hora. A hora agora é de votar. Não é de orar não, é de votar. Ai depois vota em gente errada, gente comprometida com tudo que é coisa, que contraria seus princípios e depois nós vamos orar. Não adianta nada, é a tua responsabilidade. Não vai descer anjo do céu pra dizer em quem você vai votar. (...) se você tem a mente de Cristo, se você tem discernimento espiritual, você tem que entender isso. Portanto, que Deus abençoe o Brasil, que Deus abençoe nossa pátria, que o Senhor possa dirigir os rumos da nossa nação. E nós podemos fazer essa oração porque vamos ter um voto consciente. Naqueles que representam nossas ideias e naqueles que vão defender o direito do pobre e do necessitado, que vão fazer leis para beneficiar todos os conjuntos da sociedade (...) Nenhum poder, nenhum poder, olha nenhum poder se estabelece sem a vontade permissiva e a vontade permissiva vai se estabelecer através da nossa vontade no voto.<sup>90</sup>

Interessante ressaltar que o casal de pastores chegaram em Catalão, no ano de 2002, e apenas uma década depois, se lançaram num projeto político que acabou não logrando muito êxito. Mas, é emblemático, independente do (in)sucesso, que as pretensões políticas do casal de pastores tenham se concretizado apenas nas eleições de 2012. Desdobramento de um momento efervescente das relações entre política e religião no cenário nacional, sobretudo, por todas as polêmicas que envolveram as eleições de 2010, quando os políticos evangélicos lutaram para ampliar sua presença junto ao governo estadual e federal.

<sup>90</sup> Silas Malafaia comentando sobre a importância do voto do povo evangélico nas eleições de 2010. Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=d-3sKSJZyD8> Acesso: 20 jan. 2017.

De forma consciente ou não, o casal de pastores estava em sintonia com a dinâmica nacional, envolvidos nesse novo ímpeto, que fica evidente quando afirmou “O Senhor está abrindo portas, está fazendo coisas, trazendo pessoas e, a cada dia, ele confirma que é propósito de Deus ter, este ano, um Pastor aqui na política de Catalão”. A trajetória do casal de pastores, nesse aspecto, se assemelha à trajetória de tantos outros religiosos espalhados pelo Brasil, que intentaram se inserir no universo da política institucionalizada e se inspiraram, de algum modo, nos nomes mais evidentes no cenário nacional.

No caso específico de Catalão, este foi, certamente, até então, o momento em que houve maior participação do segmento evangélico nas disputas eleitorais. Marcado por grande movimentação entre os evangélicos, perceptível não apenas pelas candidaturas, mas também pela articulação de boa parte das igrejas, de evangélicos desvinculados de suas igrejas, projetos de candidaturas que não se concretizaram, partidos que procuraram alcançar esse público e se aproximaram para negociações. O assunto foi debatido, inclusive pelas denominações contrárias ao envolvimento de religiosos com a política, que se manifestaram mediante ao *frenesi*, demonstrando que ignorar essa relação entre as duas esferas não foi uma opção, pois se tornou uma pauta importante na realidade local.

Mesmo reconhecendo essa pluralidade de manifestações da aproximação entre política e religião, destacamos, aqui, apenas os candidatos evangélicos do processo eleitoral municipal de 2012, como indício de que a afirmação da pertença religiosa se configurou quase como uma necessidade, na expectativa de que tal reivindicação resultasse em votos, assim como ocorreu com muitas candidaturas no cenário nacional. Segue abaixo quadro daqueles que oficializaram suas candidaturas:

**Quadro 01 – Detalhes dos candidatos e resultado da eleição**

Nome	Igreja	Função na igreja	Partido Político	Quantas candidaturas	Tema da campanha	Reeleito	Ganhou?	Votos recebidos*
Donizete	Sem Igreja	Congregado	PSC	01	Negão, a	Não	Sim	1.328

<b>Negão</b>	fixa				bola da vez.			
<b>Dr. João Quesslen</b>	Igreja Mundial do poder de Deus	Obreiro	PTB	01	Em favor das causas evangélicas e da proteção à família e do cidadão.	Não	Não	139
<b>Irmão Antônio</b>	Igreja Missão Vida Nova	Pastor	PDT	01	Quando o justo governa, o povo se alegra.	Não	Não	327
<b>Pastor Marcelino</b>	Igreja do Evangelho Quadrangular	Pastor	PMDB	01		Não	Não	744
<b>Pastor Silvio</b>	Igreja de Cristo	Pastor	PSDB	03	Pastor Silvio e você: marcados para vencer.	Não	Não	613
<b>Tiago Batista</b>	Igreja Cristo Vivo	Congregado	PRTB	01	Trabalho e fé.	Não	Não	113
<b>Vandeval Florisbello</b>	Assembleia de Deus Madureira.	Congregado	PMDB	08	Trabalho e realização	Seis vezes	Sim	1.580
<b>Pastora Vera Lucia</b>	Igreja Missão Vida Nova	Pastora	PDT	01		Não	Não	0

**FONTE:** Dados coletados em campo e no jornal *\*O Estado de São Paulo*.<sup>91</sup>

Vejamos mais detalhadamente em quais aspectos os vereadores evangélicos e as igrejas evangélicas de Catalão se aproximam e se distanciam da Bancada Evangélica e da participação das igrejas evangélicas na política no âmbito nacional.

A “representação” evangélica, na última gestão, tanto na Câmara de vereadores como no Congresso nacional, é expressiva, pois ocupa, em ambos os espaços, pouco mais de 10% dos assentos. A despeito da expressiva representatividade, há uma enorme diferença quanto à forma de atuação.

A bancada evangélica, apesar das divergências internas, consegue atuar de maneira mais articulada e conjunta, sobretudo, em temas específicos que, segundo a

<sup>91</sup> O ESTADO DE SÃO PAULO. *Apuração para verador em Catalão 2012*. Disponível em <http://politica.estadao.com.br/eleicoes/apuracao/vereador-2012.catalao.go> Acesso: 13 mar. 2013.

leitura dos membros, ameaçaria a moral e os valores cristãos. Os parlamentares são de igrejas distintas, algumas inclusive não se comunicam entre si fora do espaço político, mas na Câmara encontraram ponto comum para unir seus representantes, para garantir a influência da Igreja sobre o Estado.

Já os vereadores evangélicos do Município de Catalão não possuem a mesma homogeneidade. Nas entrevistas realizadas com ambos, ficamos com a impressão de que eles não se sentem pertencentes ao mesmo grupo. Donizete Negão sequer cita o nome de Vandeval Florisbelo como representante dos evangélicos. Já Vandeval chega a reconhecer Donizete Negão como candidato evangélico, mas deixa subentendido que ele é o único que efetivamente representa o segmento na câmara, ou melhor, que é reconhecido pelas igrejas como tal. O vereador afirmou que,

Durante o meu período de vereador as outras igrejas perguntam quem é o vereador evangélico daqui de Catalão? Ah! É o vereador Vandeval. Aí os pastores vai lá. Ô irmão vim aqui solicitar um ônibus para nós fazermos um retiro espiritual. Você entendeu? Aí nós temos uma aceitação, embora eu não seja o único candidato evangélico, nesta última eleição teve dez candidatos e dois eleitos. Não sou o único você entendeu?<sup>92</sup>

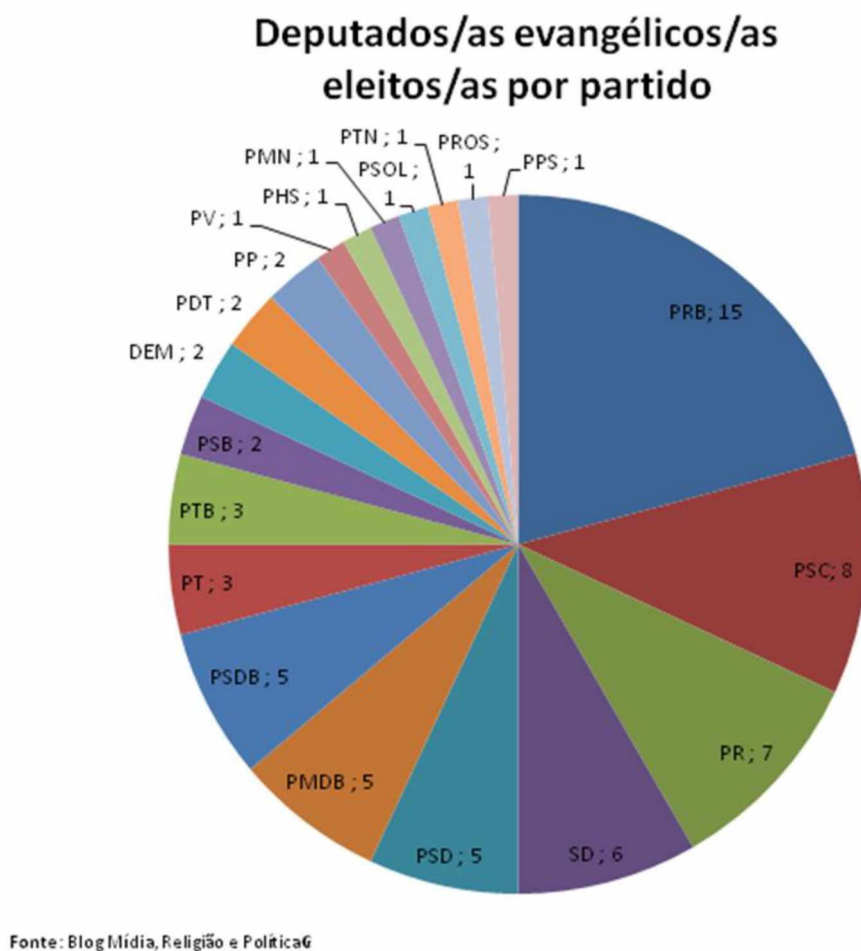
O que deixa mais evidente essa heterogeneidade entre os dois vereadores, ainda mais do que a declaração acima, são as suas atuações na Câmara. Fora exceções, os dois estão de lados opostos nas votações. A explicação para essa diferença entre eles não está, necessariamente, na filiação eclesiástica, mas sim na filiação partidária. Porque em Catalão, mais forte do que o vínculo com as igrejas evangélicas é o vínculo e o envolvimento com os partidos políticos.

Como na maior parte da gestão de 2013-2016, os políticos pertenceram e apoiaram partidos rivais, na polarização entre os principais partidos da cidade PMDB ou PSDB, não se pode falar em atuação conjunta da Bancada Evangélica na Câmara de vereadores de Catalão. O que nos faz questionar se, apesar da presença de dois vereadores evangélicos, de fato, existe uma Bancada Evangélica no município.

---

<sup>92</sup> Entrevista com Vereador Vandeval Florisbelo. Cedida em 19/06/2013.

A Frente Parlamentar Evangélica é composta por políticos dos mais diferentes partidos. A pesquisadora Magali do Nascimento Cunha, no balanço que fez sobre a participação evangélica nas eleições de 2014, demonstrou essa diversidade partidária, expressa na imagem abaixo:



**FIGURA 5:** Relação de deputados evangélicos por partido

É perceptível que a participação dos evangélicos na política partidária se dá majoritariamente em partidos de ideologia mais conservadora, o que não exclui os de ideologia mais progressista. Se considerarmos não só os eleitos, mas também os candidatos não eleitos, tanto maior será essa pluralidade. Na cidade de Catalão, não há muita diferença nesse aspecto, muitos partidos também apresentaram seus candidatos evangélicos. A diferença mais significativa é que, no Congresso Nacional, os evangélicos têm mais facilidade para ignorar as diferenças partidárias com objetivo de

votar em bloco, já na Câmara municipal, os interesses partidários se sobrepõem aos outros mais facilmente.

Sobre a participação dos evangélicos em diferentes partidos, o vereador oferece uma explicação que consideramos plausível, “é natural é democrático, porém, existe uma divisão para que um partido derrube o candidato de outro”. De acordo com ele,

A religião evangélica está crescendo demais, então, os presidentes dos partidos despertam o interesse de buscar evangélicos para conseguir votos e eles candidatam, democraticamente, eles conseguem lideranças que candidatam, porém, eleição de vereador é uma eleição muito difícil, complicada e complexa. Precisa do coeficiente eleitoral, coeficiente partidário e votos para ser eleito, não é fácil, então, são muitos candidatos e dividem o bolo, aquele bolo é dividido pelo coeficiente eleitoral, dividem o bolo (...) <sup>93</sup>

O envolvimento do segmento evangélico com a política não é apenas uma busca dos religiosos por maior espaço no Estado, é também uma busca dos partidos políticos que perceberam, nesse grupo social, possibilidades para ascensão, benefícios e capital político no jogo eleitoral. Trata-se de uma via de mão dupla. Nesse sentido, durante as eleições, os evangélicos não são um todo homogêneo, estão envolvidos numa verdadeira disputa pelos votos dos seus pares. O clima de disputa não se restringe apenas àquele momento, mas segue, durante o mandato, já que os vereadores atuam como se permanecessem em campanha. Certamente nisso está uma explicação para a dificuldade de aproximação entre eles em Catalão.

Outro aspecto que se deve pontuar nesse comparativo entre o nacional e o local, diz respeito às igrejas que mais influenciam a dinâmica política. No âmbito nacional, as duas principais denominações religiosas que causam maior impacto no Congresso federal são Assembleia de Deus e a Universal do Reino de Deus, inclusive são as igrejas que conseguiram eleger maior quantidade de representantes políticos nas últimas eleições. <sup>94</sup>

---

<sup>93</sup> Entrevista com o vereador Vandeval Floresbello, Cedida em 19/06/2013.

<sup>94</sup> Nas eleições de 2014, a igreja Assembleia de Deus elegeu 28 deputados e a igreja Universal do Reino de Deus elegeu 11 deputados.



Ambas as denominações usam, além do espaço das igrejas, os veículos de comunicação para disseminar suas ideias e projetos. Munidas com esses dois principais instrumentos, buscam, insistentemente, ampliar sua rede de influência e número de adeptos. Considerando o resultado das urnas, podemos afirmar que obtiveram êxito no projeto de alcançar maior participação na política, assim como pela ampliação da Bancada Evangélica. Espaço em que as duas denominações têm representatividade maior do que qualquer outra igreja. Inclusive em relação aos políticos mais proeminentes da bancada.

Na cidade de Catalão, as denominações religiosas mais influentes são Assembleia de Deus e a igreja do Evangelho Quadrangular. As duas possuem maior número de membros e mais espaço nos veículos de comunicação local, sobretudo nas rádios. Das duas denominações que possuem vínculo direto com a política, a primeira está estrategicamente espalhada por praticamente todos os bairros da cidade, através das congregações, ou seja, pequenas igrejas que se abrem pelos setores, mas que não são independentes, já que estão sobre a supervisão da igreja sede. A segunda, apesar de não ter pontos em todos os setores, é uma das igrejas que mais disponibiliza atividades religiosas para a população, com programações diversificadas, direcionadas para diferentes públicos, em horários alternativos, conseguindo alcançar grande público de frequentadores/membresia.

A participação dessas instituições religiosas com a política não pode ser medida apenas pela presença de representantes eleitos na Câmara de vereadores, mas também e, principalmente, pelas negociações estabelecidas com o poder executivo local. Enquanto, no âmbito nacional, as igrejas têm se direcionado majoritariamente para o legislativo do que para o executivo, em Catalão, é o contrário, pois a atenção está mais voltada para o executivo do que para o legislativo.

Isso pode ser evidenciado pelas declarações públicas de apoio das igrejas aos candidatos a prefeito, conforme já demonstramos, anteriormente, neste trabalho. Até porque é junto ao executivo que essas igrejas conseguem transformar o apoio dos fiéis em votos com mais eficiência, vez que, para vereador, quase sempre, os fiéis já estão “comprometidos” com outros candidatos, por razões que passam ao largo dos interesses das lideranças eclesiásticas. As negociações da igreja com os políticos ainda são muito

fundamentadas na troca de favores, que favorecem as lideranças, mas nem sempre os fiéis.

A igreja Universal do Reino de Deus, a despeito do sucesso que consegue na dimensão nacional, não conseguiu ainda emplacar, em Catalão, e possui atuação inexpressiva nos assuntos políticos. A estratégia usada em todo país se mostrou ineficaz, tendo em vista a realidade catalana, assim como a igreja Mundial, que se organiza de maneira semelhante, e, do mesmo modo, não causa impacto na política local. As igrejas protestantes históricas como Batista, Presbiteriana, Cristã Evangélica, Metodista e Luterana não apresentaram indícios que evidenciam pretensões de se imiscuir nas questões políticas.

Os demais ministérios/igreja pequenos, inexpressivos e que surgiram recentemente tentam se organizar em torno da COMEC, mas ainda com muita dificuldade de aglutinação para propor qualquer tipo de ação coletiva, pois não há um ponto comum capaz de convergir todos os múltiplos interesses, das inúmeras e divergentes igrejas e suas lideranças.

O último ponto que destacaremos desta reflexão, sobre o local em relação ao nacional, em nossa opinião, o mais importante, será sobre as chamadas pautas morais. De acordo com a pesquisadora Magali do Nascimento, a participação dos evangélicos na política até 2010, passava, relativamente, despercebida pela sociedade como um todo. A bancada evangélica batalhava, no Congresso, por feriados gospels, por edificação de praças da Bíblia e outros assuntos que pouco interferiam na vida daqueles que não comungam da mesma fé e princípios religiosos. Mas, quando algumas pautas, como a discussão de gênero, começaram a ganhar evidência no Brasil e chegaram com toda força no Congresso nacional, a chamada Bancada da Bíblia<sup>95</sup> muda de postura.

A partir de então, políticos da supracitada Bancada começaram a integrar comissões que refletiam sobre as questões de gênero, raça, sexualidade, entre outros. Intensos debates saíram do Congresso para a mídia por meio dos próprios parlamentares. Nesse momento, figuras como Marcos Feliciano, Magno Malta, João Campos, entre outros políticos evangélicos, ficaram bastante conhecidos, não apenas pelos evangélicos. Tornaram-se os defensores da moralidade cristã pela acirrada

---

<sup>95</sup> Nome sugestivo, pois tenta englobar não apenas os evangélicos, mas todos os cristãos da Câmara federal.

oposição que fizeram a projetos, que, segundo esses representantes, eram contrários aos seus princípios e valores religiosos. Por isso, a Bancada Evangélica passa a ser percebida como moralista e conservadora e como entrave para os avanços progressistas.<sup>96</sup>

Não estamos querendo afirmar que a discussão de gênero e sexualidade, entre outras demandas, se tornaram pautas no Congresso apenas a partir de 2010, mas sim que somente nesse momento é que se forma um contexto propício e favorável para que essas bandeiras encontrassem mais respaldo e ganhassem eco. Conseguindo amparo inclusive no espaço da política institucional, de maneira que, simplesmente ignorar, não poderia mais ser a única opção.

Essas pautas contribuíram significativamente para ampliação, fortalecimento e para unidade entre os parlamentares da Bancada Evangélica, que ganhou apoio até dos católicos, especialmente, dos carismáticos. Construíram, a partir dessas demandas, uma oposição, não seria exagero afirmar, inimigos em comum, ou seja, aqueles que supostamente estariam do lado oposto na batalha travada no Congresso. Consolidou-se, não apenas por parte da bancada evangélica, mas também, por seus antagonistas, uma polarização que é lida por muitos evangélicos da seguinte maneira, de um lado estão os seus pares favoráveis e defensores da moral e da família, do outro, os seus contrários.

Essa polarização simplista, feita, especialmente, a partir das pautas morais, perversa em muitos sentidos, foi importante para legitimar a atuação de políticos evangélicos e justificar sua inserção e participação no Congresso Federal. Consolidou a ideia de que nunca foi tão importante ter “homens de Deus no governo do país”. Nessa perspectiva, por mais contraditório que pareça, a discussão sobre gênero, aborto, sexualidade, entre outros assuntos polêmicos, favoreceu, como nunca, os políticos evangélicos.

Antes de verificar como essa questão se assentou em Catalão, faz-se necessário entender melhor a atuação da Bancada Evangélica nesse sentido, inclusive para compreender o que está se chamando aqui de pautas morais. A Frente Parlamentar Evangélica, dentre outras temas, faz coro contra a tentativa de criminalização da

---

<sup>96</sup> CUNHA, Magali Nascimento. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. In. **Revista Perseu**, n. 11, ano 7, 2016, p. 149.

homofobia, Casamento entre pessoas do mesmo sexo, Flexibilização do aborto e legalização da maconha.<sup>97</sup>

Para combater esses pontos, criaram propostas como proibição de adoção por gays, obrigatoriedade do ensino do criacionismo nas escolas, dia do orgulho heterossexual, aborto como crime hediondo, redefinição do conceito de família formada apenas entre homem e mulher, estabelecimento de normas de atuação para os psicólogos em relação à questão de orientação sexual, projeto popularmente chamado de “cura gay”, entre outros.<sup>98</sup>

Em Catalão essas pautas, apesar de discutidas em alguns espaços da cidade, como nas universidades e escolas, ainda não têm o mesmo peso como no cenário nacional. Essas temáticas polêmicas não são discutidas no âmbito da Câmara municipal, nem se configuram como alvo de preocupação por parte das igrejas evangélicas da cidade. Isso não significa que as tensões e embates em nível nacional não reverberaram em nível local, mas apenas que os efeitos causados são diferentes, dependendo da dimensão que se observa.

Nas eleições de 2012, alguns candidatos a vereador se apropriaram do discurso de luta pelas causas dos evangélicos em favor da família. Obviamente, considerando como estratégia para conquistar o eleitorado, assim como ocorreu na eleição estadual e federal. Abaixo segue parte do material de campanha dos dois candidatos que mais se valeram desse discurso.<sup>99</sup> O primeiro é o irmão Antônio, pastor da igreja Missão Vida Nova, que transformou em uma de suas bandeiras a luta contra o aborto.

---

<sup>97</sup> Projetos como de Jean Wyllys 7270/2014; Eurico Junior 7187/2014; Iara Bernardi 122/2006; Marta Suplicy 612/2011;

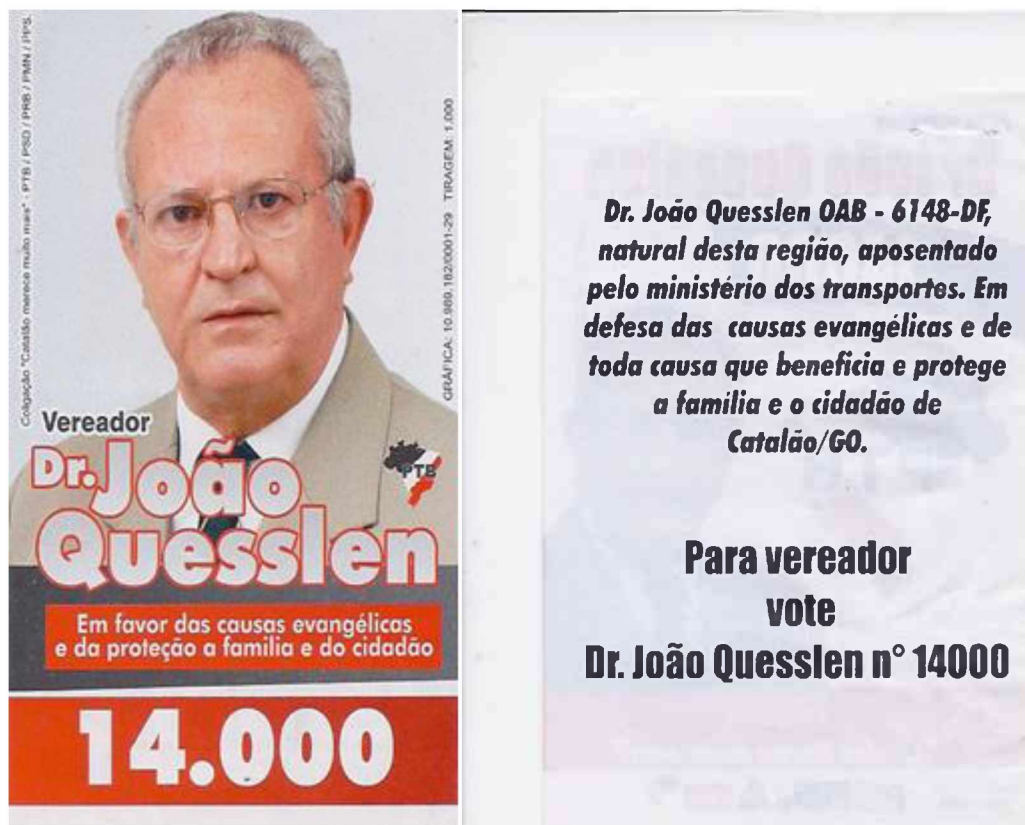
<sup>98</sup> Projetos como de Marcos Feliciano 8.099/2014; Anderson Ferreira 6583/2013; João Campos 234/2011; Francisco Silva 4703/98.

<sup>99</sup> SILVA, Juliana Vaz. *Entre o púlpito e o palanque*: Candidatos evangélicos da Cidade de Catalão nas eleições de 2012. Monografia – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.



**FIGURA 6:** Material de campanha do candidato evangélico a vereador Irmano Antônio.

O segundo é o candidato Dr. João Quesslen, da igreja Mundial do Poder de Deus, que foi um pouco além no que chamou de causas evangélicas.



**FIGURA 7:** Calendário do candidato evangélico a vereador Dr. João Quesslen.

Esse candidato distribuiu panfletos com os principais projetos que, para ele, deveriam ser combatidos pelo povo evangélico, por ameaçar as igrejas, conclamando para a necessidade de fortalecer a Bancada Evangélica em todas as esferas, inclusive a municipal.



## **Pastores, Obreiros e Membros: Projetos de Lei que tramitam em Brasília contrários à Igreja de Cristo.**

Sejamos prudentes e atuantes. Façamos nossa parte e declaremos com confiança: "As portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja de Cristo" (Mt 16: 18 )

**VOCÊ SABIA?** Na eleição de 2002 os evangélicos elegeram 73 Deputados Federais e que em 2006 foram eleitos apenas 22 Deputados? Perdemos 51 cadeiras no Congresso Nacional e, como consequências, vários projetos estão, sendo desarquivados para prejudicar às igrejas. Confira algumas destas propostas que tramitam em Brasília.

1. **Projeto de Lei 1024/03-** Trata sobre poluição sonora, mas busca fechar as igrejas por problemas de som.
2. **Projeto de Lei 1151/95-** Sobre casamento gay. As igrejas que não realizarem casamentos de homem com homem, mulher com mulher, estarão fazendo discriminação e, portanto, poderão ser multadas e os pastores processados. Este projeto, prevê, também, que o dia do "orgulho gay" seja oficializado em todas as cidades brasileiras.
3. **Projeto de Lei 122/06-** considera crime inafiançável qualquer manifestação contrária aos homossexuais e suas práticas em qualquer local público, inclusive nas igrejas, com pena de 2 a 5 anos de cadeia para os pastores.
4. Portaria do ministério da Saúde que incluiu no Sistema Único de Saúde (SUS) as cirurgias de "mudança de sexo", pagas com o dinheiro de todos nós contribuintes.
5. **Projeto pela legalização das drogas.** Querem oficializar a liberalização do uso da maconha, inclusive com forte apoio do ministro do Meio Ambiente.
6. **A LEI 10.257/01** já esta em vigor em nível nacional, agora, quando os municípios adotarem em seus Planos Diretores, apenas serão construídas as igrejas que tiverem a aprovação dos vizinhos num raio de 500 metros.
7. Na Bahia, o poder público autorizou a colocação de estátuas de Orixás no Dique do Tororó, para que sejam realizadas oferendas aos deuses africanos. Animais mortos durante os rituais de sacrifícios estão causando um desastre ambiental.
8. **Projeto cobrando impostos das igrejas.** O seu dizimo, a sua oferta, a sua contribuição está sujeito a cobrança de impostos.
9. reforma Política. Querem aprovar a votação por lista para que os evangélicos fiquem de fora dos processos eleitorais, não podendo mais ocupar cargos públicos.
10. **Projeto de Lei 952/03-** Estabelece que seja crimes os atos religiosos que possam ser considerados abusivos a boa fé das pessoas. Os pastores serão considerados "criminosos" por ensinarem sobre dízimos e ofertas.
11. **Projeto de Lei 1.154/03-** Proíbe a vinculação de programas que o teor seja considerado "preconceito religioso" Se aprovado será considerado crime pregar sobre idolatria, feitiçarias, e rituais satânicos. A verdade sobre esses atos contrários à Palavra de DEUS não poderá ser mais mostrada.
12. Proposta de alteração na constituição para proibir o culto fora dos templos (evangelismo de rua).
13. **Projeto de Lei 299/99-** Se aprovado vai limitar os programas evangélicos no rádio e na televisão para apenas uma hora por dia. O restante da programação não poderá ter cunho religioso.
14. **Projeto de Lei 6.398/05 -** apenas poderão fazer programas de rádio e televisão pessoas com formação superior em jornalismo. A maioria dos pastores não poderia atuar

**FIGURA 8:** Panfleto da campanha do candidato evangélico a vereador Dr. João Quesslen

Os candidatos apresentados acima foram pouco votados, conforme se pode observar na Tabela 1, o primeiro recebeu 327 votos e o segundo 139 votos. Quantidade muito abaixo do esperado para aqueles que pretenderam comunicar com todos os eleitores cristãos da cidade. A explosão provocada pela polarização construída no âmbito nacional, entre os amigos e os inimigos da igreja e família, deixou estilhaços em

Catalão, todavia insuficientes para estabelecer o processo de identificação *nós* e *eles*, a relação *nós* e os *outros*, fundamental para quem quer vencer no jogo eleitoral.

O vereador evangélico que obteve maior número de vitórias e que, por mais tempo ficou na câmara municipal, afirmou que os projetos que pretende criar, especificamente, para a população evangélica da cidade, é “criar o dia do evangélico, criar dispositivo para que todo o poder legislativo, executivo e judiciário tenha uma bíblia na entrada”<sup>100</sup>. Questões que passam ao largo do que tem sido debatido no cenário nacional e que parecem não ser uma preocupação local.

Já o vereador Donizete Negão fez a seguinte afirmação, “depois que eu fui para o meio político, aí eu não tenho uma igreja fixa, eu frequento várias porque eu visito e gosto de comprar a briga, de ajudar vários pastores, vários ministérios”.<sup>101</sup> O que nos faz pensar, tendo em vista sua ação na Câmara, seus requerimentos e projetos, que, ou as pautas morais não fazem parte da briga das igrejas que ele tem visitado, ou que ele não comprou efetivamente a briga dos ministérios e pastores.

Durante o mandato que estudamos, dos vereadores evangélicos, não encontramos nenhum projeto ou requerimento referente às ditas pautas morais. Nenhuma discussão, nas sessões da Câmara, que tivesse como foco essas temáticas. Talvez porque a Câmara de vereadores não teve nenhum representante que fosse, declaradamente, antagonista dos evangélicos e dos seus valores. Mas, durante as eleições, até mesmo candidatos que não exploram exacerbadamente sua pertença religiosa, para obter votos, se apropriam do discurso de luta pela causa evangélica quando é conveniente. Quando Vandeval estava em Campanha, avaliando suas gestões anteriores, disse que

é muito importante ter um evangélico lá dentro porque aparecem leis controversas. E nós temos que combater estas leis controversas para os evangélicos, principalmente uma que apareceu lá e eu derrubei ela, exigindo que todas as igrejas evangélicas daqui de Catalão pusessem isolamento acústico porque acusaram de nós sermos muito barulhentos, eu fui e derrubei esta lei, como também requerimento, apoiando o casamento homoafetivo e eu também fui e derrubei lá. Então é muito importante essa questão de ter uma bancada evangélica lá. Embora seja só eu, eu torço para mais gente esteja lá, os

<sup>100</sup> Entrevista com o vereador Vandeval Florisbelo, Cedida em 25/09/2012.

<sup>101</sup> Entrevista com o vereador Donizete Negão, Cedida em 07/07/2013.



evangélicos, para que nós podemos, nestas circunstâncias, despovoar o inferno, porque temos que ter pessoas ligadas a esse segmento lá. Porque é de muita importância, e minha meta é ajudar toda a população de Catalão, mas, principalmente, os domésticos de casa.<sup>102</sup>

As pautas morais e religiosas são mais lembradas em contexto de campanha, mesmo assim, se mostraram incapazes de produzir unidade do segmento evangélico em Catalão. As igrejas continuam buscando satisfazer suas demandas pontuais e particulares, muito mais através das negociações com os partidos políticos e o governo do que propriamente com representantes políticos necessariamente evangélicos.

Para além da aproximação com a política, a comunidade evangélica, em nível local, ainda não conseguiu unidade, ao que tudo indica, pelo próprio desinteresse das maiores e expressivas denominações, que parecem ainda não desejarem tal coletividade. Ou porque ainda não se faz necessária para obter aquilo que lhes interessa junto ao governo local.

As pautas morais e religiosas, quando analisadas na cidade de Catalão, não funcionam como promotoras do processo de identificação, para construção de um nós no fragmentado segmento evangélico local. Não funcionam como fator determinante capaz de justificar e ampliar a participação de evangélicos na política. Não conseguem garantir a ação conjunta e articulada dos vereadores evangélicos que compõem a Câmara. Não é o foco das igrejas evangélicas. As relações entre política e religião, na cidade de Catalão, nesse aspecto, não se movimentam pelo mesmo combustível que tem alimentado a dinâmica no cenário nacional.

O que demonstra que a comparação entre o âmbito local e nacional é marcada, não apenas por aproximações, mas também por distanciamento, como observamos ao longo deste capítulo. Por mais que Catalão expresse elementos que se desenrolam como tendência em todo país, expressa também suas especificidades que a torna diferente de outras realidades e experiências.

Antes de encerrar este capítulo, é necessário fazer duas ponderações sobre o que foi discutido. A primeira é que outros estudiosos poderiam elencar outros tantos temas que expressariam esse des(vínculo) entre a dimensão nacional e local. Mas os

---

<sup>102</sup>Entrevista com o vereador Vandeval Floresbelo. Cedida em 25/09/2012.

apresentados, aqui, foram os que mais nos chamaram atenção e suscitaram reflexão, por isso, reiteramos que não são os únicos apenas aqueles que nos interessamos mais no momento da pesquisa.

A segunda é apenas para ressaltar que a realidade social não é estática, mas dinâmica, de tal maneira que o que foi estudado, analisado e compreendido, está em pleno processo de transformação e pode aparecer, noutro momento, com contornos e configurações diferentes dos que foram apresentados até aqui, pois podem mudar as demandas, as alianças, os posicionamentos, as lutas, as estratégias, as ambições, as pessoas, os grupos sociais, etc. O que evidencia o quão difícil é transpor para forma escrita a complexa dinâmica social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A última parte do homem a se converter não é o bolso, é o fascínio pelo poder.*

Paul Freston

Na já citada manifestação de 2015, promovida pela igreja do Evangelho Quadrangular de Catalão, declaração pública de oposição da igreja ao governo, ocorreu um fato que nos chamou atenção. Durante a manifestação, os fiéis, especialmente, os jovens, gritavam em alto e bom som: “Ô Ô Ô, SOU PURÊ DO MEU PASTOR”. Esse grito é bastante significativo, pois era a forma de demonstrar que estavam inteiramente ligados ao pastor Elton Quirino.

Esse grito é extraído de um ensinamento que as igrejas celulares<sup>103</sup> dão sobre a diferença entre união e unidade. Por isso usam a analogia das batatas, para tornar o princípio mais assimilável. O ensinamento consiste na ideia de que um saco de batatas seria a expressão da união, pois são várias batatas no mesmo saco, embora umas sejam para fritar, outras para engrossar caldo, outras para se assar ou cozinhar. Ou seja, cada batata destinada a uma finalidade diferente, ainda que no mesmo saco.

O que pregam é que os membros da igreja devem ir além da simples união, ser mais que um saco de batatas, eles precisam se tornar ligados num único propósito. Conforme a analogia é preciso ser como o purê de batatas. Dito de outro modo, a igreja unificada em torno de um propósito previamente definido pelo líder e totalmente assimilado pelos subordinados.

---

<sup>103</sup> As células são pequenos grupos dentro da comunidade da igreja, cada grupo é controlado por um líder que acompanha e orienta os seus *discípulos* de acordo com os ensinamentos do Pastor, o líder dos líderes de células. Nessa forma de organização, chamada de igreja celular, a capacidade de controle que a igreja tem sobre os seus membros é potencializada, ainda que nas grandes igrejas com muitos membros. Pois a *visão em célula* consegue organizar e controlar cada novo adepto e o manter sob o controle da igreja. A Igreja do Evangelho Quadrangular de Catalão trabalha com a *visão celular*. Os fiéis são divididos em células, pequenos grupos que se reúnem nas casas, mantêm relação familiar com o líder e os demais membros da célula, já que o vínculo com os irmãos da comunidade são, aparentemente, maiores do que com os irmãos de sangue.

Sobre o caso específico da manifestação, a ideia de unidade foi reivindicada em todo momento, tanto pelos cartazes como nos discursos e gritos dos ouvintes, que sinalizavam para uma igreja toda unida contra os seus supostos inimigos. O objetivo principal era demonstração da força da igreja contra as instituições municipais.

Tal analogia nos lembrou de uma consideração de Karl Marx, na sua obra *O 18 Brumário*, que, com propósito absolutamente diferente e, a partir de uma realidade histórica muito distinta, fez uma formulação; que, guardada as devidas proporções, agora utilizamos para pensar a população evangélica de Catalão. Ao descrever um dos grupos sociais da França, que se envolveram nos embates que permearam a eleição de Luís Bonaparte, Marx afirmou:

A grande massa da nação francesa é, dessa forma, constituída por um simples acréscimo de grandezas de mesmo nome, mais ou menos como um saco de batatas se forma com batatas. (...) em vista do fato de apenas estarem reunidas através de um vínculo meramente local, e de a identidade dos interesses não criar aqui comunidades, nem união nacional, nem organização política, os camponeses minifundiários não constituem uma classe. Permanecem, por isso, incapacitados para se fazerem representar, com seu nome próprio, tanto em um parlamento como em uma convenção. Não podendo a si mesmo se representarem, necessitam de representantes fora de seu meio.<sup>104</sup>

A partir das considerações de Marx, podemos afirmar que os evangélicos da cidade de Catalão não constituem uma identidade política mais consistente, pois a sensação de pertencimento a um mesmo grupo não foi ainda consolidada. Porque não estão contrapostos a outros grupos sociais que lhes sejam antagônicos na dimensão local, que tenham interesses significativamente diferentes. A oposição de um grupo frente a outro fortalece a unidade e a consciência de pertencimento. Os evangélicos não possuem vínculos de mútua comunicação e pertencimento, ainda que as diferentes denominações vivenciem condições análogas. Falta à população evangélica unidade de interesses pelos quais lutar.

---

<sup>104</sup> MARX, Karl. O 18 Brumário. In. *A revolução antes da revolução – O 18 brumário*, as lutas de classe na França, e a Guerra Civil na França. São Paulo: expressão popular, 2008.

Nesse sentido, ainda utilizando a metáfora proposta, as igrejas evangélicas de Catalão estão longe de ser um purê de batatas, estão muito mais para um saco de batatas, ligados por uma religião, cidade e condições em comum, mas totalmente distintas em seus interesses e forma de lidar com essa realidade.

O estudioso Antônio Flávio Pierucci, na sua abordagem em *Religião como solvente*, tratando sobre o campo religioso no Brasil, sugeriu que as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, principalmente, têm pretensões universais e, para atingir esse objetivo, são individualizadoras. Em outros termos, tenta produzir indivíduos por dissociação. A religião evangélica universal busca a conversão de todo e qualquer sujeito, tornando a igreja numa espécie de associação composta por indivíduos que ela desmembrou de outros coletivos.

Partindo dos postulados de Weber, em *Sociologia da Religião*, o autor propõe que congregações de religião universal de conversão individual, na produção de indivíduos, visam desligá-los de qualquer outro coletivo, seja religioso ou não, de maneira que esses indivíduos possam ser, estar, agir e ler todas as dimensões do mundo a partir do campo religioso ao qual se converteram. Nas palavras do próprio Pierucci,

(...) religião de conversão não tem a menor consideração. Destaca partes e desata nós, despedaça relações sociais herdadas e desmembra coletividades já constituídas. Congregacionista, “con-grega” indivíduos que ela própria “des(a)grega” de outras greis, por secessão ou abdução, indivíduos que ela recruta desenraizando, desterritorializando-os de seus assentamentos convencionais, desviando de suas rotas convencionais, desqualificando sistematicamente outros sistemas religiosos de crença e vida prática, criticando ou condenando sem pedir licença outras condutas de vida e pautas de comportamento, religiosas ou não, coletivas ou não, significativas ou não.<sup>105</sup>

Diante da assertiva de Pierucci e da pesquisa abordada ao longo desse texto, podemos afirmar que as igrejas evangélicas de Catalão buscaram atuar como solvente, no sentido mesmo de dissolver qualquer outro tipo de pertencimento de seus membros que não fosse o da congregação. Desvinculando, procuraram vincular. O princípio de

---

<sup>105</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente – uma aula. In. Novos Estudos Cebrap. N.75. São Paulo. Julho/2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000200008>

solver das igrejas tem capacidade de dispersar indivíduos, inclusive de denominações e igrejas da mesma vertente religiosa. Todavia, quando observamos a aproximação dos evangélicos com a política municipal em Catalão, essa característica se mostra ineficaz. Tendo em vista que os fiéis, a despeito do vínculo que mantém com sua igreja e religião, não se desenraizam ou não se desagregam completamente das coletividades e relações sociais referentes à política local. As lideranças religiosas que se envolveram mais diretamente com o jogo eleitoral e com a dinâmica política, possivelmente, não conseguiram desatar os nós, já que os laços políticos partidários e outros vínculos se mostraram mais fortes, como indicamos nas discussões dos capítulos anteriores.

No cenário nacional, a religião evangélica, com seu potencial de organização e princípio expansionista, tem se mostrado mais eficiente como solvente. A bancada evangélica no Congresso Nacional é uma emblemática evidência de como a religião tem conseguido, cada vez mais, anular as diferenças e transferir determinada visão de mundo, ética e conjunto de ideias para a vida prática. Nesse sentido, tem interferido na realidade de forma significativa, especialmente, na dimensão política, para desenvolver um mundo conforme aquilo que ambicionam como utopia.

A igreja evangélica, de forma geral, tem caminhado a passos largos no sentido de conseguir formar a opinião de indivíduos de diferentes classes sociais, oferecendo uma filosofia que confere a sensação de que os mais diferentes indivíduos sintam-se pertencentes à mesma família, a um mesmo corpo. Os religiosos, ao que tudo indica, têm minimizado, a cada dia, os vários motivos que determinam os votos dos fiéis, para que eles sejam reduzidos, exclusivamente, às causas morais da religião.

Gramsci, em *Cadernos do Cárcere*, observando a história, já enunciava a capacidade unificadora da religião. Segundo o autor,

(...) a religião é a mais gigantesca utopia, isto é, a mais gigantesca “metafísica” que já apareceu na história, já que ela é a mais grandiosa tentativa de conciliar em forma mitológica as contradições reais da vida histórica: ela afirma, na verdade, que o homem tem a mesma “natureza”, que existe o homem em geral, enquanto criado por Deus, filho de Deus, sendo por isso irmão dos outros homens, igual aos outros homens, livre entre os outros e da mesma maneira que os outros, e que ele pode se conceber dessa forma espelhando-se em Deus, “auto-consciência” da humanidade; mas afirma também que nada disso pertence a este mundo e ocorrerá neste mundo, mas em

outro (– utópico –). Assim, as ideias de igualdade, liberdade e fraternidade fermentam entre os homens, entre os homens que não se vêem nem iguais, nem irmãos de outros homens, nem livres em face deles.<sup>106</sup>

Pensando na esteira de Gramisci, seria essa uma das possíveis explicações para a recente aproximação da religião evangélica com os partidos políticos? Seria a busca dos partidos pela característica das igrejas em promover unidade entre os diferentes? O que se sabe é que a religião não é estática e acompanha a sua maneira a dinâmica da história, valendo-se da sua estrutura autônoma, a serviço dela mesma, para legitimar ou desempossar qualquer governo de acordo com os benefícios que lhe são oferecidos.

Acompanhando os vereadores Vandeval Florisbello e Donizete Negão, e as lideranças de algumas igrejas de Catalão, ao longo dos últimos anos, percebemos que os políticos evangélicos apelaram para os religiosos protestantes, mas, durante seus mandatos, se conduziram de maneira independente sem pensar ou se sentirem ligados a qualquer segmento religioso.

De maneira autônoma, atuaram na Câmara de vereadores. Reivindicando apoio e ligação aos seus “iguais”, em pertença religiosa, apenas quando conveniente e benéfico para seus próprios interesses. Por sua vez, as igrejas evangélicas como instituições, de forma geral, tentam entrar na política, defendendo causas institucionais e acabam se sujeitando às contingências do universo político. Ao olhar para o cenário catalano, percebemos que a relação entre religião e política fere os princípios da laicidade. A aproximação entre as duas esferas na experiência local, como vimos, se configura como mais um bom exemplo do que se deve evitar.

Numa democracia com Estado Laico, qual o limite da necessária separação entre a Igreja e o Estado? Como inibir a interferência da religião sem ferir os princípios democráticos? Essas questões nos apontam que a concepção ideal de um Estado Laico parece destoante do Estado real. Essa diferença se torna ainda mais nítida, quando a igreja tenta usar o Estado para promover a sua própria religião em detrimento de outras, ou pior ainda, para promover os seus próprios interesses institucionais.

---

<sup>106</sup> GRAMISCI. Antônio. *Cadernos do Cárcere*. Vol 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 205.

A despeito da participação dos vereadores Vandeval Florisbello e Donizete Negão, e da tentativa de participação da igreja no governo municipal, a política catalana se mantém com a mesma estrutura de outrora e com grande ranço coronelístico. Ainda se divide nos dois principais partidos e sob o domínio das famílias mais poderosas que há muito se perpetuam no poder. A aliança com um ou outro partido continua redundando em benefícios ou perseguições, dependendo de quem está no poder. As igrejas em Catalão, majoritariamente, continuam jogando com essa estrutura.

Os vereadores evangélicos que tiveram acento na Câmara de vereadores, não acrescentaram nada de novo, nenhuma mudança significativa. Usaram o pretexto de evangélico para garantir uma sólida base de votos. As lideranças evangélicas colocaram os votos dos fiéis à disposição, na barganha pelos seus interesses próprios ou, no máximo, pelos interesses da igreja local. No decorrer da pesquisa, muitos questionamentos surgiram, novas possibilidades de pesquisa e análise surgiram no enfrentamento com o objeto de estudo. De maneira tal que o trabalho chega, nessas considerações finais, com muito mais perguntas que respostas sobre os caminhos em que tem perambulado a religião com a política. Nesse sentido, podemos considerar que encerramos esta dissertação, mas não as reflexões que surgiram a partir dela.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vasni; SILVA, Elizete; SANTOS, Lyndon A. (org.). *Fiel é a Palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana-BA: UEFS, 2011.

ANDERY, M. A. et al. *Para compreender a ciência*. 6. São Paulo: EDUC, Espaço e Tempo, 1996.

ANSART Pierre. Mal-estar ou fim dos amores políticos?. IN: *Revista História & Perspectivas*, n.25 e 26 – jul./dez.2001/jan./jun.2002, Uberlândia-MG,UFU.

BALANDIER, Georges. *Antropologia política*. Lisboa: Ed Presença, 1980.

\_\_\_\_\_. *O poder em cena*. Brasília: Editora UNB, 1982.

BARREIRA, Irllys e PALMEIRA, Moacir (orgs). *Candidatos e Candidaturas Políticas*. Enredos de campanha eleitoral no Brasil. São Paulo: Annablume, 1998..

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

BURITY, Joanildo. *Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

CAMPOS, Leonildo Silveira. De políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. IN: *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife-PE, Fundação Joaquim Nabuco ED.Massangana, 2006.

\_\_\_\_\_. *O projeto político de “Governo do justo”*: os recuos e avanços dos evangélicos nas eleições de 2006 e 2010 para a Câmara Federal. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/17642/10469> Acesso em: 23 fev. 2017.

CHACON, Vamireh. *História dos partidos brasileiros: discursos e práxis de seus programas*. Brasília: Ed. UNB, 1995.

CUNHA, Magali Nascimento. Religião e Política: ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. In. *Revista Perseu*, n. 11, ano 7, 2016.

\_\_\_\_\_. Evangélicos e eleições de 2014: primeiro balanço pós-5 de outubro. Instituto Humanitas Unisinos, 15 out/2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536286-evangelicos-e-as-eleicoes-2014-primeiro-balanco-pos-5-de-outubro> Acesso em: 16 mar. 2017.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. S.P.:Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. E. A. (Ed.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. p.67-159.

\_\_\_\_\_. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*. Viçosa-MG: Ultimato, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: EDUNESP, 1991.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. Livro I, II, III, 1999-2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 1995.

IBGE. Banco de Dados SIDRA. 2012. Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 18 jul. 2012.

JANOTTI, Maria de Lourdes. *O coronelismo, uma política de compromissos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, R.; HOFF, M.; DANTAS, T. Y. D. S. Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: A disputa pelo voto dos grupos religiosos. *Debates do NER*, v. 6, n. 10, p. 65-78, 2006.

MARTINS, Marcio. *Tributos do povo, Servos de Deus: Um estudo antropológico sobre políticos e religião na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Dissertação de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

MARX, Karl. O 18 Brumário. In. *A revolução antes da revolução – O 18 brumário*, as lutas de classe na França, e a Guerra Civil na França. São Paulo: expressão popular, 2008.

NICOLAU, Jairo. *Representantes de quem?: os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente – uma aula. In. *Novos Estudos CEBRAP*. N.75. São Paulo. Julho/2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002006000200008>

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo: Editora Paulinas, 1984. SAHLINS, Marshal. *Cultura na prática*. Rio de Janeiro: EDUFPR, 2004

SADER, Emir (org.). Gramsci: sobre o poder, política e partido. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SANTOS, Lyndon de Araújo; ALMEIDA, Vasni de. *"Fiel é a Palavra": leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana-BA: UEFS, 2011

SEGATO, Rita Laura. A Faccionalização da República e da Paisagem religiosa como índice de uma nova territorialidade. In: *SCIELO. Horiz. antropol.* vol.13 no.27 Porto Alegre Jan./June 2007. Disponível em : [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 05 dez. 2015.

SILVA, Juliana Vaz. *Entre o púlpito e o palanque: Candidatos evangélicos da Cidade de Catalão nas eleições de 2012*. Monografia – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: companhia das Letras, 2004.